

Bernardo Molina, OFMCap
Marcos Quesada, OFMConv
Darío Mercado, OFM

«ESTA É A VIDA
SEGUNDO O
EVANGELHO DE JESUS
CRISTO...»

(RegNB Pról. 2)

800 anos da Regra não Bulada



ICSFA

CFFB



RNB
800
anos!



Bernardo Molina, OFMCap

Marcos Quesada, OFMConv

Darío Mercado, OFM

**«ESTA É A VIDA SEGUNDO O EVANGELHO DE
JESUS CRISTO...»**

(RegNB Pról. 2)

800 anos da Regra não Bulada



**PROVÍNCIA SÃO FRANCISCO DE
ASSIS NO BRASIL
ICSFA EDITORA**

Av. Juca Batista, 330 - Ipanema
91770-000 – Porto Alegre – RS
CNPJ: 35.332.968/0001-08



<https://www.franciscanos-rs.org.br>

**CONFERÊNCIA DA FAMÍLIA
FRANCISCANA DO BRASIL**

SCLRN 709 – Bloco B – Entrada 11.
70750-512 – Brasília - DF



www.cffb.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M722e Molina, Bernardo

«Esta é a vida segundo o Evangelho de Jesus Cristo...» (*RegNB Pról. 2*) :
800 anos da Regra não Bulada». [recurso eletrônico] Bernardo Molina, Marcos
Quesada, Darío Mercado ; tradução de Fr. João Carlos Karling ; revisão Irmã
Vania Martins, CIFA e Fr. Arno Frelich, OFM ; Diagramação e Editoração:
Fr. Arno Frelich, OFM. – Porto Alegre: ICSFA/CFFB, 2021. 113 p.

Tradução de Fr. João Carlos Karling.

Revisão Irmã Vania Martins, CIFA e Fr. Arno Frelich, OFM.

Diagramação e Editoração: Fr. Arno Frelich, OFM Dados eletrônicos.

Dados eletrônicos: 1170Kb.

Modo de acesso:

<<https://www.franciscanos-rs.org.br/ebook-regranb800anos>>.

ISBN 978-65-88060-09-4.

1. Francisco de Assis. 2. Regra não Bulada. 3. Evangelização; 6. Vida Fraterna. 7.
Minoridade. 8. Escatologia. 9. Espiritualidade. I. Karling, João Carlos, Frei. II.
Título.

CDU 271(OFM)

Aprovação
Porto Alegre, 09/02/2021
Frei Marino P. Rhoden, OFM
Ministro provincial – PSFAB

ÍNDICE

BREVE HISTÓRICO DO TEXTO PARA A EDIÇÃO BRASILEIRA.....	7
BREVE CURRÍCULO DOS AUTORES.....	11
APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA	13
CARTA DOS AUTORES PARA A EDIÇÃO BRASILEIRA	15
INTRODUÇÃO.....	17
SIGLAS E ABREVIATURAS	21
I. «A REGRA E VIDA DESTES IRMÃOS É ESTA...» (<i>REGNB</i> I,1) INTRODUÇÃO HISTÓRICA.....	23
1. Antecedentes: a proto-Regra.....	24
2. Evolução do texto e estrutura interna	25
Sugestões para a releitura	27
Sugestões para a celebração.....	28
II. «A SEMENTE É A PALAVRA DE DEUS» (<i>REGNB</i> XXII,11). O REINO DE DEUS COMO PROJETO DE VIDA DOS IRMÃOS MENORES.....	29
1. O Reino de Deus como programa de vida.....	30
2. O Reino de Deus: coração do Evangelho e da Regra	31
Sugestões para a releitura	34
Sugestões para a celebração.....	35
III. SEGUIR AS PEGADAS DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO (<i>REGNB</i> I,1) ...	37
1. O seguimento de Jesus e os conselhos evangélicos.....	37
2. Elementos cristológicos do seguimento	40
Sugestões para a releitura	41
Sugestões para a celebração.....	42
IV. «E FAÇAMOS SEMPRE AÍ UMA HABITAÇÃO E UMA MORADA» (<i>REGNB</i> XXII,27) A VIDA NO ESPÍRITO	45
1. Visão do Espírito Santo	46

2. Missão do Espírito Santo no seguimento de Jesus	46
3. A ação do Espírito Santo na vida dos irmãos	47
4. Habitados pelo Espírito do Senhor	49
Sugestões para a releitura	50
Sugestões para a celebração.....	51
V. «SERVIR AO SENHOR DEUS DENTRO DA SANTA IGREJA» (<i>REGNB</i>	
XXIII,7) A DIMENSÃO ECLESIAL DOS IRMÃOS MENORES.....	53
1. Uma visão renovada da Igreja	53
2. Uma proposta eclesial nova	55
Sugestões para a releitura	56
Sugestões para a celebração.....	57
VI. «E CADA UM AME E CUIDE SEU IRMÃO...» (<i>REGNB</i> IX,10). A DIMENSÃO	
FRATERNA DOS IRMÃOS MENORES	59
1. Dimensão relacional da fraternidade	59
2. Dimensão minorítica da fraternidade.....	62
Sugestões para a releitura	64
Sugestões para a celebração.....	66
VII. «SEJAM MENORES E SÚDITOS DE TODOS» (<i>REGNB</i> VII,2) A	
MINORIDADE NA <i>REGNB</i>	67
1. A minoridade como nome e como estilo de vida	68
2. Menores, como Jesus Cristo	71
Sugestões para a releitura	75
Sugestões para a celebração.....	77
VIII. «E TODOS OS IRMÃOS PREGUEM COM AS OBRAS» (<i>REGNB</i> XVII,3) A	
DIMENSÃO EVANGELIZADORA DOS IRMÃOS MENORES.....	81
1. Fundamentação cristológica da evangelização franciscana.....	82
2. A alma da evangelização é o Espírito do Senhor	84
3. O testemunho, a forma privilegiada de Evangelizar.....	85
4. Disposições sobre a forma específica com a qual os irmãos menores devem realizar sua missão.....	85
5. Do modo de realizar a missão entre os que não creem.....	87
Sugestões para a releitura	88
Sugestões para a celebração.....	88

IX. «E AQUELE QUE PERSEVERAR ATÉ O FIM, ESTE SERÁ SALVO» (<i>REGNB</i> XVI,21) A DIMENSÃO ESCATOLÓGICA DOS IRMÃOS MENORES	91
1. A Itinerância	91
2. A pobreza.....	92
3. A esperança e a perseverança	93
Sugestões para a releitura	96
Sugestões para a celebração.....	96
CONCLUSÃO.....	99
BIBLIOGRAFIA	103
1. Fontes.....	103
2. Estudos sobre a Regra.....	103
3. Estudos franciscanos.....	103
4. Obras patrísticas	105
5. Outras obras.....	105
ANEXO	107



RNB
800
anos!



BREVE HISTÓRICO DO TEXTO PARA A EDIÇÃO BRASILEIRA

Irmãs, Irmãos! Paz e Bem!

É com muita alegria e gratidão, que estamos oferecendo este texto sobre a Regra não Bulada de São Francisco de Assis, em português. Desde quando ele chegou em minhas mãos, por meio da Secretaria Geral para a Formação e Estudos da Ordem dos Frades Menores, no dia 14/12/2020, na primeira leitura já fiquei muito impressionado e desejoso de compartilhá-lo, especialmente com os meus irmãos Frades e, também, com toda a Família Franciscana do Brasil, tendo presente a celebração dos 800 anos da Regra não Bulada. Ajuda-nos, creio, a motivação dos Irmãos da Secretaria Geral, que escreviam:

“Querido irmão, o Senhor te dê a paz.

[...] Anexo lhe enviamos um texto do professor Bernardo Molina OFM^{Cap} e dos estudantes de doutorado de língua espanhola Marcos Quesada OFM^{Conv} e Darío Mercado OFM, de nossa Universidade Antoniana. Este texto foi concebido para reflexão dos Frades sobre a Regra não Bulada, da qual celebraremos o oitavo centenário no próximo ano. Cremos que pode ser útil divulgar esta proposta, como ajuda para a Formação permanente e para encontros de aprofundamento sobre o tema. Não é um texto elaborado pela nossa Secretaria, mas estamos muito contentes de poder distribuir o material que pode ser útil para todos. [...]. Fr. Cesare y Fr. Siniša (14/12/2020)”.

Sem saber se seria possível editá-lo e publicá-lo, comecei a traduzir o texto, enquanto o meditava, como costume dizer, para o meu ‘consumo pessoal’, nas ‘leituras da madrugada’. Na medida em que avançava com a tradução e a meditação, crescia minha alegria e admiração pela forma e, especialmente, pela profundidade do conteúdo e alimento espiritual que me estava sendo dado.

Concluída a tradução do mesmo, entrei em contato com a Irmã Vania Martins, querida irmã e amiga Franciscana Aparecida, para que ela fizesse uma leitura atenta sobre a tradução, tendo ela formação na área, sem deixar de apreciar a mensagem. Ela, me escrevia no dia 06 de janeiro de 2021: *“Que bonito este texto”*

e, no dia 20 de janeiro: “*Que maravilha, Frei. Um texto rico como esse deve ser compartilhado. Me alegro*”. Gratidão, Irmã Vania, pela gentileza da ajuda, as correções e o incentivo para ir em frente com a publicação para a Família Franciscana do Brasil e os admiradores de São Francisco de Assis.

Enquanto Irmã Vânia revisava o texto, fiz contato com Frei Cláudio André Lotermann, confrade e doutorando em Filosofia Franciscana, na Universidade da Ordem, em Roma, pedindo-lhe que me ajudasse a encontrar o caminho para entrar em contato com os autores. ‘Caminhamos’ uns dez dias até chegar a eles! Sou muito grato, Frei Cláudio, pela tua intercessão... Frei Bernardo Molina, escrevia em nome dos autores: “***Estou de acordo com a tradução do texto em português. A ideia é que o texto se torne útil para todos aqueles que tem o desejo de aprofundar as fontes franciscanas***” (21.01.2021).

Frei Arno Frelich, juntamente com Irmã Vania, incansável na revisão e, especialmente, na editoração do texto, um grande “Deus lhe pague!”.

Irmã Cleusa Aparecida Neves, CFA, Presidente da Conferência da Família Franciscana do Brasil, alegria pela generosa acolhida, apresentando o texto para a edição brasileira, de forma tão leve e iluminada. Irmã Márcia Regina Munari, IFST, *Coordenadora da Sede da CFFB*, gratidão pelas intermediações para a coedição do texto. Acolhendo a parceira da coedição, Irmã Cleusa Aparecida Neves escrevia:

“Caro Frei João, Paz e Bem!

Em resposta à solicitação referente a “uma edição conjunta do e-book de nossos Irmãos Bernardo Molina, Marcos Quesada, Darío Mercado, sobre a celebração dos 800 anos da Regra não Bulada, de nosso irmão Francisco”, comunicamos que, após a leitura dos pareceres, a parceria foi aprovada pelo Conselho Diretor.

De acordo com os leitores que fizeram a apreciação do texto, este é “um verdadeiro tesouro do coração de Francisco” e a forma como está ordenado, conteúdo, roteiro de estudo e celebração além de interessante, em muito contribuirá para a formação dos membros da família franciscana do Brasil.

Agradecemos o convite para a parceria e nos colocamos a disposição para apoio e colaboração com toda iniciativa que possa contribuir para a unidade e crescimento da Família Franciscana.

Em Francisco e Clara, o desejo de toda paz e bem.

Fraterno abraço.

Ir. Cleusa Aparecida Neves, CFA”.

Gratidão profunda aos autores, Frei Bernardo Molina, OFM^{Cap}, Frei Marcos Quesada, OFM^{Conv} e Frei Darío Mercado, OFM, que assim como dispuseram livre e gratuitamente o texto em espanhol, também nos permitiram a tradução e publicação em e-book, para que pudesse estar disponível, sem custo, para todos. Grande generosidade dos Irmãos, para com toda a Família Franciscana. Eis um belo fruto do Carisma e da Espiritualidade de São Francisco de Assis, a exemplo do Mestre: *“De graça recebestes, de graça dai também vós”*.

Desejo que o itinerário proposto, com seus nove passos, apresentados na introdução e desenvolvidos ao longo do texto, para a leitura, estudo, meditação e contemplação da vida revelada na Regra não Bulada, nos ajude, em nossa Formação permanente, no processo de crescimento interior e na espiritualidade franciscana. Oxalá comunguemos cada vez mais do Carisma que nos foi legado, como Família Franciscana, juntamente com todos os admiradores e admiradoras de São Francisco de Assis, o Pobrezinho; que continuemos sendo testemunhas da vida e esperança que nos habita, e que suscitou e sustenta o Carisma Francisclariano desde as Origens.

Acrescentamos, como anexo, a carta ***Viver e seguir***, que os Ministros Gerais Franciscanos escreveram, para animar e acompanhar a celebração dos 800 anos da Regra não Bulada.

Concluimos este breve histórico, com as palavras dos autores, especialmente enviadas para a edição brasileira:

“Os «Escritos» são o ponto de referência obrigatório para uma aproximação da experiência espiritual-cristã de Francisco de Assis e para conhecer, por meio deles, as características essenciais da espiritualidade e as origens da Ordem: eles nos revelam a mensagem e o itinerário espiritual do Pobrezinho. O retorno aos textos franciscanos é uma obrigação para todos, especialmente para as novas gerações. É necessário voltar ao passado, para enfrentar o presente. Poderíamos dizer que cada geração necessita voltar para Francisco, à sua maneira. As próprias Fontes Franciscanas também têm diferentes vozes sobre Francisco, nos diferentes momentos da história. Cada geração escuta do seu jeito, com outros ouvidos, os textos de sempre. A história, no momento atual, com suas realizações e contradições, esperanças e perguntas, converte-se em sinal, em novo tempo, no qual pulsa, de maneira nova, o Espírito

de Deus. Nesse sentido, converte-se em nova porta de acesso ao originário, aos clássicos, ao próprio Francisco. Este é o convite que fazemos a cada leitor: aproximar-se da Regra não Bulada, como a uma fonte que lhe permitirá beber e fortalecer a própria opção de vida evangélica, para seguir sonhando e projetando cenários de vida mais humanos e evangélicos”.

“Até agora, pouco ou nada fizemos. Podemos recomeçar?” Boa novena de celebração dos 800 anos da Regra não Bulada do Pobrezinho de Assis, no Espírito do Senhor e seu santo modo de operar!

Frei João Carlos Karling, OFM,
Pela Equipe Editorial da ICSFA Editora
Moderador da Formação permanente
Província São Francisco de Assis no Brasil
jckarling@gmail.com
Porto Alegre, 08/02/2021.

BREVE CURRÍCULO DOS AUTORES



Frei Bernardo Molina é Frade Menor Capuchinho, pertence à Província São Francisco de Assis, do Chile. Em 2005 licenciou-se em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Chile. Prestou vários serviços na animação e formação da Ordem dos Capuchinhos. Realizou seus estudos de pós-graduação na Pontifícia Universidade *Antonianum*, de Roma, obtendo o grau de Doutor com a tese: «*O Reino de Deus no pensamento eclesiológico e escatológico de São Francisco de Assis, segundo seus Escritos e Fontes Hagiográficas dos séculos XIII e XIV*», sob a orientação de Leonhard Lehmann e o acompanhamento de Fernando Uribe (†). Atualmente é professor na Escola Superior de Estudos Franciscanos de Madri e no Instituto Franciscano de Espiritualidade, em Roma (Pontifícia Universidade *Antonianum*). É autor de vários artigos e livros sobre espiritualidade franciscana, tradutor de várias obras hagiográficas do século XIII e participa da comissão para a redação da nova edição das Fontes Franciscanas, em espanhol.

¹ Textos e fotos enviados pelos próprios autores.



Frei Darío José Mercado Luna é Frade Menor. Pertence à Província Franciscana de São Paulo, na Colômbia, na qual prestou os serviços como pároco, professor e Mestre de Postulantes. É licenciado em Biologia, pela Universidade de Pamplona, na Colômbia, especialista em Teologia Espiritual pela Pontifícia Universidade *Antoniana* em Roma. Atualmente continua seus estudos de doutorado e também realiza o Master em Fundraising, comunicação e management, na Italian Adventis University.



Frei Marcos Quesada Navarro nasceu em Cartago, Costa Rica, no dia 14 de fevereiro de 1982. Pertence à Custódia Provincial “Maria Mãe da Misericórdia”, dos Frades Menores Conventuais, da América Central. Foi ordenado sacerdote em 6 de abril de 2013. Por seis anos exerceu seu ministério pastoral na Guatemala (2012-2018). Desde 2018 vive em Roma, por razões acadêmicas. Em 2019 concluiu seu Mestrado em Espiritualidade Franciscana, na Pontifícia Universidade *Antoniana*. Atualmente faz o doutorado no mesmo centro de estudos. Sua investigação doutoral centra-se nos escritos de São Francisco de Assis.

APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

No ano em que celebramos os 800 anos da Regra não Bulada (1221-2021), somos presenteados com a publicação em e-book do texto: *“Esta é a vida segundo o Evangelho de Jesus Cristo...”* (RegNB Pról.2) – 800 anos da Regra não Bulada. Escrito a três mãos é “um tesouro franciscano” que possibilita-nos fazer memória de uma vida e história: Francisco de Assis, bem como dialogar com o texto e as sugestões para releitura, apresentadas ao final de cada núcleo temático. Vale ressaltar: o diálogo produzido entre o texto e o leitor possibilita assimilação de respostas, pois, ao mesmo tempo que o texto apresenta provocações, convoca-nos a sermos aprendizes, o que faz com que nossa experiência de vida seja enriquecida.

Organizado em nove núcleos temáticos, ao final de cada um deles encontramos sugestões para releitura e para celebração. Embora tenha como público alvo os membros da Família Franciscariana, o conteúdo tem o poder de agradar, também, a todos que buscam inspiração em Francisco de Assis e àqueles que sabem apreciar uma boa leitura. Mais importante, acreditamos que sua leitura continuará quando o leitor chegar à última página.

Com clara espiritualidade franciscana, o texto em muito pode ajudar-nos a perceber a que distância estamos de nossa identidade e pertença franciscana e, ao mesmo tempo, esperar. Como nos dizes de Mario Sérgio Cortela, “sermos capazes de buscarmos o que é viável para fazer o inédito”. E, na dinâmica do seguimento de Jesus Cristo, a exemplo de Francisco e Clara de Assis, fazer o inédito significa deixarmos a marca do compromisso com o Evangelho na história que construímos.

Por fim, ler *“Esta é a vida segundo o Evangelho de Jesus Cristo...”* (RegNB Pról.2) – 800 anos da Regra não Bulada, além de despertar o desejo de conhecer melhor as Fontes Franciscanas, inspira a refletir sobre o modo de ser, viver e conviver, à luz do Evangelho – “Regra e vida”. Em outras palavras, pode ajudar-

nos a incorporar na experiência cotidiana modos diferentes de compreender a vida franciscana, na medida em que encontramos respostas para a pergunta: Como nós, filhos e filhas de Francisco e Clara de Assis, estamos construindo nossa fisionomia franciscana dentro da Igreja e da sociedade?

Nosso agradecimento especial aos autores Frei Bernardo Molina, OFM^{Cap}, Frei Marcos Quesada, OFM^{Conv} e Frei Darío Mercado, OFM, por disponibilizarem para o Brasil este tesouro, fruto de estudo, pesquisa, reflexão e partilha.

No ano em que celebramos os 800 anos da *RegNB*, receber este presente é graça e também motivo para esperar. Por esta razão, convidamos em especial a todos os irmãos e irmãs da Conferência da Família Franciscana do Brasil – CFFB a fazerem uso deste tesouro a nós oferecido, pois, conforme afirmam os autores: “A *RegNB* é um ponto de partida para todos aqueles que queiram viver como ‘irmãos’ e ‘menores’” (p. 102) e “No papel, a Regra não Bulada não pode ser seguida, mas pode sê-lo na existência de quem acolhe, por ‘inspiração divina’ (*RegNB* II,1), o convite a viver a própria fé em sintonia com a genialidade de São Francisco” (p. 113).

A exemplo do Seráfico pai Francisco e nossa mãe Clara de Assis, tenhamos mente e coração abertos para que o Espírito do Senhor possa em nós e através de nós fazer maravilhas.

Irmã Cleusa Aparecida Neves, CFA
Presidente da CFFB
Fevereiro de 2021.

CONFERÊNCIA DA FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL
SCLRN 709 – Bloco B – Entrada 11. Brasília/DF CEP: 70750-512
Tel. (61) 3349-0157 Whatsapp (61) 9 9958-2781
www.cffb.org.br e-mail: coordenacao@cffb.org.br

Ir. Márcia Regina Munari, IFST

Coordenadora da Sede | Conferência da Família Franciscana do Brasil
(61) 3349-0157 (Claro) • (61) 99588-2781 (WhatsApp)
CFFB.org.br • [Facebook](https://www.facebook.com/CFFB.org.br)

CARTA DOS AUTORES PARA A EDIÇÃO BRASILEIRA

Estimadas Irmãs e Irmãos,

O Senhor lhes dê sua paz (Test 23).

Neste ano de 2021 completam-se 800 anos da redação da Regra não Bulada (1221). Os Ministros gerais, das diferentes obediências da Família Franciscana, escreveram uma carta² para animar e acompanhar este aniversário, que se apresenta como uma ocasião propícia para refletir sobre nossa identidade e pertença ao carisma. Desde esta perspectiva, preparamos um breve texto, para a reflexão a nível pessoal, fraterno e provincial. É um serviço gratuito, que tem como finalidade despertar o desejo de ler nossas fontes e projetar nosso futuro no mundo e na Igreja. Somos três Irmãos, das diferentes obediências, que por diferentes serviços, neste momento vivemos em Roma. A proposta é a seguinte:

1. O texto é um guia, distribuído em nove encontros, que tem como primeira finalidade despertar e acompanhar o desejo de ler a Regra não Bulada.
2. O material pode ser distribuído da maneira que cada Fraternidade, Província, etc. considerar oportuno. O ideal seria respeitar a distribuição dos encontros, para tirar mais proveito da reflexão pessoal e fraterna.
3. Os encontros estão distribuídos em três seções: uma breve reflexão informativa sobre o tema, algumas ideias (provocações) para a releitura e atualização e um breve esquema para a celebração, com a qual se conclui cada encontro.
4. Os destinatários são Irmãos Menores pertencentes às três Ordens, as Irmãs Clarissas e Clarissas Capuchinhas, Irmãs e Irmãos da OFS e da TOR. Todos os que desejam aprofundar a espiritualidade e o carisma franciscano.

² A carta dos Ministros Gerais encontra-se em anexo, à página 107.

Se vocês se interessam pelo material, que consiste numa publicação digital, podem contatar com algum dos três Irmãos que assinamos esta carta. O texto traduzido para o português estará disponível na página <https://www.franciscanos-rs.org.br>. Seria ideal começar a trabalhá-lo em março de 2021, para poder finalizar o estudo com algum momento formativo, a nível local ou Provincial, em novembro de 2021.

Ler e meditar a Regra não Bulada pode transformar-se num tempo propício para “fazer memória agradecida” e para “projetar o futuro” de nossa Forma de Vida na Igreja e no mundo.

Saudações fraternas e um abraço agradecido.

Fr. Darío Mercado OFM
dariojosem4@gmail.com

Fr. Marcos Quesada OFMConv
conventualonada@gmail.com

Fr. Bernardo Molina OFMCap
nbmolinaster@gmail.com

Roma, janeiro de 2021.

INTRODUÇÃO

A Regra não Bulada é uma fonte carismática, comum para toda a família franciscana. Ela representa um momento importante da codificação e legislação do carisma. Nesse sentido, existe uma relação intrínseca entre a proto-Regra (1209), *RegNB* (1221), *RegB* (1223) e o *Test* (1226); esses textos permitem conhecer as principais intuições da inspiração carismática de Francisco de Assis. A *RegNB* teve um processo formativo: é uma norma «de» e «para» a vida dos Irmãos Menores, cujo texto legislativo nasceu do encontro, do discernimento e da confrontação dos irmãos nos Capítulos e em outras instâncias. O texto apresenta uma dimensão espiritual e prática que, por sua vez, estabelece uma relação indissolúvel entre letra e espírito; regra e vida; Evangelho e testemunho.

Os 800 anos da composição da *RegNB* é uma ocasião para voltar ao texto: lê-lo, analisá-lo, meditá-lo e confrontá-lo com a realidade atual. A *RegNB* teve um itinerário histórico, que representa a evolução da primeira fraternidade, no qual os irmãos tiveram um papel importante, em torno do irmão Francisco; e, de cara, com o carisma que Deus lhe revelara:

E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do santo Evangelho. Eu o fiz escrever com poucas palavras e de modo simples, e o senhor Papa mo confirmou³.

É um novo sinal dos tempos que, depois de 800 anos, a *RegNB* possa ser lida em comunhão e participação da grande família franciscana: um texto de inspiração carismática, que, ainda hoje, pode ajudar a projetar o futuro da vida evangélica no mundo e na Igreja. No marco da celebração dos 800 anos da *RegNB*, o texto que oferecemos, é fruto da reflexão de três irmãos, pertencentes às três

³ *Test* 14-15. **Nota do Tradutor:** para os textos de Francisco e das hagiografias, seguiremos as “Fontes Franciscanas e Clarianas. Petrópolis, RJ, Editora Vozes e FFB, 2004”. Mantemos as siglas e abreviaturas do texto original. Onde necessário, faremos alguma observação na respectiva nota de rodapé.

obediências da primeira Ordem: Irmãos Menores, Irmãos Menores Conventuais e Irmãos Menores Capuchinhos.

Este trabalho consiste, fundamentalmente, numa leitura temática diacrônica da *RegNB*, a partir da qual o dividimos em nove núcleos temáticos, que apresentamos sob os seguintes títulos:

1. «A regra e a vida destes irmãos é esta...» (*RegNB* I,1).
2. «A semente é a Palavra de Deus» (*RegNB* XXII,11). O Reino de Deus como projeto de vida dos Irmãos Menores.
3. Seguir as pegadas de nosso Senhor Jesus Cristo (*RegNB* I,1).
4. «E façamos sempre aí uma habitação e uma morada» (*RegNB* XXII,27). A vida no Espírito.
5. «Servir ao Senhor Deus dentro da santa Igreja» (*RegNB* XXIII,7). A dimensão eclesial dos Irmãos Menores.
6. «E cada um ame e cuide seu irmão...» (*RegNB* IX,10). A dimensão fraterna dos Irmãos Menores.
7. «Sejam menores e súditos de todos» (*RegNB* VII,2). A minoridade na *RegNB*.
8. «E todos os irmãos preguem com as obras» (*RegNB* XVII,3). A dimensão evangelizadora dos Irmãos Menores.
9. «E aquele que perseverar até o fim, este será salvo» (*RegNB* XVI,21). A dimensão escatológica dos Irmãos Menores.

Os nove temas apresentam um esquema único: em primeiro lugar, uma fundamentação sistemática dos elementos essenciais que estão presentes no texto, e que, foram individuados nos núcleos já elencados; em segundo lugar, algumas sugestões para a releitura, que são, basicamente, um convite para estabelecer um diálogo hermenêutico entre o texto da *RegNB* e a realidade atual da Ordem ou Congregação, da fraternidade, da pessoa, etc. Por último, algumas sugestões para

celebrar nossa vocação, como irmãos, desde a perspectiva dos diferentes matizes dos nossos carismas; cada celebração sugere ou apresenta um sinal que interpela e anima a viver nossa vocação no presente. Assim, queremos oferecer um simples e prático instrumento, que acompanhe e motive fundamentalmente a leitura do texto da *RegNB* e, pela graça de Deus, desperte o desejo de colocá-la em prática.

Convêm assinalar, finalmente, alguns aspectos de ordem metodológica: os textos dos Escritos de São Francisco são tomados da última edição crítica, cuja tradução espanhola pode ler-se em “FRANCISCI ASSISIENSIS *Scripta*, critice edidit Carolus Paolazzi OFM, Hispanicam versionem Scriptorum S. Francisci curavit Isidorus Rodríguez Herrera OFM (†). Hispanicam versionem ex lingua Italica ac totius operis revisionem curavit Raphael Sanz Valdivieso OFM, Collegii S. Bonaventurae ad Claras Aquas, Grottaferrata (Roma) 2014”⁴. Os textos das hagiografias estão citados segundo a nomenclatura proposta pela, “BAC” em *San Francisco de Asís. Escritos, biografías y documentos de la época*,” edição preparada por “J. A. Guerra. Nueva edición corregida y actualizada, Madrid, 2013”; no entanto, em alguns casos, mudamos a sigla, segundo sua nova nomenclatura⁵. Por último, as regras metodológicas utilizadas correspondem às normas da Pontifícia Universidade *Antonianum*⁶.

Este esforço comum não pretende um caráter de oficialidade; somente, busca propor um instrumento de leitura, que permita ir do texto à vida e da vida ao texto; isto permitirá redescobrir a riqueza e a problemática de um escrito que, depois de oito séculos de história, segue mostrando seu dinamismo vital e sua atualidade; logo, apresenta-se, também, como uma leitura oportuna e meritória, em meio do desejo atual, em buscar a renovação integral da vida religiosa.

Para nós, sentar-nos, repetidas vezes, para discutir um texto no qual nos reconhecemos como família franciscana, trabalhar com um mesmo método de estudo e esforçar-nos para chegar a conclusões compartilhadas significou, sem

⁴ Nota do Tradutor: para os textos de Francisco e das hagiografias, seguiremos as “Fontes Franciscanas e Clarianas”. Petrópolis, RJ, Editora Vozes e FFB, 2004.

⁵ Ver tabela de abreviaturas.

⁶ Podem ser consultadas em: <http://antonianum.eu/pdf/14.pdf>

dúvida, um espaço precioso de encontro fraterno e crescimento pessoal. Queremos concluir essa introdução convidando-os à mesma experiência: ler este subsídio que colocamos em vossas mãos, cujo sentido e compreensão plenos serão possíveis somente se se tiver lido e saboreado primeiro o texto que lhe dá origem, a Regra não Bulada: expressão inestimável do pensamento e da aventura evangélica de Francisco de Assis e de seus primeiros irmãos.

Agradecemos a fraterna colaboração na revisão do texto a Elena Coelho, Jesús Torrecilla OFMCap e Edwin David Díaz OFMCap.

SIGLAS E ABREVIATURAS

a. Bíblicas

<i>Dn</i>	Daniel.
<i>Mc</i>	Evangelho segundo São Marcos.
<i>Mt</i>	Evangelho segundo São Mateus.
<i>Lc</i>	Evangelho segundo São Lucas.
<i>Jo</i>	Evangelho segundo São João.
<i>Gl</i>	Carta aos Gálatas.
<i>Rm</i>	Carta aos Romanos.
<i>Hb</i>	Carta aos Hebreus.
<i>Sant</i>	Carta de São Tiago.
<i>1Jo</i>	Primeira carta de São João.
<i>1Pe</i>	Primeira carta de Pedro.

b. Escritos de São Francisco de Assis

<i>Adm</i>	(<i>Admonitiones</i>) Admoestações.
<i>BenL</i>	(<i>Benedictio fratri Leoni data</i>) Bilhete a Frei Leão.
<i>Cánt</i>	(<i>Canticum fratris Solis</i>) Cântico do irmão sol ou Louvores das criaturas.
<i>CtaAnt</i>	(<i>Epistola ad sanctum Antonium</i>) Carta a Santo Antônio.
<i>1CtaCler</i>	(<i>Epistola ad Clericos</i>) Carta aos clérigos (1ª recensão).
<i>2CtaCler</i>	(<i>Epistola ad Clericos</i>) Carta aos clérigos (2ª recensão).
<i>1CtaCus</i>	(<i>Epistola ad Custodes 1</i>) Carta aos custódios (1ª recensão).
<i>2CtaCus</i>	(<i>Epistola ad Custodes 2</i>) Carta aos custódios (2ª recensão).
<i>1CtaF</i>	(<i>Epistola ad Fideles 1</i>) Carta aos fiéis (1ª recensão).
<i>2CtaF</i>	(<i>Epistola ad Fideles 2</i>) Carta aos fiéis (2ª recensão).
<i>CtaL</i>	(<i>Epistola ad fratrem Leonem</i>) Carta a Frei Leão.

<i>CtaM</i>	(<i>Epistola ad Ministrum</i>) Carta a um ministro.
<i>CtaO</i>	(<i>Epistola toti Ordini missa</i>) Carta enviada a toda a Ordem.
<i>CtaA</i>	(<i>Epistola ad populorum rectores</i>) Carta aos governantes dos povos.
<i>ExhAD</i>	(<i>Exhortatio ad Laudem Dei</i>) Exortação ao louvor de Deus.
<i>ParPN</i>	(<i>Expositio in Pater Noster</i>) Paráfrase ao Pai Nosso.
<i>Fragm</i>	(<i>Fragmenta alterius RegNB</i>) Fragmentos da Regra não Bulada.
<i>AlD</i>	(<i>Laudes Dei Altissimi</i>) Louvores ao Deus Altíssimo.
<i>AlHor</i>	(<i>Laudes ad omnes horas dicendae</i>) Louvores a serem ditos a todas as horas [canônicas].
<i>OrSD</i>	(<i>Oratio ante Crucifixum dicta</i>) Oração diante do Crucifixo.
<i>OfP</i>	(<i>Officium Passionis Domini</i>) Ofício da Paixão do Senhor.
<i>RegB</i>	(<i>Regula bullata</i>) Regra Bulada.
<i>RegEr</i>	(<i>Regula pro eremitoriis data</i>) Regra para os eremitérios.
<i>RegNB</i>	(<i>Regula non bullata</i>) Regra não Bulada.
<i>SalBMV</i>	(<i>Salutatio Beatae Mariae Virginis</i>) Saudação à Bem-aventurada Virgem Maria.
<i>SalVirt</i>	(<i>Salutatio virtutum</i>) Saudação às virtudes.
<i>Test</i>	(<i>Testamentum</i>) Testamento.
<i>TestS</i>	(<i>Testamentum Senis Factum</i>) Testamento de Sena
<i>UltVol</i>	(<i>Ultima voluntas S. Clarae scripta</i>) Última vontade a Santa Clara.
<i>VerAl</i>	(<i>De vera et perfecta letitia</i>) Perfeita alegria.

c. Hagiografias de São Francisco de Assis

<i>VbF</i>	Vida do Beato Francisco.
<i>Mem</i>	Memorial.
<i>CompAss</i>	Compilação de Assis.

I. «A REGRA E VIDA DESTES IRMÃOS É ESTA...» (REGNB I,1)

INTRODUÇÃO HISTÓRICA

O texto que nos propusemos estudar, constitui a fonte mais importante, sobre as origens franciscanas⁷. A Regra não Bulada, que tem como ponto de partida o encontro decisivo de Francisco com o Evangelho de Jesus Cristo⁸, é um texto complexo, vital e fundamental: **complexo**, porque é fruto de um processo histórico que se entrecruza, nem plano nem harmônico, um processo marcado por tensões de todo tipo; **vital**, porque foi pensado e oferecido como uma «forma de vida»; não como um rígido ordenamento jurídico, mas sim, como uma concretização dinâmica do Evangelho; e, finalmente, a *RegNB* é um texto **fundamental**, porque conserva, com clareza incontaminada, muitas das intuições originárias que Francisco entendeu como iluminação divina, e que, determinaram sua aventura evangélica e a de seus primeiros irmãos; foram intuições, portanto, que também conduziram a fraternidade para sua institucionalização.

Para aproximar-nos das origens da Ordem Franciscana e da normativa evangélica em torno da qual se estruturou, é elementar conhecer a Regra de 1221 e as circunstâncias entrelaçadas com sua origem. Para isto, deter-nos-emos brevemente em dois pontos: os antecedentes históricos e a evolução e estrutura do texto.

⁷ Cf. D. DOZZI, *Il Vangelo nella Regola non bollata di Francesco d'Assisi*, Roma, 1989, p. 31. Os itálicos são dos autores.

⁸ Esse encontro foi primeiramente pessoal (cf. *VbF* IX, 22 [1*Cel* IX, 22,1-10]; *TSoc* XXV,1-7; *LegM* III,1), e num segundo momento foi comunitário: Francisco consulta o Evangelho junto com seus dois primeiros discípulos, Bernardo de Quintavalle e Pedro Cattaneo (*VbF* XXIV,5-8 [2*Cel* X, 15,1-10]; *De Inceptione* 10-11; *TSoc* XXVIII, 6-29; *Mem* XV,2-10 [2*Cel* XXV, 2-10]; *LegM* III,3). Os textos hagiográficos foram consultados em: *San Francisco de Asís. Escritos, biografías y documentos de la época*, edición preparada por J. A. Guerra. Nueva edición corregida y actualizada, Madrid, 2003.

1. Antecedentes: a proto-Regra

A conversão de Francisco e o projeto evangélico, que ele iniciou com os primeiros irmãos, tem, como contexto, as conjunturas históricas dos dois primeiros decênios do século XIII, que influenciaram na configuração literária da *RegNB*. Devemos esclarecer que, antes de 1221, o termo «regra» ainda não estava definido oficialmente na Ordem⁹; não obstante, sabemos que existia um texto base, um *Propositum vitae*, estruturado a partir de textos bíblicos que Francisco apresentou ao Papa Inocêncio III, para sua aprovação. Desta proto-Regra, lamentavelmente, não temos nenhum testemunho documental direto; sabemos, somente, que sua primeira redação coincide com a chegada dos primeiros irmãos. Na *RegNB*, contudo, podemos encontrar vários fragmentos que, com muita probabilidade, faziam parte deste *Propositum vitae* inicial¹⁰.

A existência de uma tal proto-Regra ou *Propositum vitae* está em plena coerência com o que o próprio Pobrezinho escreve em seu Testamento: «o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do santo Evangelho. E eu o fiz escrever com poucas palavras e de modo simples, e o Senhor Papa mo confirmou»¹¹. O primeiro biógrafo, Tomás de Celano, confirma este fato e nos permite conhecer outros detalhes a respeito do mesmo, ao referir que:

Vendo o bem-aventurado Francisco que o Senhor Deus a cada dia aumentava o seu número, escreveu para si e para seus irmãos presentes e futuros, de maneira simples e com poucas palavras, uma forma e regra de vida, utilizando principalmente palavras do santo Evangelho, a cuja perfeição unicamente aspirava. E inseriu poucas outras coisas que eram absolutamente necessárias para a prática do santo modo de viver¹².

⁹ Como não estava, tampouco, oficialmente definido o nome de “Ordem de Irmãos Menores”.

¹⁰ Principalmente aquelas passagens evangélicas que foram uma referência vocacional para o Pobrezinho (*Mt* 10,7-12; 16,24; 19,21; *Lc* 9,3), bem como os textos bíblicos incluídos no capítulo XIV. Outro elemento significativo é que no prólogo da *RegNB*, Francisco promete obediência ao Papa Inocêncio III, ainda que este tenha morrido em 16 de julho de 1216. Uma indicação deste tipo teria que ser incluída na *RegNB* antes de 1216, porque a obediência canônica não pode ser prometida a uma pessoa morta; estaríamos, então, diante outro vestígio do *Propositum vitae*. Cf. FRANCISCI ASSISIENSIS *Scripta*, crítica edita Carolus Paolazzi OFM, Hispanicam versionem Scriptorum S. Francisci curavit Isidorus Rodríguez Herrera OFM (†). Hispanicam versionem ex lingua Italica ac totius operis revisionem curavit Raphael Sanz Valdivieso OFM, Collegii S. Bonaventurae ad Claras Aquas, Grottaferrata (Roma), 2014, p. 228.

¹¹ *Test* 14-15.

¹² *VbF* 32, (1Cel, Cap. XIII, 32,1-3). Vê-se claramente que o hagiógrafo toma as palavras reportadas no Testamento (15): «...eu o fiz escrever com poucas palavras e de modo simples».

A *RegNB* tem, pois, suas origens nesta «forma de vida e regra», apresentada a Inocêncio III, em 1209. Durante os anos seguintes, o documento enriqueceu-se, desenvolveu-se e se discerniu à luz de três fatores decisivos¹³: a) as experiências fraternas e pastorais dos irmãos, b) os ensinamentos e vivências de Francisco, c) a doutrina da Igreja, especialmente os decretos do IV Concílio de Latrão¹⁴.

A proto-Regra, logo, se mostrou insuficiente para um grupo que crescia exponencialmente, e que, conquistava espaços cada vez mais importantes na Igreja e na sociedade. Isto provocava, no grupo¹⁵, uma necessidade constante de auto-definição; o que obrigava, também, à consolidação de uma regra mais elaborada, isto é, que não fosse somente um tecido de textos evangélicos, e que, respondesse de maneira melhor às novas circunstâncias. É assim, como os frades que, por exemplo, chegaram a Paris em 1219, levavam consigo uma Regra¹⁶, cujo conteúdo teria que ser muito próximo ao texto que agora estudamos.

2. Evolução do texto e estrutura interna

O processo de formação da *RegNB* abarca, aproximadamente, um período de 12 anos. A etapa final foi o Capítulo de Pentecostes de 1221, o último no qual todos os irmãos se reuniram. Estes Capítulos anuais demonstraram ser uma excelente oportunidade para reler e reformular os textos normativos, que deveriam definir as linhas de ação da nova «Religião». Algumas das hagiografias franciscanas primitivas¹⁷, e, também, alguns escritos do próprio Francisco¹⁸,

¹³ Cf. *Francis of Assisi, the Saint. Early Documents*, edited by J. Armstrong – J.A. Hellmann – W.J. Short, volume I, New York, 1999, p. 63.

¹⁴ Convocado e precedido por Inocêncio III, o Quarto Concílio Lateranense (celebrado de 11 a 30 de novembro de 1215) é considerado o mais determinante dos concílios medievais. Em várias seções da *RegNB*, p. ex., no capítulo XX, é evidente que Francisco acata as indicações emanadas deste concílio, sobretudo os cânones I, XX e XXI.

¹⁵ O termo «ordem» (*ordo*), no sentido de «ordem religiosa», não aparece na *RegNB*. A respeito de como se deu a evolução de uma fraternidade evangélica a uma ordem institucionalizada, as soluções dos estudiosos são variadas e, em alguns casos, extremistas: desde os que sustentam que Francisco quis somente uma fraternidade laical; até aos que propõem que desde o início o Assisiense pretendeu fundar uma nova ordem religiosa. Entre estas duas posturas antagônicas, está a via intermédia, que nos parece a mais razoável: a passagem de *fraternidade* a *ordem* se deu mediante uma evolução gradual, que não foi nem traumática nem malevolamente deturpada pela Cúria Romana. Cf. DOZZI, *Il Vangelo nella Regola non bollata*, 37.

¹⁶ Cf. D. FLOOD – W. VAN DIJK – T. MATURA, *La nascita de un carisma*, Milano, 1976, p. 46.

¹⁷ Cf. *Tsoc* XIV, 57.

¹⁸ Cf. *EpMin*13.

trazem notícias de como, efetivamente, a Regra era submetida à discussão e reelaboração, durante os Capítulos. Estas normas comunitárias, redigidas nos encontros anuais, eram apresentadas à Sede Apostólica, para sua correspondente aprovação, como o testemunha um historiador do século XIII¹⁹. Exatamente isso foi o que fizeram Frei Francisco e o Capítulo Geral de 1221: submeter o texto completo da Regra ao Papa Honório III, quem «a concedeu e confirmou»²⁰, mesmo sem uma bula escrita: daqui vem o nome de Regra não Bulada²¹.

O texto completo da *RegNB*, tal como hoje o conhecemos, é posterior a setembro de 1220²². Apesar dos avanços na investigação, ainda não podemos responder todas as perguntas a respeito da transmissão textual, datação, desenvolvimento e variantes textuais; estes continuam sendo problemas abertos e de não fácil solução. Ao menos, confirma-se um dado seguro: para chegar ao seu estado atual, a *RegNB* teve que passar por um longo processo evolutivo e de consolidação, que, não coincide, necessariamente, com a estrutura interna com a qual hoje a conhecemos: um prólogo introdutório, 23 capítulos e uma conclusão geral, que constitui o capítulo XXIV.

Ao tratar-se de um processo, cujo núcleo original remonta a 1209, é normal que no transcurso dos anos, o texto fosse revisto e enriquecido progressivamente, algumas seções sofressem mudanças, e outras, não. Por isso, alguns capítulos são posteriores a outros e, inclusive, ao interno deles, foram incluídas pequenas seções, ou modificadas, numa época posterior. Encontramos, também, repetições e alguns títulos que não correspondem plenamente com o conteúdo dos capítulos, etc.

Em nível de estrutura e conteúdo, fica claro que a *RegNB* rejeita qualquer classificação casuístico-canônica, porque não é um severo código disciplinar; é

¹⁹ Cf. JACOBO DE VITRY, *Carta primera*, en *San Francisco de Asís. Escritos, biografías y documentos de la época*, 956-957.

²⁰ Cf. *RegNB*, pról.

²¹ Que na conclusão da *RegNB* Francisco fale «da parte de Deus Onipotente e do Senhor Papa», para ordenar firmemente a observância deste texto jurídico, é um indicador de que a Regra tinha sido confirmada pela Sede Apostólica. Cf. FRANCISCI ASSISIENSIS *Scripta*, 235-234.

²² Este prazo (*post quem*) se deduz do fato de que no capítulo II (vv. 8-12) a Regra acata a normativa da *Cum secundum consilium*, uma bula papal que Honório III promulgou para os Irmãos Menores em 22 de setembro de 1220.

uma «Regra e vida»; composta não por um perito jurista, mas por um homem de coração livre e puro, que sempre quis viver e propagar o Evangelho.

A história da *RegNB* mostra, de forma privilegiada, o modo com o qual Francisco leu o Evangelho e como, em discernimento comunitário com os irmãos, o transformou paulatinamente num programa de vida. O texto legislativo dos Irmãos Menores continuou seu desenvolvimento e evolução até o ano de 1223. A Regra de 1221 reflete, com grande vivacidade, esse caminho identitário, realizado por uma fraternidade evangélica, que buscava auto definir-se, questionar-se e construir uma fisionomia própria, dentro da Igreja e da sociedade.

Isto nos ajuda a entender que a *RegNB* não é um texto fechado, como uma lei canônica, já fixada de maneira definitiva, mas sim, que reflete a evolução da Ordem²³: um «escrito vivo», vinculado diretamente aos desafios e aos ideais daquela fraternidade evangélica, que se refletia e apoiava nessa Regra, na qual texto e vida se afetam mutuamente.

Sugestões para a releitura

- A riqueza da *RegNB* evidencia-se pelo fato de que, embora seja de caráter legislativo, escapa a todo legalismo jurídico. Em seu interior encontramos grandes seções de profundo conteúdo espiritual e laudatório²⁴, que, por uma parte, nos falam da indubitável originalidade e autenticidade do texto e, por outra, nos introduzem na profundidade do coração do irmão Francisco. Também hoje, todos nós, que nos sentimos e estamos vinculados à herança carismática do Pobrezinho de Assis, devemos construir, assumir e vivenciar nossas normas jurídicas internas, com esse mesmo espírito de liberdade, gozo e agradecimento que caracterizaram, desde o início, a experiência cristã dos Irmãos Menores.
- A importância de fazer uma adequada releitura da própria história pessoal, fundacional e comunitária, mostra-se um recurso necessário para

²³ Cf. FLOOD, *La nascita de un carisma*, 48.

²⁴ Exemplo sublime são os capítulos XXII e XXIII.

redescobrir e valorizar as raízes que dão sustento ao que hoje somos, para saber responder aos sinais dos tempos presentes, com opções atualizadas e evangélicas, que sejam coerentes com a própria identidade carismática. Evidencia-se aqui a centralidade dos Capítulos (locais, custodiais, provinciais): ricos espaços de discernimento fraterno, que devem contribuir ao amadurecimento de nossas opções comunitárias e a tomada de consciência do ideal cristão e franciscano que nos irmana e identifica.

Sugestões para a celebração

Num contexto de encontro comunitário, e em clima de oração, convidamos vocês a refletir e responder ao que segue: tendo em conta que a Regra é um texto que, não somente busca ser obedecido juridicamente, mas acolhido de um modo muito mais generoso e integral, como «Regra e vida»:

1. Somos uma comunidade franciscana, que constrói ambientes comuns e saudáveis, nos quais nos sentimos livres e espontâneos, ou somos mais uma fraternidade legalista, onde as normas se tornam tiranas?
2. Nossas Constituições são um meio que permite, à nossa fraternidade, de narrar-se a si mesma, viver com alegria o Evangelho e traduzir fielmente o espírito da Regra de São Francisco para os nossos desafios atuais?
3. Nossas normas e estruturas deixam espaço para a intervenção de Deus e para a criatividade pessoal, em nossa vida individual e comunitária?
4. Conclua-se o momento celebrativo com a leitura da *Adm VII*:

Diz o Apóstolo: *A letra mata, o espírito, porém, vivifica* (2 Cor 3,6). São mortos pela letra aqueles que somente desejam conhecer as palavras para serem considerados mais sábios entre os outros e poderem adquirir grandes riquezas, para dá-las aos parentes e amigos. São também mortos pela letra aqueles religiosos que não querem seguir o espírito da divina escritura, mas apenas desejam conhecer as palavras e interpretá-las aos outros. E são vivificados pelo espírito da divina escritura aqueles que não atribuem a seu eu toda letra que conhecem e desejam conhecer, mas, pela palavra e pelo exemplo, as retribuem ao altíssimo Senhor Deus, de quem é todo bem.

II. «A SEMENTE É A PALAVRA DE DEUS» (REGNB XXII,11). O REINO DE DEUS COMO PROJETO DE VIDA DOS IRMÃOS MENORES

O princípio que alimenta, e é o substrato que sustenta e constrói o pensamento de Francisco, com relação ao Reino de Deus, é a Sagrada Escritura. A meditação e contemplação constante da Palavra de Deus, lida no seio da Igreja, permitiu-lhe entrar numa sintonia autêntica e profunda com Jesus Cristo e, por sua vez, captar as linhas fundamentais do anúncio da Boa Nova: «Cumpriu-se o prazo e está próximo o reinado de Deus: arrependei-vos e crede na boa notícia»²⁵. A *RegNB* remete, em primeiro lugar, ao Evangelho, como forma e norma de vida: é o ponto de partida e de chegada da forma de vida dos Irmãos Menores²⁶.

No texto podem identificar-se alguns núcleos narrativos, que concentram o radicalismo de certos temas essenciais do Evangelho do Reino, que passam a tomar parte do ideal carismático de Francisco: o seguimento, o projeto do Reino, etc²⁷. O Reino de Deus é uma ideia transversal e fundamental para Francisco de Assis. Jesus chamou seus ouvintes ao arrependimento e à fé. Estas são as atitudes exigidas àqueles que querem seguir ao Filho de Deus²⁸. Francisco captou e entrou nesta mesma dinâmica. A radicalidade desta experiência fundamenta e orienta a vida dos Irmãos Menores, já desde o ingresso na Ordem: «Ninguém que coloca a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus»²⁹.

²⁵ Mc 1,15. As citações Bíblicas são da “Bíblia do Peregrino”, Luís Alonso Scökel, Paulus, São Paulo, 2002 (Nota do Tradutor).

²⁶ Cf. *RegNB* Prol, 2.

²⁷ Cf. *RegNB* 1, 1-5; 9,1-4.7-10; *RegNB* 2, 14; 7, 15; 11, 10-11; 16, 12-15. 21; 22, 1-4; *RegNB* 11, 7-10; 14, 1-6.

²⁸ Cf. DUNN J. D. G., *El cristianismo en sus comienzos, Jesús recordado*, vol. I, traducción de S. Fernández Martínez, Estella, 2009, p. 571-576.

²⁹ *RegNB* II,10.

1. O Reino de Deus como programa de vida

O Reino de Deus é um programa de vida terreno, que exige certas atitudes que tornam possível a pertença e participação nele, e, ao mesmo tempo, uma promessa futura, para os que vivem de acordo com a lógica do anúncio de Jesus, assim o mostra a *RegNB*: «E, conquanto sejam chamados de hipócritas, não cessem, contudo, de fazer o bem; e não procurem roupas caras neste mundo, para que possam obter a vestimenta no reino dos céus»³⁰. A dimensão presente e futura, situam o Reino como um programa de vida evangélico, que perpassa toda a experiência cristã de Francisco e da primeira fraternidade³¹. Acolher o Reino é um compromisso primordial e vital, que envolve toda a vida do Irmão Menor, especialmente, a vigilância e a observância da pobreza de espírito, que se opõem a todo tipo de posse e domínio: «Acautelemo-nos, portanto, nós que tudo deixamos (Cf. *Mt* 19,27), para que não percamos por tão pouco o reino dos céus»³². Francisco descobre que o Evangelho e o Reino de Deus não são ideias abstratas, mas que se sintetizam e identificam na pessoa de Jesus e no plano da salvação.

O Reino é um modo de ser, de viver e de situar-se diante de Deus, de si mesmo, dos irmãos, da Igreja e do mundo. É um determinado modo de seguir e de anunciar a Jesus. Este tipo de proclamação é caracterizado pela minoridade:

Outro modo é que, quando virem que agrada a Deus, anunciem a palavra de Deus, para que creiam em Deus onipotente, Pai, Filho e Espírito Santo (cf. *Mt* 28,19), Criador de todas as coisas, no Filho redentor e salvador, e para que sejam batizados e se tornem cristãos, porque *quem não renascer da água e do Espírito Santo não pode entrar no Reino de Deus* (Cf. *Jo* 3,5)³³.

Francisco re-propõe o sentido e o alcance que tem o Reino de Deus, num período no qual a compreensão majoritária era a identificação do Reino de Deus com a realeza de Cristo. Contudo, pelo mergulho na Palavra de Deus, especialmente através do ritmo da liturgia, ele elabora, mediante sua experiência

³⁰ *RegNB* II,15.

³¹ «O Evangelho é tudo para os frades: estilo de vida, forma de ser e forma de atuar; numa palavra: a Regra dos frades. O sentido de sua existência é unicamente este: viver o alegre anúncio da Nova Aliança». Cf. K. ESSER, *Origini e valori autentici dell'Ordine dei Frati Minori*, Milano, 1972, p. 259.

³² *RegNB* VIII, 5.

³³ *RegNB* XVI, 7.

cristã pessoal e fraterna, como também social e eclesial, uma fresca e atual compreensão do núcleo da pregação de Jesus: «Fazei penitência (cf. Mt 3,2), produzi dignos frutos de penitência (Lc 3,8)» (conversão)³⁴. O Reino de Deus é uma dimensão transcendente, não sujeita às estruturas terrenas, mas que se instaura e cresce na história do mundo³⁵. É um compromisso e uma promessa. Francisco re-propõe a dimensão futura do Reino, porém, sem esquecer a situação e condição presente: «Bem-aventurados os que morrerem (cf. Ap 14,13) na penitência, porque estarão no reino dos céus»³⁶. A opção pelo Reino e sua justiça implica a perseverança e a fidelidade à Boa Notícia e à renovação das estruturas que não o espelham; por isso a *RegNB* enfatiza: «Bem-aventurados os que padecem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus (Mt 5,10)»³⁷. A forma de vida dos Irmãos Menores está estreitamente unida ao mistério pascal, como manifestação e proclamação do Reino de Deus.

2. O Reino de Deus: coração do Evangelho e da Regra

O Reino de Deus é o coração do Evangelho e o Evangelho é, por sua vez, o coração da Regra. Assim se define a forma de vida dos Irmãos Menores: «A Regra e vida destes irmãos é esta: viver em obediência, em castidade e sem propriedade e seguir a doutrina e as pegadas (cf. 1Pd 2,21) de Nosso Senhor Jesus Cristo»³⁸. A Regra, como forma de vida, está inserida no grande plano da salvação, sendo assumida na história pessoal de quem a professa. A Regra é a vida dos Irmãos Menores, e o será na medida em que seu conteúdo essencial, a observância do Evangelho, passe a formar parte do plano salvífico de cada um³⁹, isto é, na medida em que cada um logre uma personalização do projeto de vida evangélico.

³⁴ Cf. *RegNB* XVII, 1-19; 21,1-9.

³⁵ Cf. B. MOLINA, *El Reino de Dios en los Escritos de san Francisco de Asís*, en *Laurentianum* 61 (2020) p. 158ss.

³⁶ *RegNB* XXI, 7.

³⁷ *RegNB* XVI, 12; *RegB* X, 11.

³⁸ *RegNB* I, 1.

³⁹ Cf. F. URIBE, *La Regla de san Francisco, Letra y espíritu*, Murcia, 2006, p. 56.

O Evangelho é uma linha transversal e característica nos escritos de Francisco e, por isso mesmo, em sua experiência cristã⁴⁰. O Pobrezinho de Assis desencadeou um processo de encarnação (*kenótico*) da Palavra de Deus. Ele lia o Evangelho para vive-lo; para fazer carne a Palavra, que é Cristo. A relação com o Evangelho é a relação com uma Pessoa: Cristo (Palavra de Deus); desta perspectiva se entende o radicalismo do seguimento de Cristo, o qual exige uma vida vocacional⁴¹.

A relação que Francisco tem com a Palavra é uma relação viva e eficaz com a pessoa de Jesus. Como toda relação (diálogo) autêntica, envolve toda a pessoa. Somente quando a pessoa se envolve em suas dimensões fundamentais, então se pode dar o processo de «encarnação» da Palavra (trans-formação). Estas dimensões são: intelecto, afeto e prática. A *RegNB*, à luz da parábola do semeador, oferece um verdadeiro programa de vida espiritual, que tem como finalidade acolher, fazer crescer e dar frutos da «Palavra do Reino»⁴²: A Palavra do Reino pode ser acolhida por quatro tipos de terrenos: o que está junto do caminho, o que é pedregoso, o que está cheio de espinhos e o terreno que é bom e ótimo. Francisco, sem dúvida, adverte taxativamente que se evite qualquer um dos três primeiros tipos de terreno, que são o protótipo da não acolhida da Palavra do Reino. A atenção deve estar focalizada em ser o quarto tipo de terreno, «coração bom e ótimo», que é o modelo positivo, porque permite a acolhida, a germinação e a produção dos frutos. Cada um desses passos comporta uma ação determinada:

- a. O terreno junto ao caminho: escutar e não entender a Palavra do Reino. A importância da Palavra compreendida: entender (compreender) o sentido da Palavra e penetrar em seu mistério (ler dentro). Isto culmina no ato de fé.
- b. O terreno rochoso: escutar e não perseverar na Palavra do Reino. A importância da Palavra amada: somente se permanece naquilo que se ama,

⁴⁰ Para confirmar esta realidade basta fazer um pequeno passeio por alguns dos escritos: O *Test* (1226-1209), *RegNB* (1221) e *RegB* (1223), etc. Francisco conheceu os textos da Sagrada Escritura, especialmente os do NT, através da liturgia (ofício divino), que compreendia a Eucaristia e o Breviário (Liturgia das Horas). Os escritos revelam um notável conhecimento do NT e do AT, especificamente do livro dos Salmos.

⁴¹ Cf. *RegNB* 1, 1; 22, 9-18; *RegNB* 2, 1-15.

⁴² Cf. *RegNB* XXII,9-17.

o que requer estabelecer uma relação afetiva com a Palavra, a fim de permanecer e obedecer a ela.

- c. O terreno espinhoso: escutar e sufocar a Palavra do Reino. A importância da Palavra vivida: é o ato final que se verifica nos frutos, expressos na vida e na germinação da Palavra dentro do coração do cristão.
- d. O terreno bom: escutar e compreender a Palavra do Reino. A unidade e integridade da pessoa. A semente que é plantada num bom terreno, que é o coração do homem «ótimo e perfeito», permite escutar, compreender e permanecer na Palavra de Deus. Francisco convida aos irmãos a ter um coração habitado pelo Espírito do Senhor, um coração limpo e puro.

Desta maneira é possível sair do círculo da ignorância, da inconstância e do egocentrismo, porque a Palavra do Reino necessita ser compreendida, amada e praticada, escutada e compreendida, para assim, poder crer nela e produzir frutos. A relação com a Palavra de Deus não é uma relação literária, isto é, com um texto construído, mas com o mistério de uma presença viva e transformadora. Esta verdade permite estabelecer um diálogo com o aquilo que o texto revela. Em suma, com o protagonista, Cristo. O mistério de Deus não é algo para ser admirado curiosamente, mas que deve ser interiorizado e recriado.

A Palavra de Deus, que é viva e eficaz, não alcançará ao seu cumprimento real e ao seu pleno significado (*signum*), enquanto que não opere uma transformação naquele que a recebe. É a passagem da in-formação à transformação, segundo «a forma» da Palavra (*Logos*), ou seja, o passo do discípulo (seguidor) ao testemunho (configurado). Para Francisco, a verdade do Evangelho não é uma realidade a ser conhecida (nível teórico), mas um encontro com uma pessoa viva, a quem devemos seguir⁴³: «Pai, quero que, onde eu estou, estejam comigo também aqueles que me deste, para que vejam a tua glória (Jo 17,24) em teu reino (Mt 20,21)»⁴⁴.

⁴³ Para um maior aprofundamento, remetemos a D. DOZZI, “*Así dice el Señor*”, *El Evangelio en los escritos de san Francisco*, Oñati-Guipúzcoa, 2003, p. 21-22.

⁴⁴ *RegNB* XXII, 55; *1CtaF* 19; *2CtaF* 60.

A promessa de participar do Reino dos céus, abre a perspectiva humana para uma dimensão de esperança, que ilumina todo o caminho do discípulo⁴⁵. A evangelização é uma derivação lógica do seguimento de Cristo e da instauração do Reino de Deus. Isto leva a propor uma Igreja menos preocupada com as coisas terrenas, o que não significa que seja alienada ou espiritualista; senão mais espiritual, capaz de propor uma visão esperançosa, que conduza aos crentes a olhar o futuro com um sentido escatológico:

E rendemo-vos graças, porque o mesmo Filho vosso há de vir na glória de sua majestade (cf. Mt 25,41) para lançar ao fogo eterno os malditos (cf. Mt 25,41), que não fizeram penitência e que não te reconheceram, e para dizer a todos os que te reconheceram, adoraram e serviram em penitência: “*Vinde, benditos de meu Pai, recebei o reino que foi preparado para vós desde a origem do mundo* (Cf. Mt 25,34)”⁴⁶.

Neste sentido, a intuição teológica do Pobrezinho leva a Igreja e a Ordem a uma dimensão muito mais ampla e fundamental: o Reino de Deus e sua justiça.

Sugestões para a releitura

- O Reino de Deus, para Francisco de Assis, é uma realidade integral e ativa, que possui uma dinâmica reveladora, que parte da gratuidade do amor do Pai, como dom, entra no coração do homem e cresce e se faz fecundo no mundo e será pleno no Reino eterno, do qual os irmãos serão «herdeiros e reis»⁴⁷. Deste modo, o Reino de Deus é um projeto e uma promessa, que se concretiza na vida e na vocação do irmão menor. É importante que cada um possa chegar a uma adequada personalização e identificação com o projeto do Reino, que se concretiza na profissão e na vivência da Regra, a qual é a concretização e a síntese do Evangelho.
- O ponto de partida, para Francisco foram as pessoas. Ele não começou fazendo a Igreja ou a sociedade fraterna e menor, mas sim, propôs aos homens e às mulheres concretos viver como irmãos e menores. Assim,

⁴⁵ Cf. F. URIBE – B. MOLINA, *El canto del hombre pobre. Lectura y actualización de las admoniciones de san Francisco de Asís*, Madrid, 2017, p. 83-92.

⁴⁶ RegNB XXIII, 4.

⁴⁷ RegB VI, 4.

cortou os círculos negativos, originando e promovendo comportamentos positivos na Igreja e na sociedade. Deste modo, logrou criar ambientes renovados e confiáveis, porque partiu de si mesmo, gerando uma proposta nova, já que propagou uma verdadeira novidade. Neste sentido, podemos dizer que a espiritualidade franciscana é profundamente positiva e propositiva, criadora e promotora de esperança, mesmo no meio de um ambiente pessimista, pecaminoso, adverso, etc. Mais ainda, este ambiente, aqui e agora, é o lugar propício para tornar presente e despertar o desejo pelo Reino de Deus. Isto requer uma capacidade mínima de adaptação e um compromisso vital e criativo com a sociedade e a Igreja.

- Acolher e viver o Reino de Deus implica uma séria revisão de nossa coerência evangélica, que se expressa em nossa relação com os pobres e marginalizados. O Reino não tem fronteiras e nele tem espaço para todos. Poderemos antecipar a promessa da vida eterna, na medida em que nossa vida e nossas estruturas forem uma manifestação diáfana de fraternidade e minoridade, isto é, do Reino de Deus.
- Francisco teve uma clara e consciente convicção da dimensão futura do Reino de Deus. Sem dúvida, não descuidou do seu compromisso com a sociedade e do presente. Ter claro o horizonte ou a meta final, permite fazer opções coerentes e fiéis ao projeto do Reino, «aqui e agora»: a coerência gera felicidade e uma das características do Reino é a alegria. É conveniente perguntar-se: vivo alegremente minha vocação de Irmão Menor?

Sugestões para a celebração

Acender uma vela, abrir o Novo Testamento e ler Mc 1,15. Depois de um momento de silêncio, convidar os presentes a:

1. Pensar num versículo, expressão ou palavra do Evangelho que é significativa ‘em minha vida’.

2. Depois de um momento de silêncio compartilhar, em voz alta, a expressão, versículo ou palavra significativa, enquanto que um secretário a escreve numa folha.
3. Quando todos tiverem compartilhado, fazer a proclamação da partilha, da seguinte forma: canto do «aleluia», uma pessoa proclama o texto, começando com o seguinte enunciado: «anuncio-vos a boa notícia de nosso Salvador Jesus Cristo...», ao final diz: «Palavra da Salvação», e todos respondem: «Glória a vós, Senhor».
4. Concluir com uma oração compartilhada, convidando a nomear todos os preferidos do Reino que, hoje, sofrem: pobres, marginalizados, enfermos, crianças, etc.
5. Rezar o Pai nosso.

III. SEGUIR AS PEGADAS DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO (*REGNB* I,1)

«Seguir» significa pôr-se em caminho, atrás das pegadas do Mestre; foi isso que Francisco de Assis fez, quando descobriu a pessoa apaixonante de Jesus, que o chamava. Essa experiência foi tão forte em sua vida, que a comunicou aos seus irmãos, aqueles que o Senhor lhe regalara; assim o consignou na maioria dos seus Escritos⁴⁸. Seguir a Jesus converteu-se em sua razão de ser e é o convite que ele nos faz continuamente. No primeiro capítulo da *RegNB*, Francisco especifica em que consiste a «Regra e vida» dos irmãos e assinala dois elementos fundamentais⁴⁹:

- a. Viver em obediência, em castidade e sem próprio.
- b. Seguir a doutrina e as pegadas de nosso Senhor Jesus Cristo.

1. O seguimento de Jesus e os conselhos evangélicos

Depois do binômio «Regra e vida», com o qual se dá a identidade ao documento, mencionam-se os destinatários: «estes irmãos». É possível que, quando as palavras iniciais deste capítulo foram escritas, ainda não se utilizasse o nome específico, para identificar os destinatários da «Regra e vida», como o encontramos no encabeçamento da Regra de 1223, dirigida explicitamente aos Irmãos Menores.

Com frequência, define-se «a Vida e Regra» dos irmãos, como «viver em obediência, em castidade e sem próprio». São os três conselhos evangélicos, que

⁴⁸ *Adm* 6,2; *2CtaF* 13; *CtaL* 3; *CtaO* 51; *Frag* 1,1; *Frag* 1, 73; *RegNB* 1,1; *RegNB* 1,2; *RegNB* 1,3; *RegNB* 9,1; *RegNB* 22,2; *UltVol* 1; *RegNB* 22,9; *Frag* 1,6; *OfP* 7,8; 15,13; *OfP* 5,14.

⁴⁹ *RegNB* I, 1-5: A Regra e vida destes irmãos é esta: viver em obediência, em castidade e sem propriedade e seguir a doutrina e as pegadas (cf. *1Pd*2,21) de nosso Senhor Jesus Cristo, que diz: *Se queres ser perfeito, vai* (Mt 19,21) *e vende tudo* (cf. Lc 18,22) *que tens e dá aos pobres e terás um tesouro no céu; e vem e segue-me* (Mt 19,21). E: *Se alguém quer vir após mim, renegue-se a si mesmo e tome a sua cruz e siga-me* (Mt 16,24). E também: *Se alguém quer vir a mim e não odeia pai e mãe e esposa e filhos e irmãos e irmãs e até mesmo a sua vida, não pode ser meu discípulo* (Lc 14,26). E ainda: Todo aquele que deixa pai ou mãe, irmãos ou irmãs, esposa ou filhos, casas ou campos por causa de mim, receberá o cêntuplo e possuirá a vida eterna (Cf. Mt 19,29; Mc 10,29; Lc 18,29).

dão ao seguimento dos Irmãos a Cristo, a índole específica da «vida religiosa». Hoje aceita-se que a doutrina dos três conselhos, como elementos constitutivos da vida religiosa, que se chama «Ordem ou Religião», foi gestada no século XII. Encontramo-los como uma tríade, pela primeira vez, no Concílio Lateranense II (1139), que os impôs como preceitos, ainda não como votos, às Ordens do Canônicos⁵⁰. Tendo em conta que, ao início do século XIII, os três conselhos foram adquirindo um grau de exigência canônica para a vida religiosa, poder-se-ia supor que esta menção na *RegNB* tenha sido uma disposição da parte do Papa Inocêncio III⁵¹. É importante destacar que, os textos evangélicos mencionados nos versículos 2-5 do cap. I, de certo modo, desenvolvem os três conselhos evangélicos, e que são colocados em relação direta com seguimento de Cristo.

Fazendo uma análise cuidadosa das passagens evangélicas, notamos que as duas primeiras, estão determinadas pelo verbo «seguir»⁵²; desenvolvem a compreensão do seguimento que o Pobrezinho possuía. A terceira utiliza a expressão «vir a mim»⁵³, também colocada na perspectiva do seguimento. A expressão «herdará a vida eterna» do quarto texto⁵⁴, é o ponto mais alto do seguimento. É o cumprimento das promessas, feitas àqueles que decidiram deixar tudo por Jesus; a primeira neste mundo, «receberá cem vezes mais»; e a outra, com um carácter escatológico, «herdarão a vida eterna».

A leitura dos textos permite-nos, também, descobrir que estes estão perpassados pelo tema da desapropriação interior, elemento que constitui o coração da espiritualidade de Francisco⁵⁵. Razão pela qual podemos identificar a

⁵⁰ Cf. J. M. LOZANO, *La sequela di Cristo. Teologia storico sistematica della vita religiosa*, Milano, 1981, p. 137-138; DOZZI, *Il Vangelo nella Regola non bollata*, 61-62.

⁵¹ Cf. FLOOD, *La nascita di un carisma*, 73.

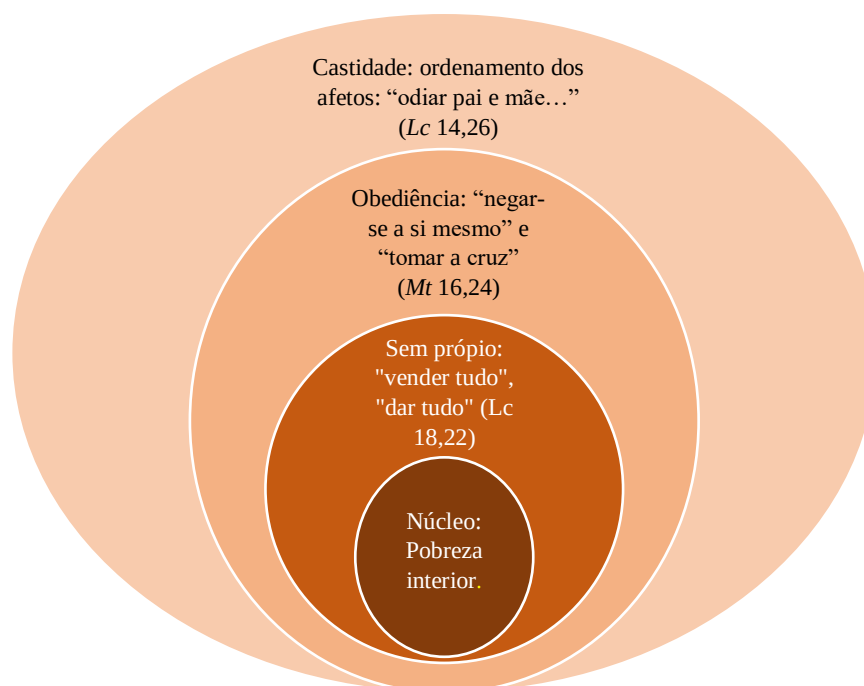
⁵² Cf. *Lc* 18,22; *Mt* 19,21.

⁵³ Cf. *Mt* 16,24.

⁵⁴ Cf. *Mt* 19,29.

⁵⁵ F. URIBE, «Prolegómenos para el estudio de las Admoniciones de san Francisco de Asís. Ensayo introductivo y bibliográfico», en *Antoniano* 84 (2009) p. 65-108.

pobreza, desde sua dimensão mais profunda, como chave de leitura⁵⁶. Olhemos o esquema que segue:



O primeiro texto, propõem o seguimento de Jesus, a partir da pobreza material, expresso como «vender tudo» e «dá-lo aos pobres». O segundo, propõem o seguimento a partir da obediência, em seus níveis mais profundos: «negar-se a si mesmo» e «tomar a cruz». O terceiro texto refere-se à castidade, entendida como o ordenamento dos afetos: «odiar pai e mãe»⁵⁷, e subordiná-los ao seguimento de Jesus.

⁵⁶ F. URIBE, *La "pre-historia" de la Regla franciscana, Re-examen de las fuentes y propuestas en Selecciones de Franciscanismo* 39 (2010) p. 3-35.

⁵⁷ Ao comentar este primeiro capítulo da *RegNB* D. Dozzi escreve: «Este tipo de análise permite captar um aspecto importante: viver em obediência, em castidade e "*sine proprio*" não é exatamente sinônimo da segunda parte da definição (*et Domini nostri Iesu Christi doctrinam et vestigia sequi, qui dicit...*), senão que apresenta somente o primeiro dos três movimentos constitutivos desta "vida", o de "deixar" (as coisas próprias: *sine proprio*; a própria vontade: a obediência; os próprios afetos familiares: a castidade)». Cf. Dozzi, *Il Vangelo nella Regola non bollata*, 135. A tradução é nossa.

2. Elementos cristológicos do seguimento

No conjunto da *RegNB* encontramos cinco textos relacionados com o seguimento de Jesus, todos eles com um sentido cristológico. Apresentam a mesma compreensão que os Evangelhos sinóticos possuem, enquanto se referem ao seguimento de Cristo⁵⁸. Um deles, mostra o seguimento, em relação direta com a Paixão e a cruz⁵⁹. A exortação, para seguir a Cristo, significa assumir a mesma atitude redentora do amor, que não exclui nem discrimina, inclusive aos próprios perseguidores. Neste caso, o seguimento supera o que poderíamos chamar «uma atitude passiva» e, implica, a decisão ativa de amar aos inimigos.

Há outra passagem na Regra que usa o verbo «seguir», com referência ao aniquilamento de Cristo; para isso utiliza o díptico «humildade e pobreza»⁶⁰. À luz do texto, podemos afirmar que o seguimento de Cristo é um processo *Kenótico*, que se enriquece com a pobreza, entendida tanto em suas dimensões externas⁶¹, como internas⁶². Em consequência, o discípulo vai pelo mundo com um coração desapropriado.

Os irmãos se comprometeram, antes de tudo, a «seguir as pegadas do Senhor Jesus Cristo», que exigia, necessariamente, uma participação plena na sorte dos pobres. Precisamente porque, na marginalização e na pobreza, se assumia de maneira mais autêntica a condição de Cristo humilhado e zombado e, se realizavam, plenamente, as exigências do seu seguimento⁶³. Isto é o que mais importava a Francisco, como o afirmou Tomás de Celano:

a mais sublime vontade, o principal desejo e supremo propósito dele era observar em tudo e por tudo o santo Evangelho, seguir perfeitamente a

⁵⁸ Cf. *RegNB* I,2; I,3; IX,1; XXII,1-2; XXII,9.

⁵⁹ Cf. *RegNB* XXII, 1-2: «Atendamos, irmãos todos, ao que diz o Senhor: *Amai vossos inimigos e fazei o bem àqueles que vos odeiam* (Cf. Mt 5,44 par.), porque nosso Senhor Jesus Cristo, cujas pegadas devemos seguir (Cf. 1Pe 2,21), chamou *amigo* a seu traidor (cf. Mt 26,50) e ofereceu-se espontaneamente aos que o crucificavam».

⁶⁰ *RegNB* IX,1: «Todos os irmãos se esforcem por *seguir* a humildade e a pobreza de Nosso Senhor Jesus Cristo e recordem-se de que...».

⁶¹ *RegNB* I,2: «se queres ser perfeito, vai e vende tudo que tens... e vem e segue-me».

⁶² *RegNB* I,3: «se alguém quer vir após mim, renegue-se a si mesmo e tome a sua cruz e siga-me»; *RegNB* XXII, 9: «Agora, porém, depois que abandonamos o mundo, nada mais temos a fazer, a não ser seguir a vontade do Senhor e agradar-lhe».

⁶³ Cf. F. ACCROCCA – A. CICERI, *Francesco e i suoi frati*. Edizioni Biblioteca Francescana, Milano, 1998, p. 30.

doutrina e imitar e seguir os passos de Nosso Senhor Jesus Cristo com toda a vigilância, com todo o empenho, com todo o desejo da mente e com todo o fervor do coração. Recordava-se em assídua meditação das palavras e com penetrante consideração rememorava as obras dele. Principalmente a humildade da encarnação e a caridade da paixão de tal modo ocupavam a sua memória que mal queria pensar em outra coisa.⁶⁴

Sugestões para a releitura

- O Evangelho apresenta-nos que o chamado ou vocação é, sempre, uma iniciativa do Mestre. É Ele quem chama; a decisão de segui-lo depende do discípulo. A proposta de Jesus é apresentada com a expressão «se quiseres»; nunca se impõe. Diante da proposta do Mestre, o discípulo é chamado a responder com liberdade. O desejo de descobrir o que significa o seguimento hoje, exige do cristão, reatualizar em cada momento da história, a experiência de Jesus. Desta perspectiva, «seguir» significa tornar presente a vida de Jesus na história de cada cristão.
- Seguir a Jesus é uma atitude dinâmica, que implica a experiência do caminho. É um itinerário que nunca termina, mas que requer do discípulo um constante discernimento para seguir as pegadas do Mestre, no acontecer da história. Isto significa uma tensão vital permanente, entre nossos próprios ‘quereres’ e o que quer o Senhor; supõe entrar nas categorias do que Francisco chama «a vida de penitência».
- A *RegNB* estabelece uma relação direta entre seguimento de Cristo e conselhos evangélicos e apresenta, como raiz dele, a desapropriação interior. Isto significa assumir, para nossas vidas, uma nova escala de valores, conforme o Evangelho de Jesus. É necessário discernir se, dita escala, afeta todas as dimensões de nossa existência:
 - a) Quanto à relação com Deus: seguir a Jesus significa reconhecer a Deus como Pai humilde e que, com seu Filho, se aniquilou. É um Deus grande, que se faz pequeno, na pequenez do seu Unigênito. Esta convicção de

⁶⁴ *Mem* 84, (1Celano Cap. XXX, 84,1-3).

Francisco também é o convite para entrar num processo de *kénosis*, que se traduz numa contínua desapropriação.

- b) Quanto à relação conosco mesmos: seguir a Jesus significa evitar todo desejo de superioridade no trato com os demais, pois devemos ser conscientes de nossa pequenez, confrontada com a grandeza de Deus.
- c) Quanto à relação com os outros: seguir a Jesus significa estabelecer relações que sejam expressão de uma vida evangélica, que se concretiza no cotidiano, quer seja na necessidade, na doença, nas situações de pecado, na proximidade aos excluídos da sociedade, no lugar dos empobrecidos, assim como no serviço de governar.
- d) Quanto à relação com as coisas: seguir a Jesus significa ter um coração que prefere as coisas celestiais e subordina a estas os bens deste mundo. Portanto, o discípulo está consciente do sentido profundo da desapropriação e, como consequência, liberta seu coração de toda posse que seja obstáculo para seguir o Mestre, restitui a Deus o que a Ele pertence, pois sabe que ele é «todo Bem, Sumo Bem, Bem total»⁶⁵.

Sugestões para a celebração

Depois de ter meditado sobre o seguimento de Jesus, à luz da *RegNB*, convidamos vocês a acender uma vela e, em silêncio, rever como tem sido ‘minha’ experiência de seguimento e refletir sobre os elementos que seguem:

1. Francisco não nos deixou uma teoria sobre o seguimento. Ele nos comunicou sua experiência de Jesus, a quem descobriu em suas dimensões humanas. Quais são as características mais notórias que o seguimento de Jesus comporta, para Francisco? Dessas características, quais ainda devem ser aprofundadas em tua vida de franciscano?
2. Que atitudes de tua personalidade te impedem seguir a Jesus e quais requerem ser iluminadas pelo Evangelho?

⁶⁵ *AlHor* 11.

3. Convidamos vocês para rezar juntos:

Deus onipotente, somos todos diferentes e refletimos de maneira diferente as maravilhas da tua criação. Aproximamo-nos de Ti com diferentes atitudes: quem desejoso, quem relutante, quem entendendo bem, quem entendendo mal... Em tua misericórdia nos tens dado a Jesus, para que te encontremos em alguém como nós. Trata-nos segundo nossas diferenças, nossas forças e nossas debilidades, para que possamos chegar a conhecer-te n'Ele⁶⁶. Amém.

⁶⁶ Cf. R. BROWN, *Para que tenhais vida, a solas con Juan Evangelista*, Bilbao, 1998, p. 55.



RNB
800
anos!



IV. «E FAÇAMOS SEMPRE AÍ UMA HABITAÇÃO E UMA MORADA»

(*RegNB* XXII,27)

A VIDA NO ESPÍRITO

Na *RegNB*, a vida dos irmãos está relacionada não somente com o Evangelho e com Jesus Cristo, mas também com o Espírito. Por tanto, para compreender a experiência espiritual de Francisco de Assis, é fundamental conhecer o papel determinante que o Espírito Santo nela possui, como motor do seguimento de Jesus. Na presente reflexão abordaremos a vida no Espírito; com ela nos referimos ao processo de conversão, de transformação e de santificação que o irmão menor faz.

A *RegNB* apresenta trinta e cinco textos, nos quais faz uso do termo «Espírito»⁶⁷. Estes, por sua vez, podem ser classificados em três grupos⁶⁸. No primeiro, encontramos catorze textos, referidos claramente à Terceira Pessoa da Trindade, que é identificada, na maioria das vezes, como «Espírito Santo»; mas também, em outras ocasiões, como «Espírito Paráclito» ou «Espírito do Senhor»⁶⁹. No segundo, encontramos quatro textos de difícil classificação, pois nem sempre se sabe se devem ser escritos com maiúscula, para referi-los diretamente ao Espírito Santo, ou se, por outro lado, se referem à sua ação ou refletem seus efeitos, como «espírito e vida», «caridade de espírito», «paz de espírito», «espírito e verdade»⁷⁰. O terceiro grupo, formado por dezessete textos, reúne os usos do termo referidos a uma dimensão peculiar do ser humano ou a uma atitude de alma: como o «espírito interior», «espírito de compunção»⁷¹, ou ao «espírito da carne»⁷², ou

⁶⁷ No conjunto dos Escritos de Francisco, a palavra encontra-se 95 vezes. Vale a pena destacar a alta percentagem desse termo na *RegNB*.

⁶⁸ Para esta classificação do termo, baseamo-nos no estudo de F. URIBE, *Núcleos del carisma de san Francisco de Asís. La identidad franciscana*, Oñati, 2017, p. 60-61.

⁶⁹ Cf. *RegNB* XVII,14; XXII,27; XXII,31; XV,7; XXI,2; 0,1; XII,6; XVII,16; XXIII,11; XXIV,5; XVI,7; XXIII,1; XXIII,5; XXIII,6.

⁷⁰ Cf. *RegNB* XXII,39; V,14; XVII,15; XXII,31.

⁷¹ Cf. *RegNB* X,3; XVII,12.

⁷² Cf. *RegNB* XVII,11.

aos seres espirituais, ou aos espíritos imundos⁷³. Dentro deste último grupo propomos, também, o adjetivo «espiritual»⁷⁴ e o advérbio «espiritualmente»⁷⁵.

Os textos identificados permitem-nos compreender tanto a visão que o Pobrezinho tinha do Espírito Santo, como sua importância no seguimento de Jesus e as implicações que tem para a vida dos irmãos, como o veremos a seguir.

1. Visão do Espírito Santo

Francisco compreende a ação do Espírito Santo ao longo de toda a história da salvação. De fato, o Pai cria os seres espirituais e corporais, por seu «único Filho com o Espírito Santo»⁷⁶. O paráclito, junto ao Filho, é o cantor principal da doxologia eucarística dirigida ao Pai⁷⁷; Ele habita no coração dos fiéis e deles faz membros do seu templo⁷⁸. O Espírito de adoção concede ao crente a possibilidade de «adorar ao Pai em espírito e verdade»⁷⁹ e, ao mesmo tempo, é compreendido como «espírito e vida»⁸⁰, que torna ativa e eficaz a Palavra de Deus. Graças a Ele, esta pode ser entendida, adquire um sentido e nos conduz à confissão da divindade de Cristo, haja vista que ninguém pode confessar que Jesus é o Senhor, senão no Espírito Santo⁸¹.

2. Missão do Espírito Santo no seguimento de Jesus

Quando os irmãos se propõem seguir a Jesus Cristo, devem identificar-se com sua pessoa, sua mensagem e sua missão. Deus entregou-se a si mesmo, na pessoa de seu Filho, mediante a ação do Espírito Santo. Esta doação-missão é comunhão de Deus com o ser humano e com o mundo. Trata-se de uma convicção que se encontra na raiz da fé franciscana, ou seja, de quem quer fazer o seguimento

⁷³ Cf. *RegNB* XXII,21; XVII,6; XXII,24.

⁷⁴ Cf. *RegNB* II,11; XII,3; XII,4; XXII,1.

⁷⁵ Cf. *RegNB* II,4, IV,2; V,4; V,5; V,8; VII,15; XVI,5; dos quais, parece que, somente dois tenham um significado teológico, Trata-se do V,4: «E se virem um deles proceder carnalmente e não espiritualmente segundo a retidão de nossa vida» e V,5: «No entanto, se houver entre os irmãos, em qualquer lugar, algum irmão que queira preceder carnalmente e não espiritualmente...».

⁷⁶ *RegNB* XXIII,1.

⁷⁷ Cf. *RegNB* XXIII, 5-6.

⁷⁸ Cf. *RegNB* XXIII,6.

⁷⁹ *RegNB* XXII, 31.

⁸⁰ *RegNB* XXII,39.

⁸¹ Cf. *1Cor* 12,3.

radical de Jesus⁸². Por esta razão, a vida dos irmãos é «o seguimento de Jesus Cristo» ou «a vida no Espírito». Sem dúvida, a *RegNB* V, 4-5, adverte-nos de que se pode viver esta vida em dois modos: «carnalmente» ou «espiritualmente». O modo adequado de vivê-la é seguir a Jesus, no Espírito.

A pessoa do Espírito Santo é apresentada na *RegNB* (dez vezes), em várias ocasiões, no vínculo trinitário. O Cristo encontrado por Francisco, no Evangelho, é o Filho do Pai Altíssimo, que o introduz numa compreensão profundamente trinitária do mistério de Deus. Em consequência, Deus se comunica doando-nos o Espírito; o Espírito e a vida de Deus são doados por meio das palavras de Jesus. A tarefa do Espírito é revelar-nos e comunicar-nos a vida de Deus; este, porém, cumpre sua tarefa servindo-se das palavras de Jesus, do Evangelho⁸³.



Contudo, quando Deus nos alcança⁸⁴, o Espírito suscita em nós a fé e a progressiva renovação da vida cristã através do batismo; somente assim se entra no Reino de Deus, se conhece e se participa de sua vida. Renascer no Espírito é um caminho progressivo de fé, que faz entrar sempre mais profundamente no Reino de Deus, isto é, no pleno conhecimento e comunhão com Cristo.

3. A ação do Espírito Santo na vida dos irmãos

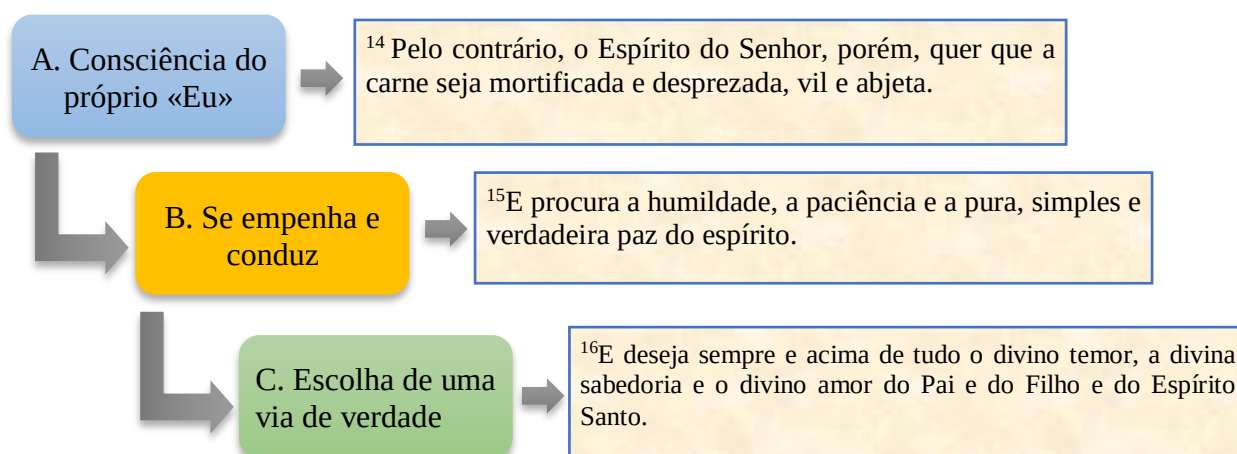
A *RegNB* XVII,14-16 resume, em poucas linhas, aquilo que Francisco percebe como ação do Espírito Santo na vida de seus irmãos; para isso utiliza a

⁸² F. URIBE, *Modo franciscano de Evangelizar. La Evangelización en las fuentes franciscanas*, Medellín, 2015, p. 105.

⁸³ Cf. DOZZI, *Il vangelo nella Regola non Bollata*, 369.

⁸⁴ *RegNB* XVI,7: «Porque quem não renascer da água e do Espírito Santo não pode entrar no Reino de Deus (cf. Jo 3,5)».

expressão «Espírito do Senhor». Que ações, movimentos ou atitudes suscitam a presença do Espírito no coração dos irmãos?



No texto, o Espírito do Senhor é apresentado em oposição à passagem imediatamente precedente: «espírito da carne»⁸⁵. Sua ação é identificada como um movimento próprio da alma, devido a uma potência divina, que é o Espírito Santo. O primeiro fruto desse Espírito, é a tomada de consciência da dimensão carnal de si, manifestada no egoísmo e autossuficiência, que excluem a Deus e ao próximo. Este «eu» deve morrer, como indicam os quatro vocábulos: mortificada, desprezada, vil e abjeta. Como consequência do anterior, o Espírito se empenha e conduz a viver alguns valores fundamentais: humildade, como conhecimento do próprio eu e sua aceitação total; paciência, entendida no sentido de saber resistir e continuar; pura simplicidade, isto é, um coração esvaziado de si e centrado em Deus e suas promessas; verdadeira paz de Espírito, isto é, uma certa calma interior, solidamente fundada sobre a esperança.

Acima de tudo, depois de rejeitar o mal e a eleição de um caminho de verdade sobre si, perfila-se a realidade propriamente divina. O Espírito quer a morte da carne, empenha-se em criar algumas atitudes, mas, sobretudo, identifica-se com um desejo ardente⁸⁶ do temor e da reverência, do sabor e gosto do amor, dons da união com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo⁸⁷. Neste sentido, a

⁸⁵ *RegNB* XVII, 11-13.

⁸⁶ «E deseja sempre e acima de tudo...» (*RegNB* XVII,16).

⁸⁷ Cf. T. MATURA, *Francesco, un altro volto*, Edizioni Biblioteca Francescana, Paris, 1996, p. 96-97. A tradução é nossa.

possessão do Espírito do Senhor determina o passo da vida carnal à vida espiritual, dos vícios às virtudes. Esta é a verdadeira chave da vida espiritual: o Espírito suscita, naquele que realiza o seguimento, um processo que o transforma em irmão e menor.

4. Habitados pelo Espírito do Senhor

Francisco usa, frequentemente, o advérbio «espiritualmente», que deve ser entendido em seu sentido mais profundo, com referência à ação do Espírito Santo, que repousa sobre seus fiéis; estes, devem fazer-se «habitação e morada»⁸⁸. Esta in--habitação significa, em primeiro lugar, que os irmãos não são guiados pelo espírito da carne⁸⁹, nem atuam segundo os impulsos do egoísmo, dos caprichos, da curiosidade, das evasões, das conveniências pessoais ou de outros motivos, mas que, guiados pelo Espírito do Senhor, chegam a ser verdadeiros seguidores de Jesus⁹⁰. De fato, os irmãos que decidem seguir suas pegadas, nesta forma de vida, o fazem movidos por «divina inspiração», ou seja, é o Espírito Santo, quem os habilita e os ajuda a discernir verdadeiramente suas motivações. É assim que podem dar tudo pelo Senhor⁹¹.

Da mesma forma, a ação missionária é, antes de tudo, o desenvolvimento da vida segundo o Espírito e não uma conquista, nem uma colonização, nem uma ação proselitista. É por isso que os irmãos devem rejeitar, radicalmente, a violência e o poder; na sociedade, escolher os postos nos quais não estão numa posição de mando e, assim, solapar as estruturas hierárquicas por meio da obediência e submissão. De fato, o propósito da obediência e da submissão, é a fraternidade:

⁸⁸ RegNB XXII,27: «E façamos sempre aí uma habitação e um lugar de repouso (cf. Jo 14,23) para ele que é o Senhor Deus onipotente, Pai e Filho e Espírito Santo (cf. Mt28,19), que diz: *Vigiai, pois, em todo tempo em oração para serdes julgados dignos de escapar dos males que deverão vir, e de vos manter de pé diante do Filho do homem* (Lc 21,36)».

⁸⁹ Em efeito, o advérbio *spiritualiter* se opõe a carnal ou a temporal e os Escritos o apresentam do seguinte modo: o postulante pode, espiritualmente, vender suas coisas e dá-las aos pobres (cf. RegNB II,4); contempla-se a possibilidade dos irmãos que não podem observar espiritualmente a Regra (cf. RegB X,4) ou que caminham carnal e não espiritualmente (cf. RegNB 5,4-5); os irmãos devem comportar-se, entre si, espiritual e amorosamente (cf. RegNB VII,15) e, quando vão entre sarracenos e outros infiéis, podem comportar-se espiritualmente de dois modos (cf. RegNB XVI,5). O mesmo acontece com o adjetivo *spiritualis* (cf. RegNB II,11; XII,3,4; XXIII,1).

⁹⁰ Cf. URIBE, *Modo franciscano de Evangelizar*, 105.

⁹¹ Cf. RegNB II,4.

um novo modo de tratar com as pessoas e com a criação, não com a violência e o poder, mas com o espírito de amor e doçura⁹².

Sugestões para a releitura

- A vida dos irmãos é o fruto e a condição do encontro entre a Palavra e o Espírito; um encontro que cria a vida em Cristo, dá vida ao Evangelho e permite a Cristo viver neles até o fim⁹³. É importante perguntar-nos hoje: O que significa, para nossa vida de seguidores de Jesus, estar habitados pelo Espírito do Senhor?
- Ter o Espírito do Senhor significa pôr em prática, em nossa vida, os mesmos sentimentos dos quais surgiu a santa operação da *Kénosis*, quando em Cristo Deus assumiu a condição de servo, colocando-se a serviço de todos, inclusive daqueles que se tinham convertido em seus inimigos⁹⁴. Implica, para o crente, viver sua vida, tendo como absoluto o Reino de Deus; este será seu projeto de vida. Em sua condição de homem do Reino, terá a capacidade de interpretar sua história, assim como o fez Francisco, que se deixou guiar pela moção do Espírito, que o conduziu, o transformou e o fez experimentar os sentimentos do Pai, em Jesus.
- Pela ação do Espírito do Senhor, o crente descobre o rosto do Deus do Reino, que em sua oferta livre ao homem, desce ao seu nível de existência, privando-se do esplendor, da glória, do poder divino. Concretamente, renunciando a todo instrumento de pressão, para chegar somente com sua nudez, direto ao seu coração e conquistá-lo, unicamente, com a força de sua persuasão. Ao mesmo tempo, doando ao homem, por tal via, um modelo de existência a ser seguido, para que se realize em sua humanidade, segundo os valores humanos mais verdadeiros e profundos⁹⁵.

⁹² L. LEHMANN, *Inter-esse come testimonianza francescana*, en *In Dialogo. Metodo scientifico e stile di vita*, a cura de L. Bianchi e R. Di Muro, EDB, Bologna, 2020, p. 191-218.

⁹³ Cf. DOZZI, *Il vangelo nella Regola non Bollata di san Francesco*, 369.

⁹⁴ Cf. P. MARANESI, *Le relazioni tra fratelli*, en *La Regola di frate Francesco. Eredità e sfida*, a cura di P. Maranesi e F. Accrocca, Milano, 2012, p. 530.

⁹⁵ Cf. G. IAMMARRONE, *Gesù Cristo volto del Padre e modello dell'uomo. L'apporto della visione francescana*, Edizione Messaggero, Padova, 2004, p. 134.

- Ter o Espírito do Senhor significa viver uma espiritualidade encarnada e histórica, que brota, principalmente, da fundamentação da própria vida numa nova lógica, que não é a do «fazer» ou do «ter», mas do «ser»; o que faz emergir da pessoa o melhor que há nela, para colocá-lo a serviço dos demais. Implica, também, viver na esperança, de modo que os demais creiam que outro mundo é possível. Por isso, o crente reconhece no próximo seu irmão e sabe que seu lugar é junto dos mais fracos, ao lado dos novos leprosos, a quem também considera destinatários do Reino.
- Ter o Espírito do Senhor é testemunhar, com a vida, o sinal trinitário da fraternidade, que se expressa reconhecendo em cada pessoa, o dom de Deus, na relação de cuidado. O que implica a proteção da Casa Comum e a preservação da vida em todas as suas manifestações, porque tudo é obra de um único Criador, assim como o descobriu e celebrou Francisco: «louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas»⁹⁶.
- Ter o Espírito do Senhor é apontar ao Pai, como meta futura e transcendente, ao qual se chega por meio do único caminho que é Cristo, pois «o Reino começa a crescer no coração do homem, se manifesta nas relações novas e evangélicas com os demais e culmina com a visão de Deus»⁹⁷.

Sugestões para a celebração

Convidamos vocês a realizar um encontro de oração fraterna, tendo presente os seguintes momentos:

1. Preparar o lugar com algumas velas acesas e sinais referidos ao Espírito Santo.
2. Invocar a presença do Senhor, escutando e cantando «*Veni creator Spiritus*».

⁹⁶ Cánt 5.

⁹⁷ MOLINA, *El Reino de Dios en el pensamiento eclesiológico y escatológico de san Francisco de Asís*, p. 377. A tradução é nossa.

3. Meditar, em silêncio, a *RegNB* XXIII,11:

Em qualquer parte, em todo lugar, a toda hora, em todo tempo, diária e continuamente, creiamos todos nós de verdade e humildemente e tenhamos no coração e amemos, honremos, adoremos, sirvamos, louvemos e bendigamos, glorifiquemos e superexaltemos, magnifiquemos e rendamos graças ao altíssimo e sumo Deus eterno, Trindade e Unidade, Pai e Filho e Espírito Santo (cf Mt 28,19), criador de todas as coisas e salvador de todos os que nele creem e esperam e o amam, a ele que é sem início e sem fim, imutável, invisível, inenarrável, inefável, incompreensível, insondável (cf. Rm 11,33), bendito, louvável, glorioso, superexaltado (cf Dn 3,52), sublime, excelso, suave, amável, deleitável e totalmente desejável acima de todas as coisas pelos séculos. Amém.

4. Convidamos, agora, você a orar pelas principais obscuridades da vida pessoal, que crês e sentes, e que devem ser iluminadas pelo Espírito Santo.
5. Convidamos vocês a tornar públicas as preces pelas realidades da vida fraterna, que requerem ser iluminadas pelo Espírito Santo, considerado pelo irmão Francisco, o «Ministro Geral da Ordem dos irmãos menores»⁹⁸.
6. Finalizar com a Oração diante do Crucifixo de São Damião.

⁹⁸ Cf. *Mem* 193, (2Cel, Cap. CXLV, 193,4).

V. «SERVIR AO SENHOR DEUS DENTRO DA SANTA IGREJA»

(REGNB XXIII,7)

A DIMENSÃO ECLESIAL DOS IRMÃOS MENORES

Na Baixa Idade Média, finais do século XII e inícios do século XIII, existia um ambiente de ideais que se encontraram: de uma parte, uma grande desilusão, frustração e desencanto com as estruturas imperantes: o regime social e eclesial; por outra parte, a busca de grandes ideais que iam se delineando, representados, especialmente, pelo movimento do despertar evangélico⁹⁹. Se olharmos com atenção, o denominador comum do sistema social e eclesial era o exercício do poder, a liderança e a autoridade moral. As confianças estavam quebradas pela ação e pelo comportamento dos líderes: imperadores, reis, papas, clero, etc., que fizeram colapsar o sistema, junto com outros fatores. Isto criou um ambiente de ideias confluentes, privilegiando o pessimismo, a desqualificação, os preconceitos e a indiferença. Por este fato é tão surpreendente que Francisco situe seus seguidores como irmãos (fraternidade) e servos (menores); antagonismos do exercício equivocado do poder. Francisco foi capaz de originar uma mudança, uma mudança positiva: ele devolve à Igreja sua identidade de servidora, pois ela tinha adquirido uma conotação diferente, acentuando especialmente o caráter hierárquico e o domínio universal, a partir da realeza de Cristo. Vejamos dois aspectos eclesiológicos importantes, que a Regra não Bulada sublinha:

1. Uma visão renovada da Igreja

A fé de Francisco confessa que o Filho de Deus vive na Igreja: «Todos os irmãos sejam católicos, vivam e falem catolicamente. Se, porém, algum se extraviar da fé e da vida católica no dizer e no fazer e não se emendar, seja

⁹⁹ Cf. A. VAUCHEZ, *La spiritualità dell'Occidente medioevale*, Introduzione di G. Cracco, 3ª ed., Milano, 2006, p. 67-127.

definitivamente expulso de nossa fraternidade»¹⁰⁰. Ela tem a grande missão de anunciar e manifestar o Reino de Deus aos homens, porque é a transmissora do plano da salvação, do qual os irmãos formam parte: «Quando os irmãos vão pelo mundo, nada levem pelo caminho, nem bolsa (cf. Lc 9,3; 10,4) nem sacola nem pão nem dinheiro (cf. Lc 9,3) nem bastão (cf. Mt 10,10). E, em qualquer casa em que entrarem, digam primeiramente: Paz a esta casa (cf. Lc 10,5)»¹⁰¹. Ele viveu sua vocação evangélica dentro da Igreja e enquadra a vida de penitência dentro dela¹⁰²; efetivamente, passa da fé individual à fé na comunidade eclesial, isto é, uma fé que amadurece e que se nutre dentro do seio da comunidade dos crentes: «Frei Francisco – e quem for superior desta Religião – prometa obediência e reverência ao senhor Papa Inocêncio e aos seus sucessores»¹⁰³. A fé de Francisco na Igreja é uma fé concreta, porque a estrutura e a sacramentalidade dela tem como objetivo tornar presente e atualizar o mistério da salvação:

E assim, contritos e confessados, recebam o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo com grande humildade e reverência, recordando-se do que diz o Senhor: Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna (cf. Jo 6,54); e: Fazei isto em memória de mim (Lc 22,19)¹⁰⁴.

O texto sublinha a dimensão ministerial (serviço), sacramental e evangelizador da Igreja¹⁰⁵; neste sentido, ela é a mediadora e servidora do Reino. Ela tem como tarefa prolongar e atualizar a salvação em todos os homens. A experiência evangélica de Francisco, vivida no interior da Igreja, permite-lhe colocar em relevo sua identidade mais profunda: servidora do Reino de Deus. Neste sentido, a figura e o exemplo da Virgem Maria tem um papel importante: ela é a «Virgem feita Igreja»¹⁰⁶, que colaborou no plano da salvação e, por isso, é modelo e exemplo da Igreja servidora.

¹⁰⁰ *RegNB* XIX, 1-2.

¹⁰¹ *RegNB* XIV, 1-2.

¹⁰² Cf. P. MESSA, *Le fonti patristiche negli scritti di Francesco di Assisi*, Assisi, 1999, p. 337.

¹⁰³ *RegNB*, Pról. 3.

¹⁰⁴ *RegNB* XX, 5-6.

¹⁰⁵ O vínculo entre estas dimensões descobre-se, especialmente, nos textos da *RegNB* 23,7 e da *2CtaF*.

¹⁰⁶ *SalVM* 1.

Existe um vínculo estreito entre a Igreja e a Ordem, que se fundamenta num projeto comum, que é o Reino de Deus. Este é o vínculo indissolúvel de comunhão, pertença e participação na missão e identidade da Igreja e da Ordem. A Igreja é a assembleia dos «que querem servir ao Senhor»¹⁰⁷; eles se incorporaram explícita e conscientemente em seu reinado. A Igreja tem, como missão, acolher a todos e, ao mesmo tempo, oferecer o lugar onde todos possam encontrar um espaço para realizar e viver a própria identidade filial e fraterna. Francisco tem uma visão ampla da Igreja, isto é, como o povo de Deus reunido em torno a Cristo¹⁰⁸. O reinado de Deus e o povo de Deus estão constitutivamente vinculados, um ao outro. A Igreja é uma comunidade de irmãos, caracterizada pela igualdade e reciprocidade fraterna daqueles que somente tem a Deus por Rei, cujo modo de governar é atualizado no plano da salvação¹⁰⁹:

e a todas as nações e a todos os homens de qualquer parte da terra, aos que existem e que existirão, nós, os frades menores todos, servos inúteis (Lc 17,10), humildemente rogamos e suplicamos para que perseveremos todos na verdadeira fé e penitência, porque de outra maneira ninguém pode salvar-se¹¹⁰.

2. Uma proposta eclesial nova

A proposta eclesial de Francisco introduz uma inversão na lógica do poder: uma inversão da organização estrutural-piramidal, já que põe em primeiro lugar os servos e, em último, os senhores. O santo introduz a lógica do Evangelho: «os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos»¹¹¹. Por isso chama a fraternidade de «Ordem de Irmãos Menores»¹¹². Francisco descobriu no Evangelho a imagem e o modo de agir de Deus. Cristo, o Filho, é o enviado do Pai; situou-se na história humana e entre os humanos como aquele que serve. Ele

¹⁰⁷ RegNB XXIII,7.

¹⁰⁸ Cf. L. IRIARTE, *Vocazione Francescana, Sintesi degli ideali di san Francesco e di santa Chiara*, 4ª ed. a cura di T. Jansen – W. Block, Bologna, 2006, p. 86.

¹⁰⁹ O tema sobre a realeza de Cristo e a Igreja tem sido bem desenvolvido por S. VERHEY, *Der Mensch unter der Herrschaft Gottes. Versuch einer Theologie des Menschen nach dem hl. Franziskus von Assisi*, Düsseldorf, 1960, p. 168-170.

¹¹⁰ RegNB XXIII,7.

¹¹¹ Mt 19,30.

¹¹² Cf. RegB 1,1; VbF 38,3.

foi o menor, sendo «o maior de muitos irmãos»¹¹³. Seguir a Cristo significa recriar este mesmo movimento, isto é, situar-se na vida como «um servidor».

Na visão eclesial de Francisco não se encontra nenhum elemento da teologia imperial, que sustentava a importância e a missão do rei cristão neste período da baixa Idade Média. Pelo contrário, como bem o assinala a *RegNB* XXIII,7, nela os menos favorecidos possuem preeminência sobre os grandes e os senhores. Os Irmãos Menores também formam parte deste grande povo de Deus, no qual todos estão convidados a participar. Eles, porém, são os últimos dos mencionados na lista, porque este é o lugar e a condição que ocupam dentro da Igreja, como bem os qualifica a expressão: «sejam menores»¹¹⁴. Na comunidade eclesial, que é servidora, os menores são servos dos servos¹¹⁵. Eles formam parte de uma única comunidade; deste modo se atualiza o sonho de Deus, expresso por João no capítulo 17,11 com as seguintes palavras e que Francisco cita três vezes: «para que sejam um como nós somos um»¹¹⁶. Não existe nenhuma identificação, na ordem estrutural e hierárquica, entre a Igreja e o Reino. Ela, pelo contrário, é a que serve à unidade e ao crescimento do povo de Deus. Neste sentido, Francisco supera, antecipadamente, a identificação da Igreja com o Reino, que acompanhou por muito tempo a história da teologia e que, somente, foi superada definitivamente na *Lumen gentium* e na *Gaudium et spes*, do Concílio Vaticano II.

Sugestões para a releitura

- A visão da *RegNB* sobre a identidade e missão da Igreja é uma ocasião apropriada para refletir sobre a dimensão eclesial de nossa vida: nossa presença e missão na Igreja. Em princípio, nenhum tipo de serviço ou lugar dentro da comunidade eclesial é proibido aos irmãos, porque toda ocasião pode transformar-se num momento propício para praticar a fraternidade e a minoridade. Sem dúvida, existem lugares preferenciais, que ajudam a viver

¹¹³ *Rm* 8,29.

¹¹⁴ *RegNB* 6,2.

¹¹⁵ Cf. M. A. LAVILLA, *La imagen del siervo en el pensamiento de san Francisco de Asís, según sus Escritos*, Valencia 1995, p. 234.

¹¹⁶ *RegNB* 22, 45; *1CtaF* 18; *2CtaF* 59.

com maior radicalidade e transparência nossa identidade: «a Igreja da periferia». Seria uma boa ocasião para responder à pergunta: Onde estão localizadas, hoje, nossas fraternidades (conventos)? Quais são as características que definem nosso serviço pastoral dentro da Igreja?

- Francisco elaborou uma imagem clara e precisa sobre a identidade e a missão da Igreja. Seria bom perguntar-nos: Qual é a imagem que temos, hoje, da Igreja? Qual é nossa ideia sobre a missão que ela possui no mundo de hoje? O Concílio Vaticano II deu uma guinada na eclesiologia e o Papa Francisco está convidando todos os batizados a manifestar o rosto materno da mãe Igreja: «Uma Igreja em saída e de portas abertas».
- O vínculo que Francisco de Assis estabeleceu com a Igreja foi uma aliança de comunhão e obediência, não somente com a comunidade eclesial, mas também com seus representantes. Ainda que nos escritos nunca mencione uma crítica explícita à Igreja, sua proposta de vida evangélica foi, em certa medida, uma crítica implícita. Sem dúvida, não se fixou nos pontos negativos ou nos obstáculos; pelo contrário, propôs uma alternativa de renovação. A obediência de Francisco foi uma «obediência criativa», que nós somos chamados a viver.

Sugestões para a celebração

Logo depois de ter feito a reflexão sobre a dimensão eclesial na *RegNB*, convidamos vocês a celebrar a comunhão e participação na comunidade dos crentes: o novo povo de Deus.

1. Acender uma vela e abrir o Evangelho. Canto inicial.
2. 1º sinal: Convidamos vocês a recordar o dia do batismo, da profissão perpétua e da ordenação sacerdotal (se for o caso dos participantes). Nesse momento iniciou a pertença à Igreja e a participação em sua missão evangelizadora e salvífica. Cada um faça uma breve oração, em voz alta, e ao final, os demais respondam: «como filhos e membros da Igreja, te damos graças Senhor».

3. 2º sinal: Francisco de Assis entendeu que a Igreja é mãe. Ela é convidada a acolher e a encontrar a todas as pessoas, porque a salvação é um dom universal. Convidamos vocês a escutar a *RegNB XXIII,7*. Francisco enumera a todos aqueles que tomam parte da comunidade: «todos os que que servir ao Senhor...». Quando o leitor chegar à expressão «a todas as nações e a todos os homens de qualquer parte da terra, aos que existem e que existirão...» deixe-se um espaço para que os participantes sigam enumerando as pessoas, ambientes, realidades, etc. que hoje deveriam tomar parte da Igreja ou aos quais ela deveria acolher. Depois, conclui-se a leitura do texto.

4. Texto. Leitor:

A todos os que querem servir ao Senhor Deus na Santa Igreja Católica e a todas as seguintes ordens: sacerdotes, diáconos, subdiáconos, acólitos, exorcistas, leitores, hostiários e todos os clérigos, a todos os religiosos e religiosas, a todos os conversos e pequeninos, pobres e indigentes, reis e príncipes, trabalhadores e agricultores, servos e senhores, a todas as virgens e solteiras e às casadas, aos leigos, homens e mulheres, a todas as crianças, adolescentes, jovens e velhos, sãos e enfermos, a todos os pequenos e grandes, e a todos os povos, gentes, tribos e línguas (cf. Ap 7,9), a todas as nações e a todos os homens de qualquer parte da terra, aos que existem e que existirão...» (*enumerem-se as pessoas, realidades, ambientes*)

5. Texto. «Todos»:

«nós, os frades menores todos, servos inúteis (cf. Lc 17,10), humildemente rogamos e suplicamos para que perseveremos todos na verdadeira fé e penitência, porque de outra maneira ninguém pode salvar-se».

6. Canto final e benção.

VI. «E CADA UM AME E CUIDE SEU IRMÃO...» (REGNB IX,10).

A DIMENSÃO FRATERNA DOS IRMÃOS MENORES

São Francisco foi um homem eminentemente prático; não procedia de maneira teórica; assim, dificilmente encontraremos uma definição conceitual de fraternidade em seus escritos. A *RegNB*, porém, mesmo que não sendo uma exposição sistemática nem orgânica do pensamento de seu autor, exprime com muita clareza uma determinada visão do homem em seu aspecto pessoal e fraterno.

Quando Francisco discorre sobre o tema da fraternidade evangélica na *RegNB*, usa expressões sóbrias para defini-la: «esta vida», «nossa vida», «obediência»¹¹⁷; explicitamente, a palavra «fraternidade» aparece três vezes¹¹⁸, sempre como sinônimo de Ordem ou Religião¹¹⁹, isto é, com um sentido mais de instituição ou agrupamento que de valor evangélico. O termo «irmão», das 107 vezes que ocorre na *RegNB*, em somente duas ocasiões é qualificado com o adjetivo menores¹²⁰; porém, de uma análise global do texto, emerge de modo evidente, que a fraternidade evangélica está intimamente ligada à minoridade.

Muito além de uma simples constatação dos vocábulos, «irmão-fraternidade», nossa tentativa será examinar duas das raízes profundas nas quais Francisco funda seu projeto fraterno – a dimensão relacional e a minorítica –, e como tal projeto se concretiza na vida cotidiana da comunidade.

1. Dimensão relacional da fraternidade

O tema da fraternidade condiciona, transversalmente, toda a experiência cristã e carismática de Francisco. A pessoa humana, em sua relação com Deus,

¹¹⁷ *RegNB* II,1. 2. 3. 9. 10, respectivamente.

¹¹⁸ *RegNB* V,4; XVIII,2; XIX,2.

¹¹⁹ Neste estudo não nos deteremos em estabelecer as diferenças e as relações entre os termos «fraternitas, religio, ordo».

¹²⁰ *RegNB* VI,3; XXIII,7.

com os outros e com o Outro, ocupa um lugar central em seu pensamento e em sua espiritualidade¹²¹. A *RegNB* nos atesta que, para Francisco, a fraternidade encontra sua origem, primeiramente, na dimensão pessoal da fé e da vida, que ele resgata com tanto empenho, mas que não absolutiza. É fácil perceber a insistência com a qual exorta aos irmãos, incluindo a ele mesmo, a sair de si mesmos e a situar-se em Deus, Criador, Redentor e Salvador de todas as criaturas, corporais e espirituais: único que concentra em Si o pleno bem e o bem total¹²². Por conseguinte, na fraternidade ingressa-se «em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo», como está definido desde a primeira linha do documento¹²³.

Francisco, sempre, contempla ao homem em relação com este Deus Trino e Uno¹²⁴, que cria, que redime e salva, que faz maravilhas¹²⁵; e com quem se estabelece uma estreita relação, como filho, mãe, irmão e esposo¹²⁶. Desta primeira e fundamental relação do homem com a Unidade e Trindade de Deus, emerge uma fraternidade, que supõe um tipo de relações novas, *ad intra* e *ad extra*, nos membros que a compõem¹²⁷. A relação de Pai e filho permite que o homem se converta em irmão, porque, principalmente, é filho de Deus: aquele que ama ao outro como irmão, ama a Deus como Pai e cumpre, assim, toda a lei cristã¹²⁸. A fraternidade franciscana se apresenta, então, como a revelação histórica do amor-comunhão do Trino e Uno e, nesta raiz, apresenta-se, também, como um testemunho para o mundo da «universal paternidade» de Deus e da «universal fraternidade» de todos os homens¹²⁹. Por tal motivo, os que formam parte da Religião, são denominados sob um único nome comum: frades e irmãos.

Esta fraternidade franciscana constrói-se sobre um inabalável fundamento bíblico-evangélico: o Pai, no Filho, nos torna seus filhos e, portanto, nos torna a

¹²¹ Mesmo que o vocábulo «persona» não apareça em nenhum de seus escritos.

¹²² *RegNB* XXIII,1.9. Cf. G. IAMMARRONE, *Temî teologici francescani*, Roma, 2011, p. 123.

¹²³ *RegNB*, Prol. 1.

¹²⁴ *RegNB* XXI,2; XXIII,11; XXIV,2.

¹²⁵ *AID* 1-6.

¹²⁶ *1CtaF* 1,7; *2CtaF* 50.

¹²⁷ *RegNB* XII y XIII.

¹²⁸ Cf. *Mc* 12,32-33; *Mt* 22,36-40; *Jn* 13,35; 14,21; *Rom* 13,10; *Ga* 5,14.

¹²⁹ A. BONI, *Fraternità*, en *Dizionario Francescano*, a cura di E. Caroli, Padova, 1995, p. 716-717.

todos irmãos¹³⁰. Inseridos no mistério do Filho encarnado, os Irmãos Menores devem situar-se uns diante dos outros, como servos. Sabemos, pela *RegNB*, que esta ideia de fraternidade tem como ponto de referência o Cristo *kenótico*, que se fez tudo para todos, especialmente para os mais desfavorecidos. A dos menores é uma fraternidade evangélica, na qual seus membros praticam o mesmo despojamento de Cristo, vivem na escuta da vontade de Deus e estruturam sua vida comunitária a partir de um projeto evangélico em comum, cuja dinâmica interna nivela todas as relações, inclusive em sua aparência mais externa¹³¹. A fraternidade, para que seja evangélica, deve constituir-se num âmbito de acolhida¹³²: todos devem acolher-se como irmãos¹³³. A irritação, a ira, o constrangimento e a murmuração, que estragam as sãs e saudáveis¹³⁴ relações fraternas, cujo fundamento é a «Regra de ouro evangélica», tratar ao outro como cada um gostaria de ser tratado¹³⁵, devem ser banidas.

A vida em fraternidade, a mesma que o senhor Papa concedeu e confirmou a Francisco, consiste na vivência do Evangelho de Jesus Cristo, o qual não é outra coisa senão um convite para viver no amor mútuo e na desapropriação. A Regra de 1221 não faz exceção ao indicar que todos os irmãos são, comunitariamente, responsáveis para conduzir-se mutuamente, com familiaridade e a manifestar, com confiança, as próprias necessidades entre si, ali onde se encontrarem, e nutrir-se amorosamente uns aos outros¹³⁶. Esta familiaridade generosa e efetiva será a característica fundamental, que distinguirá as relações entre os membros do grupo.

O capítulo XI da *RegNB* é uma das descrições mais claras de como Francisco quer que seus irmãos se comportem fora e dentro da fraternidade. Trata-se do perfil do autêntico Irmão Menor, convidado a apresentar-se como um servo inútil,

¹³⁰ Cf. *Jo* 1,12; *Ga* 3,26; 4,1-7; *Rm* 8,15; *1Jo* 3,1-2; 5,1; *1Pe* 1,23.

¹³¹ *RegNB* II,14.

¹³² *RegNB* II,1.3.

¹³³ *RegNB* VII,14.

¹³⁴ *RegNB* V,7. 13; XI,4.

¹³⁵ *RegNB* 4,4. 6. 2. 10,1.

¹³⁶ *RegNB* IX,10-11.

pequeno, alguém que nunca se eleva¹³⁷, porque sabe que a soberba e a vanglória arruinam a convivência fraterna¹³⁸. Isto nos conecta com o ponto que segue.

2. Dimensão minorítica da fraternidade

O projeto fraterno, na *RegNB*, parte de uma imagem concreta de homem: o «homem-Deus», Jesus Cristo, servo sofredor, manifestação sublime da presença viva e humilde de Deus na história. Assim como o Verbo se fez humanidade, para doar-se ao mundo, o homem deve fazer-se fraternidade, para doar-se a Deus e aos seus congêneres. Para Francisco, esta fraternidade é dom, somente e enquanto emerge como uma *fraternitas* de irmãos. Ainda que soe redundante, o esclarecimento serve para distingui-la de uma *fraternitas* hierárquica que, se bem que não tenha nada de negativo em si mesma, não coincide com a ideia de fraternidade que Francisco recebeu como revelação, na qual «ninguém se denomine prior, mas todos, sem exceção, sejam chamados de irmãos menores»¹³⁹.

Isto significa que um elemento nuclear da vida fraterna é a minoridade. Somente se é fraterno se se é menor. Os capítulos VIII, IX e X da *RegNB*, ligados por uma continuidade temática, expõem, de modo claro, esta relação simbiótica entre fraternidade-minoridade. Do capítulo VIII temos que a opção pela minoridade é realizável somente no marco de uma vida fraterna; a expropriação total, somente a pode realizar aquele que se sabe sustentado por seus irmãos. Do capítulo IX extraímos que, manifestar a necessidade ao irmão, isto é, pedir-lhe esmola, não é somente pedir algo material, mas colocar-se numa condição de indigência diante o outro. Aqui o pedir esmola, que é uma atitude minorítica, se une à atitude fraterna de saber responder à necessidade do irmão como uma mãe responde à de seu filho. Fala-se, quase, de um processo de substituição: eu tomo o lugar do outro, para conhecer o que ele necessita, a fim de e providenciá-lo para ele; é uma atitude que vai muito mais além da empatia. Por último, o capítulo X apresenta outro enlace entre fraternidade-minoridade, ao abordar o tema dos doentes: como deve comportar-se a fraternidade com os doentes e como deve

¹³⁷ *RegNB* XI,3; XVII,5.

¹³⁸ *RegNB* XVII,9.

¹³⁹ *RegNB* VI.

comportar-se o enfermo na fraternidade e consigo mesmo? Frente a este desafio, Francisco pede aos irmãos sãos o compromisso fraterno de não abandonar ao frade enfermo; enquanto que, a este, pede a atitude menor de não se perturbar por seus padecimentos, mas sim, agradecer humildemente a Deus por eles¹⁴⁰.

Além da doença, outra das fragilidades manifestas ao interno da fraternidade, é a do pecado; por exemplo, o capítulo V responde às perguntas: como devem comportar-se o ministro e os demais frades quando enxergam que um irmão peca? Como deve comportar-se o frade pecador na relação com o ministro? Qualquer que seja o caso, impõe-se a todos a atitude fraterna e menor do não perturbar-se ou irar-se pelo pecado alheio, mas sim, ajudar «espiritualmente, como melhor puderem» ao que pecou¹⁴¹.

A fraternidade franciscana tem suas bases na vocação à vida minorítica, ou seja, é a vocação de Irmãos Menores aquela que fundamenta a vivência fraterna, que, por sua vez, se cimenta sobre o seguimento de Jesus. A fraternidade é formada por Irmãos Menores, que desejam ser seguidores de Jesus Cristo pobre, obediente e crucificado. A *RegNB* sempre enquadra o programa da minoridade e fraternidade na perspectiva do seguimento, como indicado desde o início pelo capítulo I que, na sua brevidade, reporta três vezes o verbo «seguir»; sempre em função do «seguimento de Cristo», que para Francisco, não se trata simplesmente de seguir a Jesus, mas de seguir, concretamente, sua doutrina e suas pegadas¹⁴². A minoridade e a fraternidade do ser irmãos significa, em primeiro lugar, ajudar-nos uns aos outros a seguir a Jesus e a viver seu Evangelho dentro da Igreja¹⁴³. É uma fraternidade católica¹⁴⁴, mas que sabe entrar em diálogo pacífico com os que pensam diferente.

Uma das características centrais do frade menor, como o sugere o capítulo XVI, é sua vontade de ir pacífico e dialogante, entre os que são diferentes e hostis.

¹⁴⁰ Cf. C. VAIANI, *Storia e teologia dell'esperienza spirituale di Francesco d'Assisi*, Milano, 2015, p. 122.

¹⁴¹ *RegNB* V,7-8.

¹⁴² *RegNB* I,1. Cf. L. LEHMANN, *Caritas et Sapientia. Raccolta di studi francescani*, Bologna, 2019, p. 136-137.

¹⁴³ *RegNB* IX,1; XXII,1. 25-27.

¹⁴⁴ *RegNB* XIX.

A preposição «entre» apresenta uma importante carga semântica na *RegNB*¹⁴⁵: somente no capítulo V a encontramos 5 vezes, e, sempre, em referência à minoridade e aos comportamentos fraternos. Um belíssimo exemplo lemos também no capítulo IX,2: «E devem alegrar-se, quando conviverem entre pessoas insignificantes e desprezadas, entre os pobres, fracos, enfermos, leprosos e os que mendigam pela rua». Os Irmãos Menores não somente devem contentar-se em estar próximos dos desprezados, mas devem viver no meio deles e mostrar-se felizes de poder fazê-lo.

Torna-se evidente que, fraternidade e minoridade, são dois elementos que estão, intrinsecamente, unidos no pensamento e na práxis de Francisco. No âmbito do exercício da autoridade, ele não faz exceção: os que exercem o serviço de governar, devem realiza-lo com espírito menor e sem pretensão de poder sobre ninguém¹⁴⁶. O ministro da fraternidade deve ser um irmão acompanhante, não um chefe administrador, por isso, chamado «ministro e servo»¹⁴⁷. Francisco é taxativo ao definir que, em sua fraternidade, todos devem servir-se e obedecer-se mutuamente, numa espécie de intercâmbio horizontal e vertical; embora seja óbvio que alguns são eleitos para desempenhar, por um período estabelecido, o governo e a animação. Não obstante a estrutura de autoridade, na fraternidade, se assente sobre o fato de que o serviço não compete somente aos ministros, como a obediência não compete somente aos súditos¹⁴⁸. Para uns e outros, o viver fraterno deve ser por igual a expressão mais lapidada da minoridade autêntica, da pobreza evangélica e do amor mútuo.

Sugestões para a releitura

- Inseridos em sociedades nas quais os indivíduos se agrupam somente com fins econômicos, ideológicos ou lúdicos, a fraternidade sonhada por Francisco de Assis, constitui-se num sinal profético para nós, porque nos

¹⁴⁵ Para uma análise completa da preposição *inter* nos escritos de Francisco, Cf. L. LEHMANN, *Inter-esse come testimonianza francescana*, en *In dialogo. Metodo scientifico e stile di vita*, a cura di L. Bianchi – R. Di Muro, Bologna, 2020, p. 191-218.

¹⁴⁶ *RegNB* V, 9.

¹⁴⁷ *RegNB* 5,3. 7.

¹⁴⁸ *RegNB* V,20.

mostra uma maneira diferente de viver juntos: desde a reciprocidade, que nos permite valorizar o outro pelo que é e sentir-nos responsáveis por ele.

- A fraternidade franciscana é uma alternativa eficaz e urgente à escalada de racismo e violência que hoje sofremos. Nós, os franciscanos devemos arregaçar as mangas para a construção de uma humanidade mais reconciliada e menos ferida pelas desigualdades. Viver em fraternidade é mais que uma utopia evangélica; implica, concretamente, uma mudança de paradigma político, cultural e econômico, que torne possível e efetivo um verdadeiro encontro fraternal.
- Hoje nossas relações fraternas correm o risco de ser somente funcionais na estrutura institucional: professamos uma mesma regra, vivemos juntos num mesmo convento (ou casa), partilhamos o apostolado, vestimos o mesmo hábito..., mas não nos sentimos, nem nos comportamos, como irmãos de verdade. Talvez devamos redescobrir, novamente, a comum e universal paternidade do Deus Criador, e a comunhão e universal da fraternidade, do homem criatura. Tomar consciência da dignidade transcendente do outro é a única via que nos permitirá de acolher-nos como dom mútuo, num clima saudável e maduro, que permita a promoção integral de cada um e de todos.
- Em muitos casos concretos, a experiência de vida estampada no texto da *RegNB* lança luzes para nosso trabalho fraterno e cotidiano. Um destes casos são os irmãos doentes, que representam um desafio à fraternidade. Hoje torna-se um problema o fato de que, em algumas ocasiões, o irmão enfermo ou ancião tem, quem sabe, todas as atenções médicas adequadas, mas carece da proximidade afetiva e dos bons detalhes de seus outros irmãos. Devemos direcionar nosso olhar para Francisco, que dá à doença um caráter escatológico e pedagógico, que não somente compete aos doentes, mas da mesma forma aos que compartilham a vida com eles; de modos que a enfermidade se transforme num espaço de crescimento para o irmão aflito e para a fraternidade que o acompanha. Trata-se, pois, de

entender e exercer os deveres fraternos num modo gozoso e solidário, e desde o princípio de subsidiariedade.

Sugestões para a celebração

Visto que a vida fraterna se desenvolve em duas esferas que se tocam e condicionam mutuamente: a fraternidade institucional (local, provincial, etc.) e a fraternidade em minha vida pessoal, convidamos vocês a ler o capítulo XI da *RegNB*, tendo como base a «Regra de ouro» de *Mt* 7,12. Num primeiro momento, fazer uma leitura-reflexão em modo individual, checando minhas opções pessoais, meus comportamentos, meu desenvolvimento cotidiano na comunidade a que pertenço, e à luz disto perguntar-me: quão fraterno é o estilo de vida que conduzo a nível pessoal?

Num segundo momento, fazer o mesmo exercício, mas desta vez discernindo comunitariamente: quais são os pressupostos teológicos e franciscanos que devem sustentar uma autêntica experiência fraterna? Quais destes pressupostos não estão presentes ou estão de modo parcial, em nossas fraternidades locais e provinciais? Por último, que iniciativas concretas poderíamos implementar para fortalecer uma animação fraterna mais evangélica e franciscana?

VII. «SEJAM MENORES E SÚDITOS DE TODOS» (*REGNB* VII,2)

A MINORIDADE NA *REGNB*

Dentro da ampla gama de valores que conformam e definem o carisma franciscano, a minoridade ocupa um lugar determinante, porque é o valor que faz com que todos os demais sejam também valores franciscanos. É (poderíamos dizer), o valor original, que desde os inícios, identificou a experiência cristã de Francisco e seus primeiros irmãos, permeando-a de uma particularidade única. Apesar de sua central importância, sem dúvida, não é fácil conceituá-la; comumente ela é confundida com a humildade, a simplicidade, a pobreza, o serviço, a pequenez, talvez porque é uma voz que não pertence ao nosso jargão comum¹⁴⁹.

Francisco de Assis fala de «ser menores», isto é, uma forma concreta de situar-se diante dos demais e na sociedade. Porém, o substantivo minoridade não aparece diretamente em seus escritos. Vários decênios depois de sua morte, São Boaventura o usará pela primeira vez, num sermão que ele dedica ao santo de Assis¹⁵⁰. Por conseguinte, a Regra não Bulada desconhece, também, a palavra minoridade; a expõem, contudo, em troca, de modo prolixo, como práxis de vida. Esta dimensão é a que nos interessa compreender, aprofundar e recuperar, porque nela se esconde a fascinação, a novidade e a força transformadora que a minoridade teve no franciscanismo da primeira hora.

¹⁴⁹ Cf. J. MICÓ, *Minoridad*, en *Dizionario Franceseano*, 1115.

¹⁵⁰ *Mitis est homo per effectum fraternitatis; humilis per effectum inferioritatis, sive minoritatis* («Manso é o homem por efeito da fraternidade; humilde por efeito da inferioridade, ou minoridade»). Cf. S. BUENAVENTURA, *Sermo V de S. Patre Francisco, Opera Omnia*, IX, Ad Claras Aquas [Quaracchi], 1901, p. 594; obra citada en URIBE, *Núcleos del carisma*, 329. A tradução é nossa.

1. A minoridade como nome e como estilo de vida¹⁵¹

Foi o próprio Francisco que quis que a Ordem, fundada por ele, se chamasse dos Irmãos Menores, isto é, daqueles que fazem a opção definitiva de viver como menores. Tomás de Celano, na primeira hagiografia que escreveu sobre o santo de Assis, pelos anos 1228-1229, conta que:

O que dizer? Ele próprio plantou no início a Ordem dos Frades Menores e naquela ocasião lhe impôs este nome. Realmente, quando assim escrevia na regra: “E sejam menores”, ao proferir essa palavra, naquela mesma hora, disse: “Quero que essa fraternidade se chama Ordem dos Frades Menores”¹⁵².

Interessa-nos sublinhar que, com toda probabilidade, a expressão «quando assim escrevia na Regra: “E sejam menores”», com a qual Tomás introduz as palavras de Francisco, alude a um capítulo da Regra não Bulada, que poderia ser o sexto ou o sétimo: seja num ou noutro, pede-se aos frades comportar-se, sem exceção, como «menores e súditos de todos...»¹⁵³. Para perscrutar o fundamento da minoridade, devemos perguntar-nos de onde Francisco toma o nome de «menores», vocábulo que deriva da voz latina *minor*, cujo significado exato, na época do Pobrezinho, é difícil precisar, porque apresenta acepções diferentes segundo os casos ou os ambientes em que era usado.

Muito além da carga semântica que possa apresentar o termo na Idade Média, muitos explicam a opção de Francisco pela minoridade, recorrendo à luta de classes que dividia e que a cidade de Assis enfrentava naquele tempo, os Maiores e os Menores, como duas forças antagônicas: os primeiros eram os senhores feudais, os segundos representavam ao povo, que buscava libertar-se da vassalagem feudal. O rancor acumulado entre as partes desencadeou uma guerra em 1198, mediante a qual os Menores expulsaram os maiores de Assis, que tiveram

¹⁵¹ Para confrontar esta seção referimos a: L. LEHMANN, *Vivir la pobreza en la perspectiva de minoridad*, en *SelFranc*, 95 (2003) p. 200-212; F. URIBE, “*Todos sean llamados hermanos menores*” (*RegNB* 6,3). *Hacia una identificación de la minoridad a partir de los escritos de s. Francisco de Asís*, en *Verdad y Vida*, 61 (2003) p. 63-104; URIBE, *Núcleos del carisma*, 329-338; MICÓ, *Minoridad*, p. 1115-1120.

¹⁵² *VbF* 38,2-3 [1Cel, XV, 38,2; cf. também *CompAss* 101c-e.

¹⁵³ Cf. *RegNB* VI,3; VII,2.

que fugir para Perugia. Depois de várias tentativas para diminuir a tensão sócio-política, ambos firmaram um tratado de paz definitivo em 1210.

Dizer que Francisco opta pela minoridade para solidarizar-se com o grupo dos Menores de Assis, como se continua dizendo hoje, é, por um lado, ter entendido mal a Francisco e, por outro, não ter entendido nada da história de sua cidade; porque os Menores e os Maiores eram, por igual, grupos de poder; não eram, uns senhores e outros servos, ambos lutavam pela conquista de seus próprios interesses econômicos e sociais; eram forças com ideias políticas contrapostas. Claramente, por conseguinte, resulta desacertado vincular o nome de «Irmãos Menores» com os menores da cidade de Assis, que pertenciam a uma classe social específica e que eram, na realidade, um partido político.

A Regra de 1221, sem dúvida, recorda-nos o dado importantíssimo de que na cidade de Assis existia uma «terceira classe social», composta pela gente de baixa condição e desprezada: os pobres e débeis, os doentes e leprosos, os mendigos deitados nos caminhos¹⁵⁴; isto é, todos aqueles que não eram considerados cidadãos, que não tinham a possibilidade de exigir um direito mínimo ou de lutar por sua libertação, porque nem sequer apareciam registrados nos arquivos de sua cidade. Estes pobres, excluídos de tudo, sem poder, sem nome, sem um suporte básico e sem lugar social, são os verdadeiros «menores», com os quais os frades devem sentir-se contentes em conviver.

A opção pela minoridade, segundo o que lemos na *RegNB*, se expressa no serviço fraterno e caritativo a estes sem cidadania, aos frágeis e aos desprezados: os doentes e leprosos¹⁵⁵; os moralmente débeis¹⁵⁶; os que sofrem carências materiais ou espirituais¹⁵⁷; os tachados de indesejáveis e os adversários¹⁵⁸. Os irmãos devem habitar entre estes miseráveis, como menores entre menores, porque antes que servir aos pobres com amor evangélico, a minoridade significa ser e estar

¹⁵⁴ *RegNB* IX,2.

¹⁵⁵ *RegNB* X,1-34.

¹⁵⁶ *RegNB* V,1-8.

¹⁵⁷ *RegNB* IX, 10-11.

¹⁵⁸ *RegNB* VII,14.

com eles. Partindo dos dados que nos brindam os escritos, podemos afirmar que a minoridade, que Francisco assume como estilo de vida, não se fundamenta no desejo de colocar-se nas filas de uma classe social específica (o que implicaria rechaçar a classe social oposta: os Maiores, neste caso). A *RegNB* nos confirma de vários modos; mencionamos como exemplo uma passagem na qual, usando uma citação direta de *Mt* 20,25-27, Francisco recorda a seus irmãos:

Os príncipes das nações as dominam, e os que são maiores exercem poder sobre elas (*Mt* 20,25); não será assim entre os irmãos (*Mt* 26,26a); e quem quiser tonar-se o maior entre eles, seja o ministro (cf. *Mt* 20,26b) e servo deles¹⁵⁹.

Não se trata, pois, de uma opção pela luta de classes, mas fundamentalmente de uma opção evangélica, que implica, isto sim, um necessário situar-se num campo social determinado. A minoridade puxa para o descenso, nunca para a ascensão, nem à conquista de nenhum tipo de poder ou auto-reivindicação. Isso colocaria aos menores no mesmo plano dos «príncipes das nações»¹⁶⁰. Irmão Menor, pelo contrário, é o último, o que voluntariamente se coloca no mesmo campo dos insignificantes, dos que não contam para nada e não contam para ninguém.

Não podemos negar que o ambiente cultural e sociopolítico de Assis, no século XIII, tenha tido, naturalmente, sua influência nas opções feitas por Francisco; não, contudo, no sentido de fundamentar, principalmente, tais opções; mas, porque aquele contexto sócio-histórico, permitiu-lhe descobrir o verdadeiro sentido da minoridade evangélica, que ele queria viver. O nome «menores», como o substantivo «minoridade», não o conseguem explicar, totalmente, desde um ponto de vista puramente sociológico; ambos têm a ver, em primeiro lugar e, fundamentalmente, com a *kénosis* da encarnação e a *kénosis* da cruz.

¹⁵⁹ *RegNB* V,10-11.

¹⁶⁰ A respeito, Francisco sempre alerta aos ministros, aos pregadores e aos intelectuais, porque são estes três campos nos quais, com mais facilidade, põem-se em risco a vocação à vida minorítica.

2. Menores, como Jesus Cristo

O nome que Francisco escolheu para sua Ordem, não é o resultado de uma eleição banal; é um nome programático, que contém e expressa um programa de vida. Ainda assim, nem sempre consegue-se perceber, com exatidão, qual é a precedência, a relação e a interação interna entre os dois termos do binômio: irmão e menor¹⁶¹. Quando estudamos o tema da fraternidade, vimos que somente quem é irmão pode ser autêntico menor. Veremos agora, estudando as bases evangélico-teológicas da minoridade, por que somente o menor, o expropriado de si, pode ser autêntico irmão.

Na Regra de 1221, o adjetivo qualificativo «menor», aparece somente quatro vezes¹⁶²; não obstante e apesar de seu escasso uso, é um termo de grande alcance, por estar diretamente relacionado com a vocação de Francisco e seus irmãos, que querem ser servidores de Deus e dos homens, como Cristo. Na *RegNB*, o termo aparece pela primeira vez no capítulo V,12: «E quem é o maior entre eles, *faça-se como o menor*»¹⁶³. Trata-se de uma citação de Lc 22,26. É necessário contextualizá-la, para compreender o peso semântico do conceito nesta passagem lucana: estamos no contexto da instituição da Eucaristia e da íntima despedida de Jesus a seus discípulos, na Quinta-Feira Santa, à noite. Isto nos indica, por primeiro, que Francisco buscou o nome que desejava dar a seus irmãos na profundidade do coração de Jesus, o Servo sofredor, o amigo e mestre, que abre a profundidade de sua intimidade aos seus¹⁶⁴.

A segunda citação, da *RegNB* VI,3¹⁶⁵, confirma a anterior: «E ninguém se denomine prior, mas todos, sem exceção, sejam chamados de irmãos menores», a qual segue, imediatamente, uma referência a Jo 13,14: «E um lave os pés do

¹⁶¹ A relação entre ambos os termos pode ser consultada em: A. QUAGLIA, *La regola francescana. Lettura storico-esegética*, Asís, 1987, p. 89.

¹⁶² *RegNB* V,12; VI,3; VII,2 y XXIII,7 (aqui incluímos o plural *minores*).

¹⁶³ A nova edição crítica dos Escritos, escolhe a tradução: «...aquele que é o maior entre eles, faça-se como o mais jovem»; isto porque o editor Paolazzi se decanta pela locução latina *sicut junior*, em vez de *sicut minor*, como o fazia a edição anterior, de Esser, que neste particular pareceria encaixar mais com o vocabulário e a espiritualidade do «Pobrezinho»; por este motivo usamos aqui a expressão «como o menor».

¹⁶⁴ Cf. I-E. MOTTE, *Se llamarán «hermanos menores»*, en *SelFranc*, 12 (1975) p. 274-277.

¹⁶⁵ *RegNB* VI,3-4.

outro»; um mandato que situa-nos, outra vez, na Última ceia. Encontramo-nos ali, com um homem ajoelhado, que lava os pés de seus irmãos. Essa é a imagem que o Mestre quer deixar gravada na memória e no coração de seus discípulos, como um «testamento espiritual»; é o resumo perfeito da vocação ao serviço humilde e menor, que Jesus quer instituir. Trata-se propriamente do núcleo do seu mistério *kenótico* e cristológico: o Verbo que desce e se aniquila, para tornar-se servidor dos seus irmãos¹⁶⁶.

Francisco compreendeu, perfeitamente, que a minoridade é a melhor forma de seguir as pegadas de Cristo, o Servo sofredor, despojado e manso, que se entrega por inteiro na cruz:

Finalmente, o que é a minoridade senão o mistério do aniquilamento de Cristo, do Criador que mergulha na finitude, do Homem convertido num corpo quebrado, pendente duma cruz atroz, irrisória, despojado de todo seu poder aparente?¹⁶⁷

Desde os inícios de sua vida de penitência, o «Pobrezinho» intuiu que seu caminho era seguir a Cristo, no mistério de seu aniquilamento redentor¹⁶⁸. Assim, na figura de Jesus como servo humilde e humilhado, encontrou o fundamento teológico de sua opção pela minoridade. A essência do Evangelho de Jesus e do Reino por ele anunciado, referem a esta minoridade, que se faz serviço e oblação de amor, como o expressa a parábola viva do lava-pés. Na conclusão da *RegNB*, Francisco prolonga este gesto de Jesus, mostrando-se disposto não somente a lavar, mas, também, a beijar os pés de seus frades¹⁶⁹. Assim, inscreve-se, em primeira pessoa, dentro da «kénosis fraterna»: a autoridade que ele possui, como fundador, não parte de uma prerrogativa jurídica, mas da vontade concreta de ser servo e súdito, aos pés de seus irmãos.

Se irmão é o menor, menor é aquele que serve; consequentemente, o Irmão Menor, por excelência, é Jesus, que não veio para ser servido, mas servir; como ressalta a *RegNB* IV,6 numa citação direta de Mt 20,28, que Francisco aplica aos

¹⁶⁶ Cf. MOTTE, *Se llamarán «hermanos menores»*, 278-280.

¹⁶⁷ M. HUBAUT, *La minoridad según san Francisco*, en *SelFranc* 20 (1991) p. 461. Nossa tradução.

¹⁶⁸ *RegNB* IX,1. 4-5; XXII,2.

¹⁶⁹ *RegNB* XXIV,3.

«ministros e servos», encarregados de governar a fraternidade. A *RegNB* esboça, ademais, um modelo «menor» do exercício da autoridade, fundamentado também na imagem bíblico-teológica do Jesus da *kénosis*, erigido por Francisco como modelo para quem foi posto no ofício da prelatura. A minoridade que os irmãos vivem, como projeto de vida, exclui, por princípio, um governo que não seja o serviço e aniquilamento

Como víamos, segundo o capítulo sexto da *RegNB*, as relações internas da fraternidade não devem ser regidas hierarquicamente («ninguém seja chamado prior»), senão desde uma horizontalidade fraterna («todos sejam chamados frades menores») e *kenótica* («um lave os pés do outro»)¹⁷⁰. Jo 13,14 lembra aos irmãos de se posicionarem como menores, em meio duma sociedade dominada por aqueles que se definem maiores. O teor de vida de Jesus será o ponto de referência invariável, para aqueles que terão como única glória, o serviço humilde e alegre aos demais.

Com estas linhas precisas, a minoridade franciscana introduz um elemento de particular novidade à respeito da visão hierárquica do antigo monacato, do qual se distancia: na estrutura monástica a autoridade do abade se fundamenta na figura do Pai onipotente; na fraternidade minorítica, por sua vez, o ponto de partida e de chegada será sempre a *kénosis* do Filho¹⁷¹. Esta imagem estabelece as bases para uma concepção da minoridade que descarta todo sistema de poder ou dominação¹⁷², implícito ou explícito, e instaura relações horizontais, de mútua acolhida¹⁷³.

Além do que já foi dito, a minoridade alimenta-se, igualmente, da constatação e aceitação gozosas da própria pobreza e pequenez existencial. Menor é aquele que se regozija, contemplando seu nada e sua finitude, diante do mistério de Deus: o

¹⁷⁰ *RegNB* VI,3.

¹⁷¹ Cf. CHIARELLO, M., *Elementi per un'antropologia: le Ammonizioni di san Francesco d'Assisi di*, en *Fides Quaerens*, 1-2 (2013) p. 30-31; A. CICERI, *Le Ammonizioni*, en *Le origini del francescanesimo negli Scritti di Francesco d'Assisi*, Atti della settimana di francescanesimo (Palermo - Baida, 28 agosto - 2 settembre 2006), Messina, 2007, p. 71-174.

¹⁷² *RegNB* V,9.

¹⁷³ *RegNB* II,1.3; VII,14; IX,11.

total e sumo Bem, a quem devem ser restituídos todos os demais bens. Esta atitude de não apropriação¹⁷⁴ traduz-se, necessariamente, num modo particular de entender a vida e de viver a relação com Deus, com a criação, com os demais e consigo mesmo. Deste modo, a minoridade nos faz «servos», em primeiro lugar, de Deus¹⁷⁵, depois, uns dos outros, por amor a Cristo¹⁷⁶, e, por último, de toda humana criatura¹⁷⁷.

A minoridade é uma opção, que tem como ponto de partida o coração do homem, mas que não fica reduzida a essa interioridade. De fato, é ela que equilibra as relações no interior da fraternidade evangélica, e que empurra, a esta mesma fraternidade, a traduzir suas opções em formas concretas de comportamento e compromisso, para o exterior¹⁷⁸. O ponto de apoio e a inspiração serão sempre de caráter evangélico-cristológico; porém, o «ser menor» implica, inevitavelmente, a inserção num campo social preciso: o dos marginalizados e excluídos. Esta solidariedade social e histórica assenta-se, por sua vez, na vontade do não possuir, do não dominar, que o irmão Francisco praticou e preconizou incansavelmente. O fragmento da *RegNB* IX,1-2 ilustra, de modo manifesto, como a minoridade franciscana vai do cristológico ao sociológico, do teológico ao histórico, do interno ao externo:

Todos os irmãos se esforcem por seguir a humildade e a pobreza de Nosso Senhor Jesus Cristo e recordem-se de que nenhuma outra coisa nos convém ter de todo o mundo, a não ser, como diz o Apóstolo, tendo os alimentos e com que nos cobrimos, com estas coisas estejamos contentes (cf. 1Tm 6,8). E devem alegrar-se, quando conviverem entre pessoas insignificantes e desprezadas, entre os pobres, fracos, enfermos, leprosos e os que mendigam pela rua.

Francisco quis que seus irmãos, não somente se chamassem, senão que fossem Menores; isto é, que se colocassem no último lugar e servissem

¹⁷⁴ *RegNB* VII,13.

¹⁷⁵ *RegNB* XXII,26.

¹⁷⁶ *RegNB* V,14.

¹⁷⁷ *RegNB* XVI,6. A minoridade afeta de forma especial a maneira de fazer missão, de entrar em contato com pessoas e culturas distintas. O ir pelo mundo deve ser moderado por um espírito de mansidão, de reconciliação e por uma atitude pacificadora e fraterna, evitando sempre as contendas, como o expressa também a *RegNB* XI,3.

¹⁷⁸ *RegNB* VII,1-2.

generosamente aos outros pobres, e os convertessem em suas referências¹⁷⁹. Esta minoridade, que tem sua fonte de inspiração na pessoa de Jesus Cristo, é o fermento para um mundo novo, baseado sobre uma hierarquia invertida, na qual o pobre e o pequeno são dignos do melhor serviço. Trata-se de entender que, se Deus é infinitamente maior quando serve, então o homem será parecido a seu Criador quando, voluntariamente, se ajoelha para servir, pois, no serviço humilde e gozoso, radica a nobreza dos menores¹⁸⁰. O irmão menor, então, é aquele que prega, com sua vida, que o verdadeiro poder e a autêntica grandeza, escondem-se no amor fraterno e serviçal, como o ensinou Jesus, quando lavou os pés a seus discípulos.

Sugestões para a releitura

- A vocação à minoridade não fica reduzida, somente, aos Irmãos Menores; é, da mesma forma, um convite para todos os cristãos, porque todos, sem exceção, devemos reforçar nosso espírito de serviço humilde, de obediência mútua, de humildade sincera. Somente dessa maneira poderemos banir a vontade de poder e de domínio, que causa tanto dano. Os que querem ser menores tem a tarefa de optar pela paz, a desapropriação e a reconciliação, em meio de um mundo que opta por meios violentos, pela promoção do materialismo consumista e pela manipulação ideológica das consciências.
- Espiritualizar a minoridade seria uma flagrante traição à vida evangélica, porque a minoridade não pode ser reduzida a mera virtude interior, haja vista que ela conduz para um modo específico de situar-nos no mundo. Em que parte da sociedade nos situamos? Como nos comportamos e com quem compartilhamos? São perguntas chaves na hora de avaliar quão minoríticos são os estilos de vida que assumimos. Contudo, não somente nossos comportamentos, mas também nossas ocupações, nossas casas, nossa projeção externa, devem estar em linha de coerência com a opção evangélica professada.

¹⁷⁹ *RegNB* II,7; VII,8.

¹⁸⁰ Cf. HUBAUT, *La minoridad según san Francisco*, 455 e 461.

- Devemos ser menores, também, nos meios e nas formas que usamos para apresentar-nos diante dos demais ou, inclusive, para realizar nosso apostolado; tendo sempre em conta de que não são os meios, nem sequer as formas ou os conteúdos, o mais importante na evangelização, senão o testemunho convincente de uma vida pessoal e comunitária congruente com o Evangelho e com a Regra, nossos dois paradigmas de ação. Da Regra aprendemos que, desde as casas que se constroem, até a roupa que se usa, os alimentos que se ingerem ou o trabalho que se realiza, tudo deve ser passado, pelo irmão menor, no filtro da minoridade evangélica.
- Nós, os herdeiros do carisma franciscano, deveríamos optar sempre por estilos de vida austeros, caracterizados por um uso moderado e eficiente das coisas materiais e das próprias qualidades, sempre abertos a compartilhar solidariamente o que temos, sabemos e somos. Com igual compromisso, deveríamos ocupar-nos em tomar uma clara posição em favor das classes sociais menores, sem que isso signifique uma tomada de posição contra as outras classes. Isto nos permitirá estar próximos a todos, fraterna e alegremente, como servos.
- Esta minoridade que nos faz servos, contudo, não nos torna servís, como aqueles que, para manter satisfeitos a seus superiores, se submetem sempre a eles, de um modo cego. Aquele que é, autenticamente, um irmão menor, está muito longe de comportar-se como ignorante e/ou omissos. De fato, na *RegNB*, servos são, primeiramente, os superiores, que devem estar dispostos a deixar-se corrigir pelos súditos. A respeito, um cenário precioso no qual deve ser patente a opção minorítica é a do exercício da autoridade. Francisco ressignifica totalmente este campo, mediante a imagem do lava-pés, situando o exercício de governo no mesmo âmbito do serviço menor. A minoridade não elimina a autoridade; pede sim, reinterpretá-la: em nossas fraternidades franciscanas, a autoridade deve exercer-se desde a reciprocidade.

- Enfim, em todo tempo e lugar, a minoridade dos franciscanos deve ser vivida com alegria contagiante, porque tem, como fundamento, a certeza de que Deus, no Cristo-Servo, não vacilou em humilhar-se, ao assumir nossa condição decaída, para salvar-nos. Diante d’Ele, que é o único Grande, todos os demais seremos sempre menores.

Sugestões para a celebração

Uma das qualidades mais belas, que caracteriza a quem vive a minoridade, é sua atitude agradecida diante do Deus da vida e seu desejo constante de restituir todo o bem e belo a Ele. A desapropriação interior do irmão menor manifesta-se numa constante ação de graças «à caridade que é Deus». Celebremos, pois, a minoridade, fazendo-nos eco do tríplice agradecimento com o qual, de maneira preciosa, o irmão Francisco introduz o extenso capítulo XXIII da Regra não Bulada¹⁸¹.

¹Onipotente, santíssimo, altíssimo e sumo Deus, *Pai santo* (Jo 17,1) e justo, *Senhor rei do céu e da terra* (cf. Mt 11,25), nós vos rendemos graças por causa de vós mesmo, porque pela vossa santa vontade e pelo vosso único Filho com o Espírito Santo criastes todos os seres espirituais e corporais e a nós, feitos à vossa *imagem e semelhança, nos colocastes no paraíso* (cf. Gn 1,27; 2,15). ²E nós caímos por nossa culpa. ³E rendemo-vos graças, porque, como por vosso Filho nos criastes, do mesmo modo, pelo santo amor *com que nos amastes* (cf. Jo 17,26), o fizestes nascer como verdadeiro Deus e verdadeiro homem da gloriosa sempre Virgem, a beatíssima Santa Maria, e quisestes que nós, cativos, fôssemos remidos por sua cruz, sangue e morte. ⁴E rendemo-vos graças, porque o mesmo Filho vosso *há de vir na glória de sua majestade* (cf. Mt 25,31) para lançar ao *fogo eterno os malditos* (cf. Mt 25,41), que não fizeram penitência e que não te reconheceram, e para dizer a todos os que te reconheceram, adoraram e serviram em penitência: *Vinde, benditos de meu Pai, recebei o reino que foi preparado para vós desde a origem do mundo* (cf. Mt 25,34).

Seguindo o modelo que propomos, convidamos vocês a meditar cada uma das três ações de graças que o Pobrezinho dirige ao altíssimo e sumo Deus: Criador, Redentor e Salvador.

¹⁸¹ RngNB XXIII,1-4.

Primeira ação de graças (v. 1):

«Todos»

**Damos-Te graças, onipotente, santíssimo, altíssimo e sumo Deus,
Pai santo e justo, Senhor rei do céu e da terra.**

«Leitor»

- Motivo do agradecimento: a criação.
 - por Ti mesmo te damos graças,
 - porque criaste todas as coisas espirituais e corporais,
 - porque puseste ao homem, criado à tua imagem e semelhança, no paraíso.

(Silêncio)

Segunda ação de graças (v. 3):

«Todos»

**Damos-Te graças: onipotente, santíssimo, altíssimo e sumo Deus,
Pai santo e justo, Senhor rei do céu e da terra.**

«Leitor»

- Motivo do agradecimento: a redenção
 - porque nos criou por seu Filho,
 - porque fez com que Ele nascesse da gloriosa Virgem,
 - porque quis que fôssemos redimidos por sua cruz, sangue e morte.

(Silêncio)

Terceira ação de graças (v. 4):

«Todos»

**Damos-Te graças: onipotente, santíssimo, altíssimo e sumo Deus,
Pai santo e justo, Senhor rei do céu e da terra.**

«Leitor»

- Motivo do agradecimento: a salvação universal.
 - porque seu Filho virá novamente na majestade de sua glória;
 - porque enviará ao fogo eterno aos malditos;
 - porque chamará benditos a todos aquele que o conheceram, adoraram e o serviram em penitência.

Finalizamos, lendo a parte conclusiva do mesmo capítulo XXIII da *RegNB*¹⁸²:

Nada mais desejemos, nada mais queiramos, nada mais nos agrade ou deleite a não ser o nosso Criador, Redentor e Salvador, único Deus verdadeiro, que é o bem pleno, todo o bem, o bem total, verdadeiro e sumo bem, o *unicamente bom* (cf. Lc 18,19), piedoso, manso, suave e doce, o unicamente santo, justo, verdadeiro, santo e reto, o unicamente benigno, inocente, puro, de quem, *por quem* (cf. Hb 2,10) e em quem está todo o perdão, toda a graça, toda a glória de todos os penitentes e justos, de todos os bem-aventurados que se alegram juntamente com ele nos céus. Amém.

Entoar o Cântico das criaturas.

¹⁸² *RegNB* XXIII,9.



RNB
800
anos!



VIII. «E TODOS OS IRMÃOS PREGUEM COM AS OBRAS» (REGNB XVII,3)

A DIMENSÃO EVANGELIZADORA DOS IRMÃOS MENORES

O anúncio do Evangelho tem sido e é uma das tarefas fundamentais dos irmãos menores ao longo de sua história. Disso nos dão conta algumas fontes externas. Vale à pena destacar, entre elas, o testemunho de Jacques de Vitry, que em sua *Historia Occidentalis*, datada aproximadamente em 1220, diz que os irmãos menores são, também, uma Ordem de pregadores. No mesmo sentido, as crônicas de Rogerio de Wendover, utilizam o título Ordem de Irmãos Pregadores, para referir-se a estes¹⁸³. De igual modo, as fontes internas da Ordem, permitem-nos compreender a vocação evangélica e evangelizadora de Francisco, e os motivos pelos quais ela entrou como uma exigência do projeto evangélico, que o Senhor lhe havia inspirado, para ele e seus irmãos.

Na literatura monástica, comumente, a palavra «século», que nós traduzimos por «mundo», tinha uma conotação negativa: indicava a morte, a fragilidade e a debilidade dos seres humanos e da criação. Inclusive, era utilizada para referir-se ao reino do mal ou do pecado, em oposição ao céu, à graça, à vida monástica ou eclesiástica¹⁸⁴. Em virtude do anterior, a vida religiosa do tempo (eremitas, cenobitas, monges) praticavam a «saída do mundo» (*fuga mundi*) como processo ascético-místico, por meio do qual, se rejeitava tudo quanto o mundo implica, ou,

¹⁸³ Cf. L. LEMMENS, *Testimonia minora saeculi XIII de S. Francisco Assisiensis*, 30 e 81, respectivamente; para a *Historia occidentalis* Cf. também *San Francisco de Asís. Escritos y biografías y documentos de la época*, 958.

¹⁸⁴ Bastaria olhar alguns dos muitos títulos da literatura reportada, para dar-se conta da importância que esta temática tinha no ambiente monástico: *Carmen de contemptu mundi* de Rogelio de Caen, discípulo de Anselmo de Aosta (Cf. PL 158, 705-708); *Poema de contemptu mundi* de Bernardo de Cluny (Cf. *Anglo-Latin Satirical Poets of the Twelfth Century*, Ed. Th. Wright, t. 2, Londres 1872, 3-102); o opúsculo *Apologeticum de contemptu saeculi* de Pedro Damiani e a carta *De fluxa mundi gloria et saeculi despectione*, do mesmo autor (PL 145, respectivamente, 251-292; 8-7-820); o tratado *De vanitate mundi et rerum transeuntium usu* de Hugo de Saint Victor (Cf. PL 176, 703-740) que teve tanta influência nas décadas seguintes. A tais títulos poder-se-ia agregar a obra inconclusa de Lotario de Segni, o futuro Inocêncio III, *De Miseria humanae conditionis* (ed. M. Maccarrone, Locarno, 1955).

nas palavras de São Cipriano: «atravessar o mundo sem contaminar-se do mundo»¹⁸⁵. Nessa mesma realidade, a Francisco é revelada uma forma distinta de viver a perfeição evangélica, que é, precisamente, viver no mundo. De fato, na *RegNB*, a vida dos irmãos é apresentada como «ir pelo mundo»¹⁸⁶.

A *RegNB* não apresenta uma exposição orgânica da temática que estamos tratando, porém, encontramos uma especial concentração, deste tema, entre os capítulos XIV-XVII. Por outro lado, convém recordar que o termo «evangelização» não se encontra nos Escritos de Francisco e, tampouco, era empregado no contexto Medieval. Considerando o anteriormente exposto, faremos uso, não da palavra, mas do conceito evangelização, num sentido amplo. É por isso que dirigiremos nossa atenção para alguns termos relacionados com o dito conceito: «pregar»¹⁸⁷, «anunciar»¹⁸⁸, «enviar»¹⁸⁹, «ir»¹⁹⁰. A partir dos conceitos mencionados e tendo em conta seu significado e alcance nos Escritos, podemos sistematizá-los nos seguintes núcleos temáticos.

1. Fundamentação cristológica da evangelização franciscana

A opção evangélica de ir pelo mundo, tem um fundamento cristológico, como se intui a partir da apropriação que faz da oração sacerdotal de Jesus, segundo o Evangelho de São João, no capítulo 17, citada explicitamente na *RegNB* XXII, 41-55¹⁹¹. O texto de São João não é apresentado em toda sua integridade. Em alguns

¹⁸⁵ «per saeculum sine saeculi contagione transitis», Cf. S. CYPRIANI, *De habitu virginum*, 22, em *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum*, 3, Viena, 1868, p. 203.

¹⁸⁶ *RegNB* XIV,1: Quando os frades vão pelo mundo. O substantivo *mundus* aparece 52 vezes nos Escritos, mas nem sempre é empregado num mesmo sentido. Em seu conjunto podem-se distinguir quatro significados. Em certas ocasiões adquire um sentido espacial, isto é, como um lugar equivalente ao planeta terra com todas as coisas que o compõem, com suas riquezas, p. ex. *RegNB* IX,11. Às vezes é apresentado com um sentido temporal, entendido como a história ou o acontecer humano, p. ex. *RegNB* XXII,46. Também assume um sentido social, enquanto faz referência à sociedade ou ao conjunto dos seres humanos; encontra-se, especialmente, em frases tomadas do capítulo 17 do Evangelho de São João, p. ex. *RegNB* XXII,47. Finalmente, existem frases nas quais tem um sentido moral, como condição teológica, sinônimo de pecado, p. ex. *RegNB* XVII,10. Para esta classificação do termo valemo-nos de URIBE, *Núcleos del Carisma*, 156.

¹⁸⁷ Cf. *Praedicator* : *RegNB* XVII,4 ; *Praedicatoribus* : *RegNB* XVII,5; *Praedicationis* : *RegNB* XVII,4; *Praedicet* : *RegNB* XVII,1.

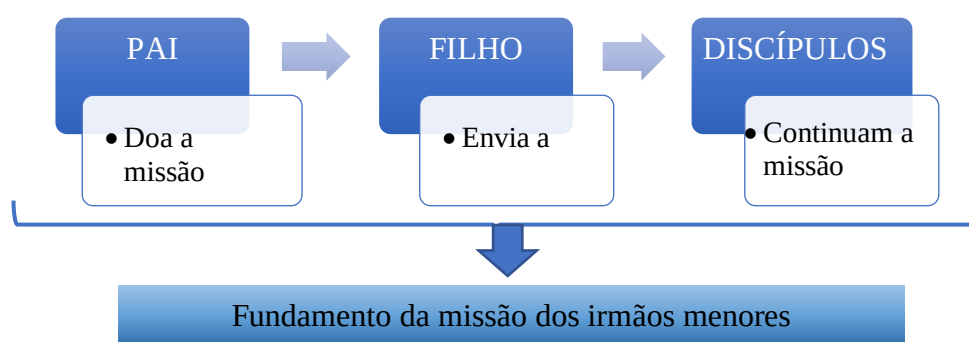
¹⁸⁸ Cf. *Annuntiant* : *RegNB* XVI,7; *Annuntiare* : *RegNB* XXI,1.

¹⁸⁹ Cf. *Mitto* : *RegNB* XVI,1; *RegNB* XXII,51; *RegNB* XXII,5.

¹⁹⁰ Cf. *Vadit* : *RegNB* VIII,3; *Vadunt* : *RegNB* XIV,1; *Vadunt* : *RegNB* XVI,5.

¹⁹¹ Para uma maior compreensão do tema, leia-se: W. VIVIANI, *L'ermeneutica di Francesco d'Assisi. Indagine alla luce di Gv. 13-17 nei suoi scritti*, Roma, 1983, p. 226 ss.

casos suprime expressões, precisamente, aquelas referidas à figura divina de Cristo, em sua relação com o Pai. Isto revela a intenção de Francisco de falar, em nome próprio, com as palavras de Cristo e, de sublinhar, certos temas da, assim chamada, oração sacerdotal. Enquanto se refere ao conteúdo, apesar de que a temática da oração seja complexa, uma simples análise dos verbos usados no texto escolhido, põe em destaque o tema da missão. Cristo «manifestou» o nome de Deus aos doze; estes reconheceram a palavra que o Pai «deu a Cristo» e que Ele «deu a eles» e creram que era o «enviado» do Pai. Cristo deu-lhes sua palavra e o mundo os odiou; não obstante, como o Pai enviou a Cristo, assim este «envia» seus discípulos ao mundo. Ele não ora somente por eles, mas por aqueles que acreditaram em suas palavras. Cristo lhes fará conhecer o nome do Pai. Considerando estas ideias, temos o seguinte esquema:



O Filho recebeu uma missão reveladora do Pai, derivada de seu nascimento no amor e a cumpriu. Como enviado do Pai, também ele envia seus íntimos colaboradores como propagadores da revelação, que é o mesmo Cristo, Verbo do Pai. A este propósito, são consagrados na verdade, com a finalidade de que a difundam no mundo. O apostolado dos discípulos é, então, continuar a missão de Cristo. Como se vê, o tema da missão é como um fio condutor, que une todos os temas: palavra, verdade, unidade, glorificação, consagração, mundo, que aparecem também, com muita frequência, no parágrafo¹⁹².

¹⁹² Cf. F. URIBE, *Strutture e specificità della vita religiosa secondo la regola de S. Benedetto e gli opuscoli di S. Francesco D'Assisi*, Roma, 1979, p. 326-327.

O fato de que um texto tão importante, como é a oração sacerdotal, seja consignado na *RegNB*, com as características assinaladas, já é, de per se, um indício claro de que o «seguimento de Jesus», para o Irmão Menor, encontra uma qualificação eminentemente evangélica na missão dos doze discípulos. Considerando o anteriormente exposto, o seguimento de Jesus, para Francisco, tem como consequência direta, a missão dos irmãos de pregar o Reino, a qual, por sua vez, tem a própria razão de ser na missão de Cristo, suprema revelação do Pai.

2. A alma da evangelização é o Espírito do Senhor

Segundo a *RegNB*, é Jesus Cristo que disse aos irmãos: «nada levem pelo caminho»¹⁹³, «eu vos envio como cordeiros no meio de lobos»¹⁹⁴, «não vos alegreis, no entanto, porque os espíritos se vos submetem»¹⁹⁵, «o Espírito do Senhor, porém, quer que a carne seja mortificada e desprezada, vil e abjeta. E procura a humildade, a paciência e a pura, simples e verdadeira paz do espírito. E deseja sempre e acima de tudo o divino temor, a divina sabedoria e o divino amor do Pai e do Filho e do Espírito Santo»¹⁹⁶. O Espírito do Senhor assume os mandamentos do Senhor e, atuando na interioridade dos irmãos, atualiza-os e permite-lhes observá-los; portanto, a fonte interior da eficácia apostólica é o Espírito Santo.

A missão dos irmãos não se expressa tanto em palavras e exterioridade, mas em deixar espaço para a ação do Espírito do Senhor. O «espírito da carne» busca a relação com a exterioridade, enquanto que o Espírito do Senhor busca a relação com a presença e a ação interior de Deus, que é o único que pode integrar, no irmão, as duas dimensões. O Espírito do Senhor rejeita a exterioridade por si mesma, a sabedoria deste mundo, a prudência da carne, e privilegia tudo o que permite ao Espírito atuar em nós, com sua força e suas modalidades. Em tal sentido, a pregação oral e o ir, em sentido geográfico-espacial, são relegados a um segundo plano.

¹⁹³ *RegNB* XIV, 1.

¹⁹⁴ *RegNB* XVI, 1.

¹⁹⁵ *RegNB* XVII,6.

¹⁹⁶ Cf. *RegNB* XVII, 14-16.

Nos textos evangélicos da missão, eleitos por Francisco, ele sempre omite os «poderes» extraordinários que Jesus confere a seus enviados; mas, sempre, sublinha três ideias: «nada levem pelo caminho», «eu vos envio como cordeiros no meio de lobos» e «não vos alegreis, no entanto, porque os espíritos se vos submetem»¹⁹⁷. Destas três ideias depende toda a missão evangelizadora dos irmãos e nelas evidenciam-se as normas que se referem à interioridade, isto é, a ação do Espírito. «Nada levem pelo caminho», é uma forma de evangelização, porque esta atitude permite aos irmãos fazer espaço ao Espírito do Senhor, que é nosso único evangelizador.

3. O testemunho, a forma privilegiada de Evangelizar

Existe uma relação direta e recíproca entre o ser e a missão do irmão menor; isto quer dizer que, por seus fundamentos mais profundos, o irmão menor é evangelizador e, que, a evangelização não pode ser entendida como um conjunto de atividades cotidianas específicas, senão que reveste todas as dimensões de sua pessoa. Por isso, exorta Francisco: «todos os irmãos preguem com as obras»¹⁹⁸. Preguar com as obras é uma expressão que indica anunciar o Evangelho com a própria vida: a vida é um anúncio evangelizador.

4. Disposições sobre a forma específica com a qual os irmãos menores devem realizar sua missão

Francisco está consciente de que o substrato da missão dos irmãos é a vida evangélica. Em tal sentido, deixa-lhes um texto que recolhe as disposições quanto ao modo e como eles devem ir pelo mundo. Vejamos o seguinte esquema¹⁹⁹:

¹⁹⁷ Os captítulos XIV-XVII da *RegNB* são considerados «a carta magna» do apostolado; Cf. DOZZI, *Il Vangelo nella Regola non bollata*, 205ss.

¹⁹⁸ *RegNB* XVII,3.

¹⁹⁹ *RegNB* XIV, 1-6. As Fontes Franciscanas e Clarianas, usam o termo ‘ao mau’. Mantivemos a expressão “ao malvado”, conforme texto original.

a. A pessoa do evangelizador

1. *nada levem pelo caminho, nem (Lc 9,3) bolsa (cf. Lc 10,4), “nem sacola nem pão nem dinheiro” (Lc 9,3), nem bastão” (cf. Mt 10,10).* 2. *E, em qualquer casa em que entrarem, digam primeiramente: “Paz a esta casa” (Lc 10,5).* 3. *E, permanecendo na mesma casa, comam e bebam do que eles tiverem” (Lc 10,7).*

b. Normas de comportamento

“4. Não resistam ao malvado, mas àquele que lhes bater numa face, ofereçam-lhe também a outra (cf. Mt 5,39; Lc 6,29). 5. “E a quem lhes tirar a veste, não lhes proíbam de tirar também a túnica” (Lc 6,29). 6. Tenham atenção para com todo aquele lhes pede: E se alguém lhes tirar as coisas que são suas, não as peçam de volta (cf. Lc 6,30)”

- a) *A pessoa do evangelizador*: na primeira seção, o Pobrezinho apresenta elementos do discurso do envio missionário dos discípulos. Francisco destaca, especialmente, dois: o primeiro, a pobreza do evangelizador, expressada na maneira de vestir, o uso pobre dos meios para evangelizar e a não preocupação pela comida; o segundo, a condição de portadores da paz. Ele põe a ênfase na pessoa do evangelizador, enquanto que seu aspecto externo e sua mensagem constituem uma mediação evangelizadora através do testemunho da pobreza, da simplicidade e da paz.
- b) *Normas de comportamento*: esta seção possui cinco normas, tomadas do contexto das bem-aventuranças²⁰⁰, apresentadas como pautas de comportamento para os irmãos, quando vão pelo mundo; na *RegNB* adquirem, também, o caráter de pautas para comportar-se quando eles vão em missão. Segundo estas, o discípulo de Cristo não deve fazer justiça por si mesmo; diante da injustiça não deve opor resistência.

À luz do texto, podemos compreender que ir pelo mundo, não se reduz a uma categoria geográfico-espacial, senão que possui, antes de tudo, uma conotação sócio-teológica²⁰¹. Isto significa que a essência da evangelização não consiste tanto

²⁰⁰ Não resistam ao malvado, ofereçam-lhe a outra face, não lhes proíbam de tirar também a túnica, deem a quem lhes pede, não reclamem de quem lhes tira as coisas.

²⁰¹ Cf. DOZZI, *Il Vangelo nella Regola non bollata*, 207.

nos deslocamentos, nem nas palavras, nem nas estruturas de pastoral, quanto na própria vida. Desde este ponto de vista, poder-se-ia dizer que, quando Francisco fala de evangelização, seu interesse predominante se centra mais nos evangelizadores, do que nos evangelizados.

5. Do modo de realizar a missão entre os que não creem

Francisco também indica outra forma de «ir pelo mundo», que é a de ir entre os povos que professam uma religião diferente da cristã, chamados na Idade Média de «infiéis» ou «sarracenos», quando se refere aos que professam o islamismo. A este respeito, o capítulo XVI da *RegNB* apresenta dois textos do discurso missionário, segundo Mt 10,16. Estas palavras são dirigidas aos irmãos, com a autoridade de Jesus: «Diz o Senhor». O critério principal que deve guiar aos irmãos nesta missão é a simplicidade²⁰² (*simplices*), antes que a pregação propriamente dita.

Os irmãos são enviados, atendendo a um critério especial, a «divina inspiração», isto é, não é um capricho pessoal, mas uma obra do Espírito do Senhor que conduz ao irmão, para estar entre (*inter*), preposição utilizada por Francisco e que se inspira na Encarnação de Cristo, que armou sua tenda entre nós²⁰³. «Ir entre sarracenos», pois, significa assumir vida estável entre eles, e não simplesmente visitas esporádicas. Outro elemento importante do texto é que os irmãos devem «comportar-se espiritualmente»²⁰⁴, o que significa não ser guiados pelo espírito da carne, não atuar por interesses de destaque e egoístas, mas guiados pelo Espírito do Senhor. Por isso, os irmãos devem ter o discernimento, para anunciar somente quando «virem que agrada ao Senhor» e em consequência, devem evitar litígios e contendas, ou seja, discussões ideológicas ou doutrinárias, por causa, talvez da religião diferente dos infiéis. Francisco prefere que os irmãos orientem seu comportamento atendendo ao princípio da minoridade e opta por utilizar o verbo «anunciar» em vez de «pregar», o qual supõe que a pregação missionária dos

²⁰² Cf. *RegNB* XVI,1: Sede, portanto, prudentes como as serpentes e simples (*simplices*) como as pombas.

²⁰³ Cf. *Jo* 1,14.

²⁰⁴ Cf. *RegNB* XVII,5.

irmãos tenha uma modalidade *kerigmática*. De fato, o conteúdo de tal anúncio é o convite para que creiam no Deus onipotente e Trino e que se batizem.

Sugestões para a releitura

- O «ir pelo mundo», tem, para Francisco, uma compreensão claramente evangelizadora. Isto significa que, em primeiro lugar, predomina o «ser» sobre o «fazer» e, em segundo lugar, que o «ser» é instrumento de evangelização. Em virtude disso, é compreensível o convite para que «preguem com as obras». Isto gera sérias interrogações à nossa maneira de ser. Podemos dizer, realmente, que estamos pregando com as obras? Quais seriam os aspectos de nosso «ser» que aparecem com mais evidência, como positivos? Quais são os mais vulneráveis? O que poderíamos fazer para superar os aspectos negativos?
- Uma das características da evangelização «quando se vai pelo mundo», típica dos irmãos menores, é o desapego aos lugares, casas e obras apostólicas. Até que ponto um possível apego às obras apostólicas poderia estar impedindo nossa específica missão no mundo, através do testemunho?
- A concepção da vida, como um «ir pelo mundo», tem uma profunda motivação cristológica, enquanto que é a forma específica de seguir a Jesus Cristo, o dom do Pai enviado ao mundo, que veio em pobreza e humildade, para servir a todos. Nossa missão de evangelizadores, «entre» a gente, interpela-nos sobre a maneira do que estamos fazendo, para que o Evangelho chegue realmente a inculturar-se no mundo onde vivemos. Inculturar quer dizer falar a mesma linguagem, proximidade, partilha, porém, não transigir. Como fazer para que, por nosso meio, o Evangelho chegue a inculturar-se, permanecendo sempre como autênticos homens evangélicos?

Sugestões para a celebração

1. *Ambientação*: pode arrumar-se o lugar com o nome dos lugares e das missões nas quais os irmãos prestam seu serviço.

2. Em fraternidade, entoar um canto referido à missão, poderia ser, «vai, vai missionário do Senhor, vai evangelizar...», «alma missionária», etc.

3. *Leitor 1:*

Diz o Senhor: *Eis que eu vos envio como cordeiros no meio de lobos. Sede, portanto, prudentes como as serpentes e simples como as pombas* (Mt 10,16). Por isso, se algum irmão quiser ir para o meio dos sarracenos e outros infiéis, vá com a licença de seu ministro e servo. E o ministro dê-lhes a licença e não lhes oponha objeção, se vir que são idôneos para serem enviados; pois deverá *prestar contas* (cf. Lc 16,2) ao Senhor, se nisto ou em outras coisas proceder de modo indiscreto. Os irmãos que vão, no entanto, podem de dois modos conviver espiritualmente entre eles. Um modo é que não litiguem nem porfiem, mas sejam submissos *a toda criatura humana por causa de Deus* (1Pd 2,13) e confessem que são cristãos. (*RegNB XVI, 1-6*).

4. *Meditação pessoal:* um critério que deve guiar aos irmãos ao executar sua tarefa evangelizadora, quando vão pelo mundo, «guiados por divina inspiração», quer dizer, por uma parte, não seguir o próprio capricho, nem guiar-se por motivações egoístas e, por outra, manter-se num contínuo exercício de discernimento, feito no seio da fraternidade, a fim de que sua vida seja guiada realmente pelo Espírito do Senhor. Pode-se dizer que as obras apostólicas e os demais trabalhos que os irmãos de nossa Província, ou grupo franciscano realizam, respondem a este princípio?

5. *Leitor 2:*

E todos os irmãos, onde quer que estiverem, se recordem de que se doaram e entregaram seus corpos ao Senhor Jesus Cristo. E por amor dele devem expor-se aos inimigos, tanto aos visíveis quanto aos invisíveis, porque diz o Senhor: *Quem perder a sua vida por causa de mim, salvá-la-á* (cf. Lc 9,24) *para a vida eterna* (Mt 25,46). *Bem-aventurados os que padecem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus* (Mt 5,10). *Se me perseguiram, perseguirão também a vós* (Jo 15,20). E: *Se vos perseguirem em uma cidade, fugi para outra* (cf. Mt 10,23). *Bem-aventurados sois* (Mt 5,11), *quando os homens vos odiarem* (Lc 6,2) *e vos maldisserem* (Mt 5,11) *e vos perseguirem e vos excluïrem e vituperarem e proscreverem o vosso nome como mau* (Lc 6,22) *e quando, mentindo, disserem todo mal contra vós por causa de mim* (Mt 5,11). *Alegrai-vos naquele dia e exultai* (Lc 6,23), *porque grande é no céu a vossa recompensa* (cf. Mt 5,12). E eu vos digo, meus amigos, não temais por estas coisas (Lc 12,4), e não

temais aqueles que matam o corpo (Mt 10,28) e depois disso não têm mais nada que fazer (Lc 12,4). Estai atentos para não vos perturbar (Mt 24,6). Pois em vossa paciência possuireis as vossas almas (Lc 21,19), e aquele que perseverar até ao fim, este será salvo (Mt 10,22; 24,13) (RegNB XVI, 10-21).

6. *Meditação fraterna:* A condição para que o «ser», ou seja, a vida dos irmãos, tenha uma função evangelizadora, é que parta de um profundo sentido de minoridade; os irmãos pratiquem o espírito de fraternidade entre si e com todos os seres humanos, sejam portadores de paz a partir de um coração pacificado e observem a pobreza evangélica, tanto em sua pessoa, como nos meios que usam.

Neste mundo dominado pela violência armada e institucionalizada, pelos ódios e rancores, como estamos realizando nossa vocação específica de homens pacíficos? Podemos dizer que nossa forma de «ir pelo mundo» constitui-se num testemunho de não violência ativa? Convidamos vocês a partilhar fraternalmente a reflexão.

7. *Oração final:*

Em toda parte, em todo lugar, a toda hora, em todo tempo, diária e continuamente, creiamos todos nós de verdade e humildemente e tenhamos no coração e amemos, honremos, adoremos, sirvamos, louvemos e bendigamos, glorifiquemos e superexaltemos, magnifiquemos e rendamos graças aos altíssimo e sumo Deus eterno, Trindade e Unidade, Pai e Filho e Espírito Santo (cf. Mt 28,19), criador de todas as coisas e salvador de todos os que nele crêem e esperam e o amam, a ele que é sem início e sem fim, imutável, invisível, inenarrável, inefável, incompreensível, insondável (cf. Rm 11,33), bendito, louvável, glorioso, superexaltado (cf. Dn 3,52), sublime, excelso, suave, amável, delectável e totalmente desejável acima de todas as coisas pelos séculos. Amém. (RegNB XXIII, 11).

IX. «E AQUELE QUE PERSEVERAR ATÉ O FIM, ESTE SERÁ SALVO»

(*REGNB XVI,21*)

A DIMENSÃO ESCATOLÓGICA DOS IRMÃOS MENORES

A vida em penitência é a síntese da vida cristã e é uma resposta ao amor infinito de Deus²⁰⁵:

Bem-aventurados os que morrem (cf. Ap. 14,13) na penitência, porque estarão no reino dos céus. Ai daqueles não morrem na penitência, porque serão *filhos do demônio* (1Jo 3,10), cujas *obras realizam* (cf. Jo 8,41), e irão *para o fogo eterno* (Mt 18,8; 25,41). Precavei-vos e abstende-vos de todo mal e perseverai no bem até ao fim²⁰⁶.

O germe escatológico constitui-se numa característica essencial da forma de vida dos Irmãos Menores. Em efeito, a *RegNB* é uma clara expressão do horizonte futuro e do compromisso atual. Esta síntese teológica, que Francisco nos oferece, considera alguns elementos importantes, como: a itinerância, a pobreza, a esperança e a perseverança. Vejamos, com maior detalhe, estas características, que compõem a fisionomia da esperança futura.

1. A Itinerância

A condição existencial dos Irmãos Menores no mundo é a de peregrinos e forasteiros:

Todos os irmãos se esforcem por seguir a humildade e a pobreza de Nosso Senhor Jesus Cristo e recordem-se de que nenhuma outra coisa nos convém ter de todo o mundo, a não ser, como diz o Apóstolo, *tendo os alimentos e com que nos cobrirmos, com estas coisas estejamos contentes* (cf. 1 Tim 6,8)²⁰⁷.

²⁰⁵ Para um maior aprofundamento, veja-se o estudo, ainda válido, de K. ESSER – E. GRAU, *Respuesta al amor. El camino franciscano hacia Dios*, Santiago de Chile, 1981.

²⁰⁶ *RegNB XXI*, 7-9.

²⁰⁷ *RegNB IX*, 1.

Eles proclamam o verdadeiro senhorio de Deus, a restituição final da condição de igualdade dos Filhos de Deus e a plenitude da esperança no Reino dos céus: *«Pai, quero que, onde eu estou, estejam comigo também aqueles que me deste, para que vejam a tua glória (Jo 17,24) em teu reino (Mt 202,21). Amém!»*²⁰⁸.

A itinerância, que se fundamenta na des-apropriação, é como uma dobradiça que une o presente e o futuro: a vida em penitência se desenvolve no tempo presente, porém sem perder o horizonte final, que dá consistência e plenitude ao peregrinar do cristão. Os Irmãos Menores, ao ter uma meta fixa para a qual caminham, *«a terra dos viventes»*²⁰⁹, realizam opções que lhes permitem antecipar e alcançar a vida eterna: *«Amigos nossos, portanto, são todos aqueles que injustamente nos causam tribulações e angústias, vergonha e injúrias, dores e tormentos, martírio e morte; a estes devemos amar muito, porque, a partir disto que nos causam, temos a vida eterna»*²¹⁰.

2. A pobreza

Jesus prometeu o Reino dos céus aos pobres de espírito. Francisco descobre que a herança prometida é o próprio Deus e a condição prévia para alcançá-la é a pobreza, em seu sentido evangélico. Ela joga um papel importante, já que prepara e outorga a participação futura no Reino de Deus. O Reino de Deus tem os pobres como destinatários privilegiados: *«E devem alegrar-se, quando conviverem entre pessoas insignificantes e desprezadas, entre os pobres, fracos, enfermos, leprosos e os que mendigam pela rua»*²¹¹. É a promessa feita por Jesus, no discurso da montanha: *«felizes os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus»*. Francisco explica que os pobres de espírito são aqueles que se odeiam a si mesmos e amam aos que os perseguem:

Muitos há que, insistindo em orações e serviços, fazem muitas abstinências e macerações em seus corpos, mas por causa de uma única palavra que lhes

²⁰⁸ *RegNB XXII, 55.*

²⁰⁹ *RegB VI, 5.*

²¹⁰ *RegNB XXII, 3-5.*

²¹¹ *RegNB IX, 2.*

parece ser uma injúria a seu próprio eu ou por causa de alguma coisa que se lhes tire, *sempre se escandalizam* (cf. Mt 13,21) e se perturbam. Estes não são pobres de espírito, porque quem é verdadeiramente pobre de espírito se odeia a si mesmo e ama a quem lhe *bate na face* (cf. Mt 5,39)²¹².

O ser pobre de espírito está numa estreita relação com a desapropriação, entendida como um despojar-se de tudo, seja do tipo material, como também do tipo espiritual, tendo sempre como referência a *kénosis* de Jesus Cristo:

E quando for necessário, vão pedir esmolas. E não se envergonhem, mas antes se recordem de que Nosso Senhor Jesus Cristo, *Filho do Deus vivo* (Jo 11,27) e onipotente, *expôs sua face como pedra duríssima* (Is 50,7) e não se envergonhou; e ele foi pobre e hóspede e viveu de esmolas, ele e a bem-aventurada Virgem e seus discípulos ²¹³.

O momento culminante e a prova da desapropriação é a chegada e acolhida da irmã morte, «bem-aventurados os que ela encontrar na Tua santíssima vontade»²¹⁴. A desapropriação é concluída com a restituição, quando tudo retorna à sua origem e originador, que é Deus:

E restituamos todos os bens ao Senhor Deus altíssimo e sumo e reconheçamos que todos os bens são dele e por tudo demos graças a ele, de quem precedem todos os bens. E o mesmo altíssimo e sumo, único Deus verdadeiro, os tenha, e lhe sejam restituídos; e ele receba todas as *honras* e reverências, todos os louvores e *bênçãos*, todas as graças e *glória* (cf. Ap 5,12), ele, de quem é todo o bem, o *único* que é *bom* (cf. Lc 18,19)²¹⁵.

3. A esperança e a perseverança

O substantivo «esperança» e o verbo «esperar» possuem uma especial importância na *RegNB*. A esperança pertence à tríade das virtudes teologais que qualificam o cristão em seu modo de ser e de agir²¹⁶. Deus é o fundamento e o objetivo da esperança do homem; Jesus, pela encarnação e o mistério pascal, cumpre definitivamente a esperança e o anseio do ser humano:

²¹² *Adm XIV*, 4,2-4.

²¹³ *RegNB IX*, 3-5.

²¹⁴ *Cánt 13*.

²¹⁵ *RegNB XVII*, 17-18.

²¹⁶ Cf. M. CONTI, *Dio speranza dell'uomo nelle preghiere di san Francesco*, en *La Speranza*, vol. 2. *Studi biblico-teologici e apporti del pensiero francescano*, Roma,1984, p. 419.

E rendemo-vos graças, porque como por vosso Filho nos criastes, do mesmo modo, pelo santo amor *com que nos amastes* (cf. Jo 17,26), o fizestes nascer como verdadeiro Deus e verdadeiro homem da gloriosa sempre Virgem, a beatíssima Santa Maria, e quisestes que nós, cativos, fôssemos remidos por sua cruz, sangue e morte²¹⁷.

A esperança abraça o passado, o presente e o futuro do homem, porque em Deus está a fonte da salvação. O juízo final não é a aniquilação da história, mas a culminância dos que fazem ou não fazem penitência, inclusive de toda a criação, que espera e anseia a realização final da ação amorosa de Deus, que é o «misericordioso salvador»²¹⁸:

E rendemo-vos graças, porque o mesmo Filho vosso *há de vir na glória de sua majestade* (cf. Mt 25,31) para lançar *ao fogo eterno os malditos* (cf Mt 25,41), que não fizeram penitência e que não te reconheceram, e para dizer a todos os que te reconheceram, adoraram e serviram em penitência: *Vinde, benditos de meu Pai, recebei o reino que foi preparado para vós desde a origem do mundo* (cf. Mt 25,34)²¹⁹.

Porém, nesta tensão entre presente e futuro, Francisco aponta que a esperança é sustentada pela perseverança e pela paciência, que se enraízam no amor, pois somente se permanece no que se ama: «*e aquele que perseverar até o fim, este será salvo* (Mt 10,22; 24,13)»²²⁰. A constância na observância da vida evangélica fortalece as raízes da fé e a espera paciente origina alegria e confiança, mesmo nas tribulações e sofrimentos da vida presente. Deste modo, o tempo presente, inclusive a missão e a evangelização, se abre e projeta em direção ao futuro:

Bem-aventurados os que padecem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus (Mt 5,10). ¹³*Se me perseguiram, perseguirão também a vós* (Jo 15,20). ¹⁴*E: Se vos perseguirem numa cidade, fugi para outra* (cf. Mt 10,23). ¹⁵*Bem-aventurados sois* (Mt 5,11), *quando os homens vos odiarem* (Lc 6,2) *e vos maldisserem* (Mt 5,11) *vos perseguirem e vos excluírem e vituperarem e proscreverem o vosso nome como mau* (Lc 6,22) *e quando, mentindo, disserem todo mal contra vós por*

²¹⁷ RegNB XXIII,3.

²¹⁸ AID 7.

²¹⁹ RegNB XXIII, 4.

²²⁰ RegNB XVI, 21.

causa de mim (Mt 5,11). *Alegrai-vos naquele dia e exultai* (Lc 6,23), *porque grande é no céu a vossa recompensa* (cf. Mt 5,12)²²¹.

O oposto da desapropriação e, portanto, da itinerância, da pobreza, da esperança é a apropriação: «Cuidem os irmãos, onde quer que estiverem, nos eremitérios ou em outros lugares, para não se apropriarem de nenhum lugar nem o reivindicarem de ninguém»²²². Francisco denuncia este perigo, advertindo os irmãos a guardar-se de «toda soberba e vanglória; e, guardemo-nos da sabedoria deste mundo, e da *prudência da carne* (Rom 8,6)»²²³. Estes conceitos, na maioria dos casos, são usados em sentido negativo, para indicar a excessiva preocupação interior pelas coisas deste século, a qual se traduz na agitação ou inquietação interior, que rouba a paz de espírito²²⁴. Esta ansiedade desmedida gera, no coração de quem crê, o apego às realidades deste mundo, que desemboca, geralmente, na tristeza e na angústia diante da impossibilidade de ter ou de perder os bens. Aquele que se apropria está impossibilitado de entrar na dinâmica da restituição e, portanto, na nova lógica do Reino:

E, como diz o Senhor, não considerem os mínimos pecados dos outros (cf. Mt 7,3; Lc 6,41); ¹² meditem muito mais sobre os próprios *na amargura de sua alma* (Is 38,15). ¹³E esforcem-se por *entrar pela porta estreita* (Lc 13,24), porque diz o Senhor: *Estreita é a porta e apertado o caminho que conduz à vida; e poucos são os que o encontram* (Mt 7,14)²²⁵.

Francisco, sem desprezar a vida presente, tem o olhar orientado para o Reino dos céus, como uma situação futura, consumada e plena. Ele olha e pede a intercessão da Igreja triunfante, cujos membros já alcançaram a manifestação gloriosa e a realização manifesta da fraternidade²²⁶. Concluindo, esta perspectiva não tira os irmãos da realidade atual; eles vivem como pobres e peregrinos neste mundo e, desta maneira, alimentam a esperança de uma vida nova, à qual todos devemos aspirar.

²²¹ RegNB XVI, 12-16.

²²² RegNB VII, 13.

²²³ RegNB XVII,9-10.

²²⁴ Cf. URIBE, *La Regla de San Francisco*, 292-293.

²²⁵ RegNB XI, 11-13.

²²⁶ Cf. RegNB 23,6.

Sugestões para a releitura

- A intuição escatológica que Francisco apresenta na *RegNB* está em relação direta com a formulação que o Concílio Vaticano II fez sobre a Vida Consagrada, como antecipação do Reino dos céus. Tornar evidente a esperança da vida futura, na sociedade atual, é uma tarefa nobre e desafiadora, especialmente, porque nosso testemunho de radicalidade evangélica, de relação fraterna e de alegria pascal, deveria provocar e suscitar, nos homens e mulheres, um desejo e anseio de justiça, fraternidade e liberdade.
- A consciência da dimensão futura de nossa vida não significa uma desatenção ou falta de compromisso com a realidade atual. Cair nesta tentação é alienação. Ter claro o horizonte para onde vamos, ajuda-nos a ser mais conscientes e comprometidos com o momento e a realidade presente: um saudável desejo de trabalhar e construir um mundo melhor.
- Os cristãos católicos e todos aqueles que professaram os conselhos evangélicos, estamos convidados a renovar e impulsionar nossa vida e nossas estruturas. Olhar para o futuro, confiados em Deus, significa adquirir um sério e profundo sentido de responsabilidade. Temos uma bela herança carismática: quais são nossas opções carismáticas atuais, pessoais, fraternas e institucionais? O que elegemos viver hoje, configurará o cenário carismático das futuras gerações de cristãos e de consagrados.

Sugestões para a celebração

Depois de termos refletido e dialogado sobre a dimensão escatológica de nossa vida, convidamos vocês a concluir com um momento de oração fraterna:

1. Acender uma vela e abrir o Evangelho. Canto inicial.
2. Propomos a seguinte pergunta: quais são as virtudes (ações, características) que manifestam o Reino de Deus? (pobreza, fraternidade, alegria, minoridade, esperança, perseverança, confiança, etc.). Dizer a resposta em voz alta e deixar um momento em silêncio.

3. Convidar para um momento de prece comum, dizendo: «Vamos pedir que o Senhor nos doe aquelas características que tornam presente, entre nós, o Reino e nós nos comprometamos para que seja assim». Alguém diz, em voz alta: «Senhor te pedimos»: a fraternidade, etc. A cada invocação, todos respondem: «Venha o teu reino Senhor». Repete-se quantas vezes seja necessário, de acordo com as características que vão sendo enumeradas.
4. Oração. O coordenador diz: «Retenhamos, pois, as palavras, a vida e a doutrina e o santo Evangelho, daquele que se dignou rogar por nós a seu Pai e manifestar-nos seu nome, dizendo»:
5. «Todos juntos»

Pai, glorifica teu nome (Jo 12,28), e glorifica teu Filho, para que teu Filho te glorifique (Jo 17,1). Pai, manifestei teu nome aos homens que me deste (Jo 17,6); porque lhes dei as palavras que me deste; e eles aceitaram, e reconheceram que saí de ti e creram que tu me enviaste. Rogo por eles, não pelo mundo; mas por aqueles que me deste, porque são teus, e tudo o que é meu é teu (Jo 17,8-10). Pai santo, guarda em teu nome aos que me deste, para que sejam um assim como nós (Jo 17,11). Falo estas coisas no mundo, para que eles tenham alegria em si mesmos. Eu lhes dei tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou do mundo. Não rogo que os tires do mundo, mas que os preserves do maligno (Jo 17,13-15). Faze-os brilhar na verdade. Tua palavra é a verdade. Como tu me enviaste ao mundo, também eu os envie ao mundo. E por eles me santifico a mim mesmo, pra que eles sejam santificados na verdade. Rogo não somente por eles, mas também por aqueles que acreditam em mim por causa da sua palavra (cf. Jo 17,17-20), a fim de que sejam consumados na unidade e para que o mundo reconheça que tu me enviaste e os amaste como amaste a mim (Jo 17,23). Revelar-lhes-ei teu nome para que o amor com que tu me amaste esteja neles, e eu neles (cf. Jo 17,26). Pai, quero que, onde eu estou, estejam comigo também aqueles que me deste, para que vejam a tua glória (Jo 17,24) em teu reino (Mt 20,21). Amém²²⁷.

²²⁷ RegNB XXII, 41-55. No v. 48, em vez de mal, como é traduzido nas Fontes Franciscanas e Clarianas, optamos pela expressão maligno (nota do tradutor).



RNB
800
anos!



CONCLUSÃO

A *RegNB* é um texto carismático, de grande riqueza e profundidade, que pode ajudar aos filhos e filhas de Francisco de Assis a ler a realidade e projetar a vitalidade e atualidade da vida evangélica. Somos convidados e desafiados a dar uma resposta às perguntas e necessidades do nosso mundo, a partir da pertença e a radicalidade de nossa forma de vida na Igreja e na sociedade. A partir desta perspectiva, podemos evidenciar que o texto que lemos, meditamos e celebramos, nos oferece algumas chaves hermenêuticas importantes, e as sintetizamos nos seguintes pontos:

Dimensão histórica: O breve esboço dos elementos históricos que cercam a gênese da *RegNB*, permite-nos projetar certos pontos de central importância. Em primeiro lugar, é um escrito que não deveria ser reduzido ao puramente espiritual, nem tampouco, somente ao jurídico. As leituras espiritualistas e canonistas não lograram chegar ao coração de um texto que engloba a forma de vida (o ser e o fazer) da fraternidade franciscana. Em segundo lugar, a Regra de 1221, consolida-se sobre dois fundamentos, como coluna: a vocação à vida evangélica, que Francisco recebeu como dom e carisma; e a aprovação eclesiástica, outorgada pela Igreja.

Em nosso contínuo olhar para o futuro, não podemos supor como óbvio, este duplo fundamento de nossas origens remotas: a graça do Altíssimo e a mediação institucional. Neste sentido, é o documento que melhor reflete a identidade que a fraternidade evangélica tinha de si mesma e de sua própria missão na Igreja e no mundo.

Dimensão evangélica: A Regra remete, em primeiro lugar, ao Evangelho, como forma e norma de vida: ele é o ponto de partida e de chegada da forma de vida dos Irmãos Menores. No texto podem identificar-se alguns núcleos narrativos

que concentram o radicalismo de certos temas essenciais do Evangelho, que passam a formar parte do ideal carismático de Francisco e deveriam constituir «nosso próprio ideal de vida»: o seguimento, a minoridade e fraternidade, o projeto do Reino, a vida no Espírito, etc. A relação com o Evangelho é a relação com uma Pessoa: Cristo, «Palavra do Pai». Desta perspectiva pode-se abordar o radicalismo do seguimento de Cristo, o qual exige uma vida e uma experiência vocacional gozosas.

Dimensão do Seguimento de Cristo: Francisco de Assis foi um homem profundamente apaixonado por Jesus, que se converteu no ponto de referência de todos os seus atos. No conjunto das exigências feitas por Jesus, a seus discípulos, existem três que calaram profundamente no coração do Pobrezinho e que tinham, para ele, um significado especial: a primeira, concernente à desapropriação das coisas materiais; a segunda, referida à renúncia do próprio eu, entendido como a tendência egocêntrica, que condiciona a existência de cada um; e a terceira, que implica ordenar os afetos em Cristo, colocando a ele no ponto mais elevado de uma nova escala de valores. O seguimento de Cristo, à luz da *RegNB*, aparece como um processo contínuo, como um convite dirigido ao discípulo, que o conduz a fazer um caminho de purificação do coração, que deve ser compreendido como uma resposta pessoal, livre e responsável, sem deixar-se condicionar por padrões pré-estabelecidos.

A dimensão espiritual: A vida no Espírito é um dos elementos centrais na experiência de Francisco de Assis. Isto nos permite afirmar que o Espírito do Senhor e sua santa operação é o ponto de partida do carisma franciscano; que ele é o eixo articulador da vida do seguidor de Jesus e, ao mesmo tempo, de qualquer projeto, quer seja pessoal, local, provincial ou geral. A ação do Espírito Santo se manifesta em seus frutos: humildade, paciência, paz, alegria, pureza, perseverança, etc.; estes valores podem ser considerados como sinais ou expressões que garantem e manifestam sua presença na vida do Irmão Menor.

Dimensão eclesial: A comunhão eclesial é uma das características essenciais da forma de vida evangélica. A Igreja é o lugar e o critério da verdadeira

fé católica e da conversão; é o lugar da celebração dos sacramentos, onde se oferece aos fiéis a presença e a graça sacramental de Cristo: seu corpo e sangue, o perdão dos pecados e a escuta fiel da Palavra. E, pela mesma razão, é o espaço do fiel seguimento do Cristo Servo. Neste sentido, existe uma relação entre obediência e criatividade evangélica, entre fidelidade à própria vocação e obediência à autoridade eclesial. Esta síntese poderia ser resumida como obediência evangélica criativa.

Dimensão fraterna: O projeto de vida fraterno, em Francisco, encontra o ponto focal em sua convicção profunda de configurar-se com Cristo, Filho de Deus e Irmão dos homens. Francisco descobre, em sua própria humanidade, e na de todos, esta dupla dimensão: a filiação com Deus e a fraternidade com os demais homens e criaturas. O Pobrezinho realiza primordialmente esta dupla experiência em si mesmo: ele se faz fraternidade, para que todos os seus irmãos possam experimentar – como ele experimentou – o gozo de saber-se acolhidos, em igual medida, pela paternidade de Deus. Corresponde-nos, herdeiros deste carisma, encarnar essa maravilhosa experiência de sentir-nos filhos no Pai, irmãos no Filho e no Espírito.

Dimensão minoritária: A minoridade, entendida como um modo de estar no mundo, é uma temática que tece e marca toda a estrutura da *RegNB*, que a enfoca desde dois grandes cenários: a minoridade para o externo (as relações dos irmãos com o mundo) e para o interno (a minoridade que marca e distingue as relações dentro da fraternidade). Em nossos contextos particulares e cotidianos, a minoridade deveria, também, marcar determinantemente nosso mundo de relações internas e externas. Ela, ao ser um componente central da pobreza evangélica que Francisco abraçou sem hesitação e pela qual sempre lutou, se coloca no próprio coração da nossa forma de vida e constitui uma parte fundamental da nossa herança e identidade.

Dimensão evangelizadora: o conceito franciscano de evangelização está intimamente ligado ao testemunho de vida. É por ele que o essencial não está nas palavras pronunciadas, mas na capacidade de experimentar, na própria vida, a

mensagem que se quer anunciar. A vocação evangélica dos irmãos tem, seu fundamento cristológico, no envio que o Pai faz do Filho e que, este, por sua vez, prolonga sua missão enviando aos seus discípulos. Francisco, do mesmo modo, envia aos seus irmãos, para irem pelo mundo. É importante, hoje, refletir, se verdadeiramente, nossas formas de evangelização transparecem ou tornam presente o projeto do Pai, que é o Reino de Deus, que se evidencia nos valores, como a conversão, a minoridade, a fraternidade e a paz.

Dimensão escatológica: O radicalismo e a dinâmica da pobreza é a desapropriação e a restituição de todos os bens. Por isso, ela é o caminho privilegiado para o seguimento de Cristo pobre, que une a dimensão presente e futura. A itinerância é, por sua vez, a atualização e a forma da pobreza. Segundo a *RegNB*, a prática da pobreza implica a não-apropriação; a renúncia pessoal aos bens; o trabalho como forma de presença, serviço e meio de subsistência; a austeridade de vida: opção pela essencialidade; o compartilhar os bens com os pobres; a reserva frente ao dinheiro e o viver com alegria em meio dos pobres e marginalizados. Todos estes valores e atitudes testemunham e antecipam o Reino de Deus e a plenitude da história.

O carisma presenteado por Deus, a Francisco de Assis, é uma fonte viva e dinâmica, que, depois de 800 anos, estimula e desafia a sociedade e a Igreja. Temos um futuro para projetar e desenhar, com as opções que hoje estamos fazendo, pois não somos herdeiros de uma ideologia, mas de uma forma de vida, que está orientada à vivência e radicalidade do Evangelho. A *RegNB* é um ponto de partida para todos aqueles que queiram viver como «irmãos» e «menores».

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes

- Francis of Assisi, the Saint. Early Documents*, edited by J. Armstrong – J.A. Hellmann – W.J. Short, volume I, New York, 1999.
- FRANCISCI ASSISIENSIS *Scripta*, critice edidit Carolus Paolazzi OFM, Hispanicam versionem Scriptorum S. Francisci curavit Isidorus Rodríguez Herrera OFM (†). Hispanicam versionem ex lingua Italica ac totius operis revisionem curavit Raphael Sanz Valdivieso OFM, Collegii S. Bonaventurae ad Claras Aquas, Grottaferrata (Roma) 2014.
- S. BUENAVENTURA, *Sermo V de S. Patre Francisco, Opera Omnia*, IX, Ad Claras Aquas [Quaracchi], 1901.
- San Francisco de Asís. Escritos, biografías y documentos de la época*, edición preparada por J. A. Guerra. Nueva edición corregida y actualizada, Madrid, 2003.

2. Estudios sobre a Regra

- DOZZI D., *Il Vangelo nella Regola non bollata di Francesco d'Assisi*, Roma, 1989.
- FLOOD D. – VAN DIJK W. – MATURA T., *La nascita de un carisma*, Milano, 1976.
- MARANESI P., *Le relazioni tra fratelli*, en *La Regola di frate Francesco. Eredità e sfida*, a cura di P. Maranesi e F. Accrocca, Editrici Francescane, Milano, 2012, p. 507-531.
- QUAGLIA A., *La regola francescana. Lettura storico-esegetica*, Asís, 1987.
- URIBE F., *La “pre-historia” de la Regla franciscana, Re-examen de las fuentes y propuestas en Selecciones de Franciscanismo* 39 (2010) p. 3-35.
- *La Regla de san Francisco, Letra y espíritu*, Murcia, 2006.
- *Strutture e specificità della vita religiosa secondo la regola de S. Benedetto e gli opusculi di S. Francesco D'Assisi*, Roma, 1979.

3. Estudios franciscanos

- ACCROCCA F. – CICERI A., *Francesco e i suoi frati*, Milano, 1998.
- BONI A., *Fraternità*, en *Dizionario Francescano*, Padova, 1995, p. 715-739.
- CHIARELLO, M., *Elementi per un'antropologia: le Ammonizioni di san Francesco d'Assisi*, en *Fides Quaerens*, 1-2 (2013) p. 9-60.

- CICERI A., *Le Ammonizioni*, en *Le origini del francescanesimo negli Scritti di Francesco d'Assisi*, Atti della settimana di francescanesimo (Palermo - Baida, 28 agosto - 2 settembre 2006), Messina, 2007, p. 71-174.
- CONTI M., *Dio speranza dell'uomo nelle preghiere di san Francesco*, en *La Speranza*, vol. 2. *Studi biblico-teologici e apporti del pensiero francescano*, Roma, 1984.
- DOZZI D., "*Así dice el Señor*", *El Evangelio en los escritos de san Francisco*, Oñati-Guipúzcoa, 2003.
- ESSER K. – GRAU E., *Respuesta al amor. El camino franciscano hacia Dios*, Santiago de Chile, 1981.
- *Origini e valori autentici dell'Ordine dei Frati Minori*, Milano 1972.
- HUBAUT M., *La minoridad según san Francisco*, en *SelFranc* 20 (1991) p. 451-461.
- IAMMARRONE G., *Gesù Cristo volto del Padre e modello dell'uomo. L'apporto della visione francescana*, Padova, 2004.
- *Temi teologici francescani*, Roma, 2011.
- IRIARTE L., *Vocazione Francescana, Sintesi degli ideali di san Francesco e di santa Chiara*, 4ª ed. a cura di T. Jansen - W. Block, Bologna 2006.
- LAVILLA M. A., *La imagen del siervo en el pensamiento de san Francisco de Asís, según sus Escritos*, Valencia, 1995.
- LEHMANN L., *Caritas et Sapientia. Raccolta di studi francescani*, Bologna, 2019.
- *Inter-esse come testimonianza francescana*, en *In dialogo. Metodo scientifico e stile di vita*, a cura di L. Bianchi – R. Di Muro, Bologna, 2020.
- *Vivir la pobreza en la perspectiva de minoridad*, en *SelFranc*, 95 (2003) p. 200-212.
- LOZANO J.M., *La sequela di Cristo. Teologia storico sistematica della vita religiosa*, Milano 1981.
- MATURA T., *Francesco, un altro volto*, Paris, 1996.
- MESSA P., *Le fonti patristiche negli scritti di Francesco di Assisi*, Assisi, 2006.
- MICÓ J., *Minoridad*, en *Dizionario Francescano*, Padova, 1995, p. 1115-1140.
- MOLINA B., *El Reino de Dios en el pensamiento eclesiológico y escatológico de san Francisco de Asís, según los escritos y las fuentes hagiográficas del siglo XIII-XIV*, Murcia, 2015.
- *El Reino de Dios en los Escritos de san Francisco de Asís*, en *Laurentianum* 61 (2020) p. 158ss.
- MOTTE I-E., *Se llamarán «hermanos menores»*, en *SelFranc*, 12 (1975) p. 274-280.
- URIBE F. – MOLINA B., *El canto del hombre pobre. Lectura y actualización de las admoniciones de san Francisco de Asís*, Madrid, 2017.
- "*Todos sean llamados hermanos menores*" (RegNB 6,3). *Hacia una identificación de la minoridad a partir de los escritos de s. Francisco de Asís*, en *Verdad y Vida*, 61 (2003) p. 63-104.
- «*Prolegómenos para el estudio de las Admoniciones de san Francisco de Asís. Ensayo introductivo y bibliográfico*», en *Antoniano* 84 (2009) p. 65-108.
- *Modo franciscano de Evangelizar. La Evangelización en las fuentes franciscanas*, Medellín, 2015.

- *Núcleos del carisma de san Francisco de Asís. La identidad franciscana*, Oñati, 2017.
- VAIANI C., *Storia e teologia dell'esperienza spirituale di Francesco d'Assisi*, Milano, 2015.
- VERHEY S., *Der Mensch unter der Herrschaft Gottes. Versuch einer Theologie des Menschen nach dem hl. Franziskus von Assisi*, Düsseldorf, 1960.
- VIVIANI W., *L'ermeneutica di Francesco d'Assisi. Indagine alla luce di Gv. 13-17 nei suoi scritti*, Roma, 1983.

4. Obras patrísticas

- BERNARDO DE CLUNY, *Poema de contemptu mundi*, en *Anglo-Latin Satirical Poets of the Twelfth Century*, t. 2, Londres 1872.
- HUGO DE SAINT VICTOR, *De vanitate mundi et rerum transeuntium usu*, en *PL*: 176, 703-740.
- INOCENCIO III, *De Miseria humanae conditionis*, Locarno, 1955.
- PEDRO DAMIANI, *Apologeticum de contemptu saeculi*, en *PL*: 145, 251-292.
- *De fluxa mundi gloria et saeculi despectione*, en *PL*: 145, 8-7-820.
- ROGELIO DE CAEN, *Carmen de contemptu mundi*, en *PL*: 158, 705-708.
- S. CYPRIANI, *De habitu virginum*, 22, en *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum*, 3, Viena 1868.

5. Outras obras

- A. VAUCHEZ, *La spiritualità dell'Occidente medioevale*, Introduzione di G. Cracco, 3ª ed., Milano 2006.
- DUNN J. D. G., *El cristianismo en sus comienzos, Jesús recordado*, vol. I, traducción de S. Fernández Martínez, Estella, 2009.
- BROWN R., *Para que tengáis vida, a solas con Juan Evangelista*, Bilbao, 1998.



RNB
800
anos!



ANEXO

1221 *Regra não bulada* 2021

Viver e seguir **Carta dos Ministros Gerais Franciscanos**

A todos os frades da Primeira Ordem, pela alegre ocasião dos oitocentos anos da Regra não bulada, nós, Ministros Gerais, enviamos esta carta.

Para fazer grata memória.

Para renovar com paixão o nosso seguimento do Senhor Jesus na forma de vida de Frei Francisco para a Igreja e o mundo como frades menores.

Para louvor de Deus, “que é todo bem, o bem inteiro, verdadeiro e sumo bem” (RNB XXIII,9).

Para começar

Um outro aniversário... Que não seja a visita obrigatória a um museu!

Em 1221 chegava ao término uma das tantas “histórias” que, na tradição cristã, tiveram como êxito final um texto chamado “regra”. Qual é o “gênero literário” em questão? Para nós, a palavra “regra” suscita, com muita probabilidade, um impulso interior de autodefesa, porque o apelo, mais ou menos consciente, é a algo de fixo e esquemático, talvez até estéril. Olhando bem, não é assim. Lendo a *Regra não bulada*, de fato, tem-se a sensação de horizontes que se abrem, de perspectivas que escancaram a alma e fazem entrar ar fresco no coração: à distância de 800 anos!

Sim, 800 anos se passaram, e é inevitável a celebração de um “aniversário”. E também aqui, de imediato, um outro lema – desta vez, de rebelião – surge de espreita em nós: “Um outro aniversário! Para que servirá?”. Façamos uma tentativa: não respondamos de imediato a esta pergunta – “para que serve um aniversário?” – mas vamos deixá-la como pano de fundo. Melhor, tentemos evitar o risco de celebrar a recorrência com uma inclinação semelhante à de quem visita um museu sem ficar tocado, com uma vaga curiosidade turística, sem um mínimo desejo de ser interceptado ao vivo; talvez só porque “se deve”, porque “aquele museu é famoso”. Sejamos, ao invés, os “turistas sérios”, que entram em um museu sabendo que as obras-primas contempladas não nos deixarão, em seguida, tal como entramos. Estamos, portanto, diante da obra de arte que é a *Regra não bulada*; uma obra, sem data e sem autor

Em contínua escuta...
Passagens de vida segundo o Evangelho na *Regra não bulada*

Escrita diretamente, sem data e sem autor

Bem assim! Estamos falando de uma obra que não tem uma datação pontual e precisa; ou melhor: seria preciso recordar tantas datas, datas diversas para trechos diversos do texto. O ano de 1221 é o momento em que o processo termina, a “data última”, por assim dizer. E o autor é São Francisco? Certamente, é ele quem faz bater o coração da *Regra*, quem injeta em seu tecido compositivo a linfa vital do Espírito. Mas precisaria dizer melhor que se trata de uma “regra de grupo”, de uma obra pensada e redigida em diálogo com os *frades* e com os *fatos*. Em antecipação aos tempos, Francisco de Assis foi daqueles que souberam dar voz a um dos mais eficazes princípios do Papa Francisco: “A realidade é superior à ideia” (*Evangelii Gaudium*, nn. 231-233). Não temos, de fato, um texto normativo redigido sobre uma escrevaninha, mas algo que nasceu em diálogo com a vida; é, antes de tudo, um “pedaço de vida”, mais do que um “pedaço de papel”. A palavra escrita busca, assim, dar resposta a perguntas nascidas da escuta continuativa da realidade concreta. Aliás, reconhecemos na *Regra não bulada* a genialidade de quem soube interceptar “ao vivo” interrogações reais e oferecer respostas eficazes. Sim, o gênio tantas vezes está nisso: em ter a capacidade de colher perguntas centrais, não abstratas, mas aquelas mais inflamadas e sentidas “na própria pele”, em primeira pessoa; para dar respostas a tais perguntas capazes de convencer, e “convincentes” não só porque “justas” para aquele momento, mas também porque souberam convencer tantos outros, ao longo dos séculos, a responder à mesma maneira. Após oitocentos anos, ainda estamos aqui, em busca de responder em sintonia com aquelas intuições, pois estamos “convictos” de que valha a pena!

O que toca, desta obra de arte que é a *Regra não bulada*, é sobretudo a índole apaixonada. Ao lê-la, entende-se de imediato que não dá regras *para fazer coisas*, mas busca delinear coordenadas *para viver relações*. Não é um texto *para escribas*, mas para *discípulos* (cf. Mt 13,52). E a relação focal que desencadeia e libera ao máximo as suas energias vitais é aquela com o Senhor Jesus, saboreada verdadeiramente como tesouro para a própria vida. Saboreada de verdade! Corpo e alma! Nós o sabemos: o início da *Regra não bulada* declara sem meios-terms que regra e vida dos frades menores é “seguir a doutrina e os vestígios de nosso Senhor Jesus Cristo (RNB I,1)”, viver o Evangelho. E, capítulo após capítulo, segue-se toda uma série de indicações – às vezes sintéticas, outras vezes, expressas como que com o coração na mão – para que este Evangelho seja vivido; e, para vivê-lo, São Francisco nos convida de tantos modos a dar tudo, a nos liberarmos do que nos amarra. Claro, mas somente se tivermos sido atingidos pela surpresa e pela consolação do Senhor Jesus presente em nossa vida, tem sentido viver “sem próprio” (RNB I,1); do contrário, é triste pauperismo. “Nada mais, portanto, desejemos, nada mais queiramos, nada mais nos agrade e deleite a não ser o Criador e Redentor e Salvador nosso, único verdadeiro Deus, que é o pleno bem, todo bem, o bem inteiro, verdadeiro e sumo bem, que só ele é bom” (RNB XXIII,9); seria triste, talvez São Francisco nos diria com seus primeiros frades, se quiséssemos “vender tudo” sem termos sido antes conquistados pela alegria de um

semelhante tesouro, que superou qualquer nossa expectativa, o tesouro que é Jesus, o tesouro daquele olhar imensamente simpático que o Filho de Deus sempre dirige a cada um de nós, suscitando comunhão.

Espiritualidade e não espiritualismo

Mas o espírito do Senhor [...] se esforça pela humildade e paciência e pura e simples e verdadeira paz de espírito.
(RNB XVII,14-15)

Entre as “cores” e “tonalidades” mais fascinantes deste texto está, sem dúvida, a sua simplicidade. Atenção: não a banalidade de uma simplificação muito fácil, mas a inteligência cortante de quem descobriu um fio condutor capaz de dar liga, de manter unido. E, portanto, tudo o que mantém unido o corpo da *Regra não bulada* parece ser justamente a centralidade unitária da vida no Espírito. O que isso significa? Também aqui, quer dizer, em primeiro lugar, diálogo com a vida! Francisco de Assis não sabe de antemão o que é Espírito Santo e como age, mas é a terra áspera da vivência diária que lhe faz reconhecer o timbre daquela que é a voz do Espírito. A voz do Espírito tem um timbre próprio inconfundível e delicadíssimo, que São Francisco soube ouvir com uma atenção de máxima fé! E fez de modo que a *Regra* pudesse guardar e entregar percursos bons para todos, para viver justamente assim, tendo o Espírito do Senhor. Podemos assim dispor de algumas indicações fecundas também para nós, após oito séculos; indicações não espiritualísticas, isto é, não estabelecidas de antemão em relação à vida, ideologicamente; mas espirituais, pois “capturadas” das vibrações do sopro do Espírito no ar respirado habitando em meio aos seres humanos. Quais são estas indicações espirituais? Ao menos, as mais preciosas? Talvez poderiam ser sintetizadas em torno a alguns pontos nevrálgicos:

- *Concretude diária*: a *Regra não bulada* põe as mãos na massa da existência, com os seus fermentos por vezes contraditórios e, por vezes, promissores; em todo caso, não se perde na definição de normas ascéticas, e a sua maior preocupação é a de cuidar da vida, em todas as suas formas. Prioriza o caminho da vida! Não a preservação obstinada de estruturas. E também aqui se poderia citar: inicia processos, não se apropria de espaços! (cf. EG 223)
- *Sem ânsias por aplausos*: de muitos modos – e, às vezes, sobre isso, parece quase que São Francisco fale colocando-se de joelhos – somos exortados a prestar atenção, para que sejamos significativos; mas não presa de uma significatividade que seja exibicionismo. Bem sabia o nosso santo o quanto sutil e sorrateiro seja o limite: iludir-se de que “se esteja vivendo o Evangelho” porque se tem muito séquito e muitos aplausos, muitas *curtidas* ou *seguidores* em nossas *redes sociais*. Necessária é a humilde vigilância, pois “o espírito da carne quer e se esforça muito por ter palavras, mas pouco pelas obras, e busca não a religião e a santidade no espírito interior, mas quer e deseja ter religião e santidade que apareçam fora para os homens” (RNB XVII,11-12). Às vezes, talvez, o risco é o de chamar de “profecia” aquilo que é apenas vitrine cintilante. Mas São Francisco o sabia: a profecia não é palco, e pede muita humildade, muita trepidação... não por outra razão que os profetas, geralmente, têm um fim trágico.

- *Uma grande perda de tempo*: é superabundante a profusão de palavras empregadas pela *Regra não bulada* para fazer com que os frades não sejam mesquinhos em dedicar tempo para a oração: “Por isso, irmãos todos, guardemo-nos muito, para que sob a aparência de alguma mercê, ou obra ou ajuda, não percamos ou tiremos do Senhor nossa mente e coração. Mas na santa caridade, que é Deus, rogo todos os frades, tanto ministros como os outros, afastado todo impedimento e posposto todo cuidado e solicitude, no melhor modo que puderem, façam servir, amar, honrar e adorar o Senhor Deus de coração limpo e mente pura, que ele busca acima de tudo, e sempre façamos aí habitação e morada para aquele que é o Senhor Deus onipotente” (RNB XXII,25-27). Convite este realmente espiritual: convite à gratuidade, à generosidade de passar tempos aparentemente estéreis, mas que, na realidade, nutrem a vida espiritual. Sem a obstinação desta fidelidade à oração, para São Francisco, tudo corre o risco de se tornar uma farsa, ou, na melhor das hipóteses, esforço voluntarista sem alegria.

Em oposição ao “Antifrancisco”. Apenas como irmãos!

*Portanto guardai vossas almas e as dos vossos frades.
Todos os frades não tenham nisso poder ou domínio entre si*
(RNB V,1.9)

Assim como há um “Anticristo” (cf. 1Jo 2,18), assim também um “Antifrancisco”. É a dedicação à qualidade da vida fraterna o critério discriminante? Não só a vida fraterna, mas, certamente, o cuidado ou, ao contrário, o desinteresse em vivê-la põe uma diferença. A *Regra não bulada* não poupa exortações para que o seguimento de Jesus seja vivido como irmãos. E, quase como uma espécie de “dogma”, de condensado palpável entre as linhas do texto, poder-se-ia arriscar assim: nada é tão “antifranciscano” (mas, seria preciso dizer, anticristão) quanto um estilo de vida que se fundamente fora de uma paixão pelos vínculos fraternos, a alma-vida dos quais deve ser salvaguardada!

Francisco parece justamente intencionado em fazer nascer em nós um são horror por toda forma de indiferença para com o outro; e traça inúmeros convites, também estes colhidos das estradas da vida, para que se possa manter acesa no coração a persuasão de que o outro é sempre para nós uma “dívida”, uma voz que nos chama, alguém a quem não podemos não dedicar atenção. De inúmeras formas! Algumas delas, após séculos, mantêm-se luminosamente todo o seu encanto:

- *Amabilidade sem fingimento*: um inimigo a ser combatido são as “caras feias”, dos fechamentos obstinados, das poses falsamente humildes (mas tediosas e oprimintes)! “E cuidem de não se mostrar tristes por fora e sombrios hipócritas; mas se mostrem alegres no Senhor e bem-humorados e convenientemente amáveis” (RNB VII,16). Mas, assim, é preciso sorrir sempre? Não é este o ponto! Não se trata de nos tornarmos peritos no fingimento de belos sorrisos exibidos para todos os lados; mas será fundamental não se deixar levar pelos pesos do próprio sentir, sempre móvel e inquieto. Nosso coração será escutado também quando

estiver triste, claro, mas sem que se deva jogar no rosto do outro o nosso mau humor.

- *Anestesia em relação ao “muito sensível”*: tantas vezes há “leprosos” para encontrar, proximidades ásperas e difíceis para visitar. Também aqui: *a Regra não bulada* põe em alerta e nos convida a “anestesiá”, a calar aquelas vozes em nós que nos levariam a fugir para longe, a tomar distância. O convite dirigido aos frades, ao contrário, é a “alegrar-se quando convivem com pessoas vis e desprezadas, com pobres e fracos e doentes e leprosos e os que mendigam à beira da estrada” (RNB IX,2). A tarefa, certamente, torna-se mais difícil quando o irmão do qual não se deve fugir é o pobre: é a voz que destoa das minhas vestes, é a mão que me obriga a criar vias inéditas de comunhão, são as feridas que não se gostaria de olhar e que convidam a assumir uma nova sensibilidade (nada para anestesiá, desta vez!): a do coração compassivo de Jesus.
- *Um atrevimento para se recuperar: aprender do sofrer*. Que a vida fraterna não seja um passeio leve e romântico é uma consciência bem presente na *Regra*. O que toca, a propósito de vida fraterna, é que as dificuldades experimentadas, às vezes agudas, são para Francisco também elas acolhidas como oportunidade; ele diria até mesmo “uma graça”! O desafio (e, desta vez, é realmente assim!) é se deixar tocar pelas pessoas que mais se teme ou que mais incomodam, sem ter sempre que fugir; pode ser que se consiga aprender algo novo, ao menos, uma pitada daquela liberdade que se saboreia quando, talvez gaguejando, conseguimos “morrer para renascer”.

Menos de quem conta menos. Para falar de “minoridade”

E nenhum se chame prior, mas em geral todos se chamem frades menores
(RNB VI,3)

Frades menores. Eis o nome de batismo que São Francisco quer dar àqueles que escolhem se confiar e viver segundo esta Regra. Minoridade! Palavra de inúmeros significados e facetas inimagináveis. É possível encontrar uma fórmula sintética que abranja todos? Muitas e eficazes são as tentativas feitas para este esforço de síntese. E, sem pretensão de exaustividade, provavelmente se poderia supor que “minoridade” seja a escolha de querer contar “menos de quem conta menos”. Isto, sim, é profecia! Isto, sim, é um núcleo quase impossível de viver, mas que mantém intacta a sua capacidade de nos pôr em alerta diante de todo risco de grandiosidade ou de posse. Trata-se de uma virtude?

- Mais justamente, talvez se deveria dizer que minoridade não é tanto uma atitude ascética solitária, ou seja, um conjunto de opções comportamentais – com o risco de que sejam mortificantes e redutivas; escolhas próprias, quase que em busca de uma “perfeição pessoal interior”. É mais um modo de estar na vida; e, neste sentido, é um modo de estar em relação: com as pessoas, com a criação, com Deus. Menor é quem jamais se cansa de reconhecer, plenamente, que tudo o que é provém de Deus e, portanto, não pode deixar de viver em “estado de gratidão”.
- Sinodalidade, discernimento comunitário: talvez estejam entre as expressões mais recorrentes na Igreja hoje. Nós sabemos: quando muito se fala de algo, é porque provavelmente se sente sua falta, sua urgência. Ou então porque temos medo de

ser realmente sinodais ou tememos o fato de que, fazendo discernimento juntos, sempre devemos perder algo de nós mesmos. Os termos em questão são modernos; São Francisco não os conheceu ou usou, contudo, os frequentíssimos apelos às várias formas de obediência encontram espaço na *Regra não bulada* em um contexto de escuta e serviço recíprocos: “antes, pela caridade do espírito, sirvam e obedeçam uns aos outros” (RNB V,14). Minoridade é também isto: não somos nós que produzimos como própria a “verdade”, mas ela nos é sempre doada “de fora”, da escuta recíproca “pela caridade do espírito”.

- A síntese vital e efetiva da minoridade talvez deveria ser reconhecida na lógica da expropriação, que na *Regra-não bulada* aparece declinada segundo perspectivas múltiplas e complementares, todas a qualificar a postura de uma pessoa que, para si, não detém nada: restituir, doar, servir, louvar, agradecer, bendizer (cf. RNB XXIII).

Em santa extroversão. Ir pelo mundo

Quando virem que agrada ao Senhor, anunciem a palavra de Deus
(RNB XVI,7)

Sermos doados ao Senhor, melhor, sermos abandonados inteiramente a Ele – “E todos os frades, onde quer que estão, lembrem que se deram e cederam seus corpos ao Senhor Jesus Cristo” (RNB XVI,10) – representa um movimento constitutivo na vida dos menores, chamados a se alegrar com sua pertença ao Senhor não singularmente ou buscando comunhões de espírito apenas intracomunitárias (sempre precárias); mas atendendo ao convite do Senhor a sermos missionários, a percorrermos as estradas do mundo para anunciar a palavra de Deus. Na *Regra não bulada* não se encontram tantas palavras que digam em que consista a pregação; não há instruções analíticas sobre as “coisas” para dizer. Contudo, podemos estar certos de que, nas intenções de São Francisco, haja o desejo de favorecer uma pregação feita com as obras; antes de tudo, mediante a renúncia a toda forma de reivindicação em relação àqueles que encontrarmos. O anúncio explícito da palavra de Deus permanece importante, mas na consciência da responsabilidade de não trair, mediante o estilo das próprias relações, o Evangelho proclamado verbalmente.

Ao contrário, ainda mais radicalmente, talvez não estejamos longe da verdade se evidenciarmos na *Regra não bulada* um fato, por si só, libertador e surpreendente: muitas vezes anunciamos o Evangelho sem dizer ou fazer, mas acolhendo sem amargura a própria condição de pobres, todos chamados primeiramente a receber. Anunciamos a mensagem da salvação mostrando, na própria carne, a condição radical de limitação, sempre necessitada de misericórdia: “E porque todos nós, miseráveis e pecadores, não somos dignos de te nomear, imploramos suplicantes que nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho dileto, em quem bem te comprouste, junto com o Espírito Santo Paráclito te dê graças” (RNB XXIII,5).

Para concluir

Um selo jamais posto

Não bulada: a expressão serve para precisar que nos encontramos diante de um texto que jamais recebeu o selo de uma aprovação oficial, mediante bula papal; por várias razões. Talvez valha a pena aproveitar de tal falta de bula para lembrá-la não apenas pelo dado formal e jurídico, mas também para valorizar seu alcance existencial. Queremos, assim, dar graças ao Senhor pelo dom de um testemunho – mais do que de um texto – que permanece “sem limites”, ainda aberto e “generativo”. No papel, a *Regra não bulada* não pode ser seguida, mas pode sê-lo na existência de quem acolhe, por “inspiração divina” (RNB II,1), o convite a viver a própria fé em sintonia com a genialidade de São Francisco.

Em meio a tantas labutas do nosso tempo, participantes das ânsias de tantos homens e mulheres nas mais diversas partes do mundo, contudo, todavia, desejamos manter acesa a chama otimística da esperança cristã, acolhendo de coração o grato ímpeto de São Francisco que, entre as misérias do mundo, jamais renuncia a bendizer o Senhor, “que só ele é bom, manso, suave e doce, que só ele é santo, justo, verdadeiro, santo e reto, que só ele é benigno, inocente, puro; de quem e por quem e em quem é todo perdão, toda graça, toda glória” (RNB XXIII,9).

Convidamos todos os membros da Família Franciscana a se unirem a nós para comemorar o convite de São Francisco, expresso claramente na Regra não bulada, a viverem uma vida guiada pelo Espírito de Deus, enraizada na experiência humana e aberta ao amor e proximidade surpreendentes que Deus oferece àqueles que estão dispostos a permitir-Lhe que esteja no centro de toda a vida.

Onipotente, santíssimo, altíssimo e sumo Deus,

Pai santo e justo,

Senhor rei do céu e da terra,

por ti mesmo te damos graças! (RNB XXIII,1)

Roma, 4 de outubro de 2020, Solenidade de São Francisco de Assis

Fr. Michael A. Perry
Minister generalis OFM

Fr. Roberto Genuin
Minister generalis OFM Cap

Fr. Carlos A. Trovarelli
Minister generalis OFM Conv

Rogo a todos os meus frades que aprendam o teor e o sentido das coisas que estão escritas nesta vida para salvação de nossa alma e que frequentemente as tragam à memória (RNB XXIV,1)

Prot. 009/2020

<https://ofm.org/es/blog/vivir-y-seguir-carta-de-los-ministros-generales-franciscanos-en-la-ocasion-de-los-800-anos-de-la-regla-no-bulada/>

— ✱ —
RNB
800
anos!
— ✱ —

ISBN: 978-65-88060-09-4

CD



9 786588 060094